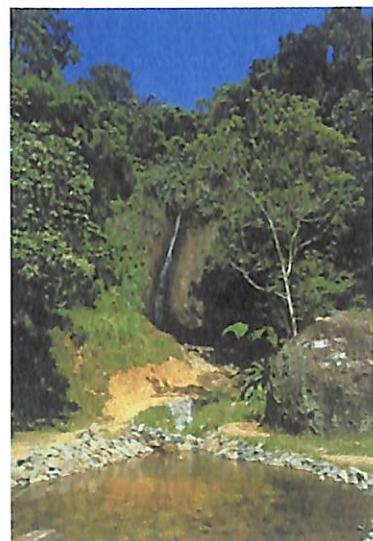
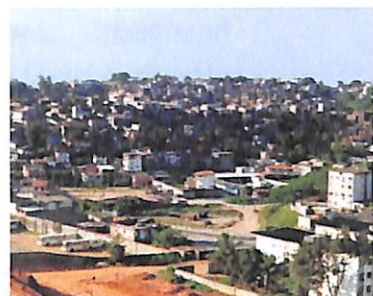
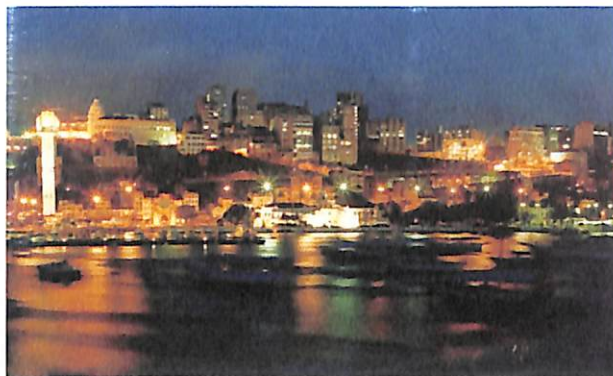
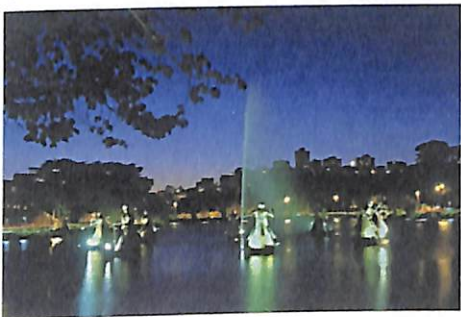
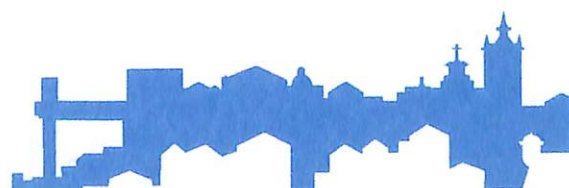


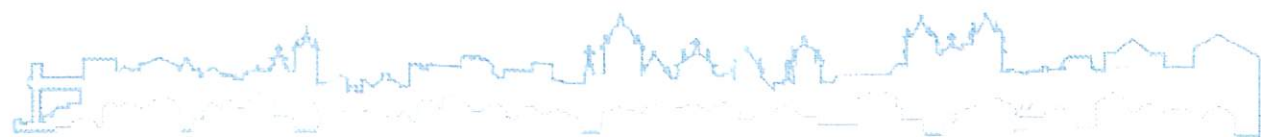



 P R E F E I T U R A
SALVADOR
 SECRETARIA MUNICIPAL
 DO PLANEJAMENTO, URBANISMO
 E MEIO-AMBIENTE

Salvador Dinâmica

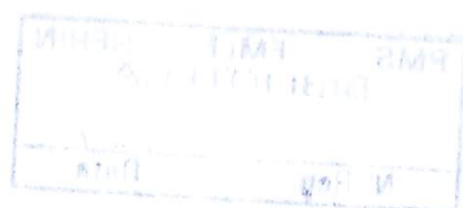
A Economia Soteropolitana pela Ótica da Ocupação


 PLANO DIRETOR DE
 DESENVOLVIMENTO
 URBANO Salvador 2000 **PDDU**



Prefeitura Municipal do Salvador
Secretaria Municipal do Planejamento, Urbanismo
e Meio Ambiente
Coordenadoria Central de Planejamento e Desenvolvimento Urbano
Centro Educacional de Tecnologia em Administração
Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Ciências Econômicas

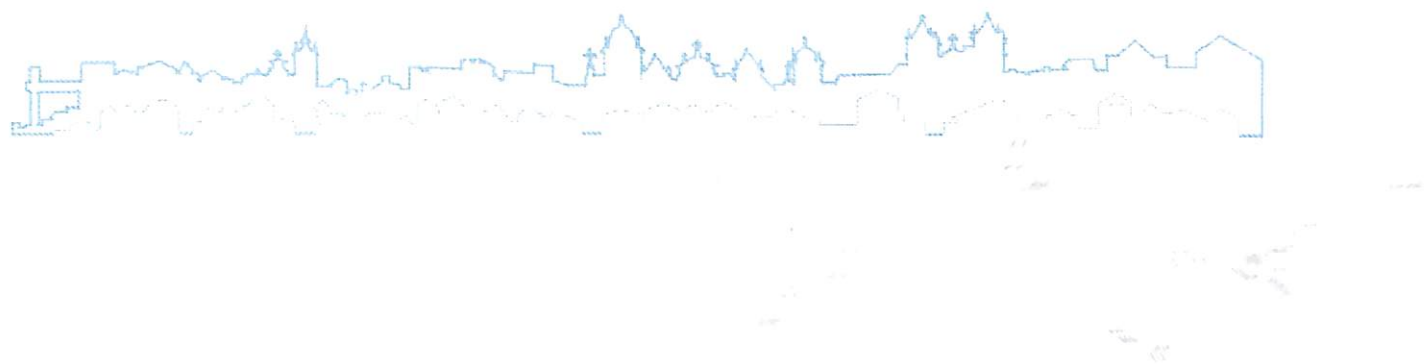
Salvador Dinâmica: A Economia Soteropolitana Pela Ótica da Ocupação



Janeiro 2001

ECO-265

PMS	FMLF	GERIN
BIBLIOTECA		
4493	27.02.03	
Nº Reg.	Data	



Prefeitura Municipal do Salvador

Antônio José Imbassahy da Silva
Prefeito

Secretaria Municipal do Planejamento, Urbanismo
e Meio Ambiente

Manoel Raymundo Garcia Lorenzo
Secretário

Coordenadoria Central de Planejamento
e Desenvolvimento Urbano

Maria das Graças Torreão Ferreira
Coordenadora



Coordenação Geral

Maria das Graças Torreão Ferreira

Colegiado de Coordenadores do Plano

Fernando Sérgio Barbosa Teixeira
Heloísa Oliveira de Araújo
Ilce Maria Marques de Carvalho
Liana Sílvia de Viveiros e Oliveira
Luiz Chateaubriand Cavalcanti dos Santos
Rosa Alba Sarno Braga

Núcleo de Geoprocessamento

Jandira Maria de Fátima França – *Coordenadora*
Adriana de Freitas Abbehusen
Rosimeire Brandão Santos

Equipe de Acompanhamento do Estudo

Antônio Luiz de Carvalho Fernandes
Frederico Santana dos Reis
José Ribeiro Soares Guimarães
Luiz Chateaubriand Cavalcanti dos Santos
Marlene Araújo Hurst

Consultoria

Sérgio Zaratini

Centro Educacional de Tecnologia em Administração

Altamiro Castilho de Almeida Filho - *Diretor*

Universidade Federal da Bahia

Heonir Rocha - *Reitor*

Faculdade de Ciências Econômicas

José Sérgio Gabrielli de Azevedo - *Diretor*

Equipe Técnica

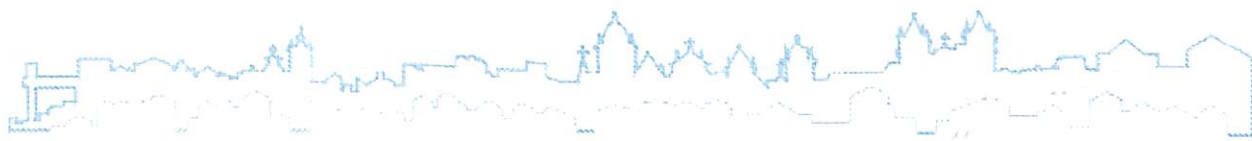
Paulo Henrique de Almeida - *Coordenador*
Arnaldo Ferreira Nobre
Luciano Damasceno Santos
Mariana Rabello Pereira
José Sérgio Gabrielli de Azevedo – *Consultor*

Programação Visual

Salles Assessoria e Consultoria Ltda.

Fotografias da Capa

Artur Ikishima / Arquivo Bahiatursa
Aristides Alves / Arquivo Bahiatursa
Frederico Mertens / Arquivo Bahiatursa
Tonny Bittencourt
Valter Pontes



Apresentação

O presente documento, referente ao Estudo sobre *Salvador Dinâmica: A Economia Soteropolitana Pela Ótica da Ocupação* integra coletânea de estudos que se constituem, nos termos da lei de aprovação do PDDU Salvador 2000, em peças acessórias desse Plano, estando, nessa condição, sob custódia da unidade de planejamento da Prefeitura do Município, e à disposição dos cidadãos e associações representativas da população para consultas e verificações.

Os temas abordados nos estudos que compõem a coletânea tiveram por finalidade atualizar a compreensão a respeito de todos os assuntos que devem ser objeto de análise, projeções e proposições do Plano. Nessa condição, cobriram os aspectos sociais e econômicos da realidade local, os ligados à infra-estrutura e aos serviços e equipamentos sociais, aos quadros espacial e do meio ambiente, à habitação, à cultura, à organização administrativa municipal, e à gestão de todos os assuntos que cabem na esfera da competência do Município, ou que, sendo objeto da atuação de outros níveis de governo, dizem respeito diretamente ao desenvolvimento de Salvador.

Muito embora a finalidade imediata dos estudos seja a de prover os subsídios necessários à definição dos conteúdos do PDDU, os resultados obtidos transcendem essa finalidade, acabando por se constituírem num apanhado geral das condições do Município totalmente atualizado e explicitativo das transformações estruturais e conjunturais pelas quais vem passando Salvador. Dada essa qualificação, o uso dos estudos tende a ser o mais amplo possível, seja por parte da Administração, seja pelas forças econômicas atuantes no Município, seja por estudiosos da realidade soteropolitana, ou por qualquer outro setor da comunidade.

Por outro lado, ressalta do conjunto dos estudos a complexidade de que se reveste, hoje, a realidade de um Município como Salvador, complexidade essa que se revela tanto nas alterações incorridas nos paradigmas organizacionais e produtivos da atividade econômica, ligadas à inserção do País no ordenamento econômico/financeiro emergente no final do século, quanto nas mudanças e diversificação do perfil social da população do Município, como, também, nos diferentes sistemas técnicos e de gestão da infra-estrutura e dos serviços sociais e municipais instalados em Salvador.

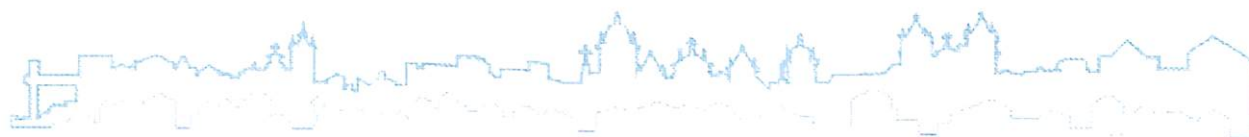
Como resultado dessa complexidade ampliada, que faz avultarem os conflitos distributivos e as disputas entre demandas dos diferentes agentes e setores da comunidade pelos bens públicos e comuns, mais complexas, também, se tornam as questões ligadas ao território, ao assentamento urbano e não-urbano e ao meio ambiente, que conformam o suporte espacial e físico para o conjunto de processos sócio-econômicos em curso no Município. Nesse sentido, os estudos servirão também como referência para, praticamente, todas as políticas públicas definidas e operadas em Salvador, apontando às mesmas a necessidade de uma qualificação ampliada e inovada, e da superação dos velhos paradigmas da atuação isolacionista e segregada por setores de gestão, em favor de práticas caracterizadas pela cooperação inter-setorial.

Com toda a atualização de compreensão que permitem a respeito da realidade de Salvador, os estudos desta coletânea são todos estudos aplicados e direcionados para fins práticos de planejamento, não se confundindo com trabalhos de tipo acadêmico. Não obstante, grande parte dos mesmos foi elaborada com o concurso de professores universitários de Salvador e de centros de ensino superior e pesquisa do interior da Bahia, em demonstração clara do avanço que o conhecimento e a prática universitária vêm apresentando em pólos do Estado que não a Capital.

Da mesma forma, o concurso, para os estudos de consultorias contratadas externamente, se deu quase que por inteiro junto ao setor sediado no Estado da Bahia.

Assim, será possível afirmar-se que a presente coletânea, além das características anteriormente apontadas, de abrangência, atualidade e variedade de usos potenciais que reúne, constitui-se em um momento de afirmação da cultura e da capacidade científico-tecnológica baiana, no equacionamento das realidades do Estado e de sua Capital, assegurando ao planejamento de Salvador o respaldo de conhecimento compatível com os desafios que se colocam para o Município no limiar do terceiro milênio.

Manoel Raymundo Garcia Lorenzo
Secretário Municipal do Planejamento, Urbanismo
e Meio Ambiente



Sumário

1. INTRODUÇÃO	
2. A EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA DE SALVADOR E SEU SIGNIFICADO ECONÔMICO	14
2.1 Tamanho da População e Taxas e Crescimento	14
2.2 Imigração e Situação na Hierarquia Urbana Estadual	19
2.3 Mudanças na Estrutura Etária da População Soteropolitana	21
2.4 Mudanças na Estrutura Familiar Soteropolitana	26
2.5 Distribuição da População e da Economia de Serviços em Salvador	28
3. A QUESTÃO DO DESEMPREGO	35
3.1 Evolução do Desemprego	35
3.2 Explicações para o Desemprego em Salvador	37
4. ESTRUTURA DA ECONOMIA DE SALVADOR	45
4.1 Tamanho da Economia de Salvador	45
4.2 Estrutura da Economia Soteropolitana	47
4.3 Especializações e Lacunas da Matriz Econômica de Salvador	53
4.4 O que os Dados de Consumo Revelam	57
5. OS SEGMENTOS DE MAIOR DINAMISMO	59
5.1 Os Segmentos que Crescem	59
5.2 O Caso do Turismo	64
5.3 Os Segmentos que Devem Continuar Crescendo	71
6. OS SETORES E AS OCUPAÇÕES DO FUTURO	75
6.1 Onde os Empregos Podem ser Criados	75
6.2 O Significado da Ford	82
6.3 Demografia e Futuro da Economia de Salvador	85
7. PROPOSIÇÕES PARA UMA NOVA ECONOMIA	88
7.1 Expandir e Modernizar a Base Local de Serviços Empresariais	90
7.1.1 <u>Planejar um Novo Centro de Serviços Empresariais</u>	92
7.2 Garantir aos Empreendedores e às Empresas Locais o Fácil Acesso aos Mercados Globais	93
7.3 Investir no Capital Humano da Cidade	98
7.4 Estimular o Desenvolvimento de Alguns Clusters	100
7.4.1 <u>Acreditar nos Clusters de Serviços</u>	103

7.5 Desenvolver Alguns Clusters	104
7.5.1 <u>O Cluster de Saúde</u>	104
7.5.2 <u>O Cluster de Educação</u>	107
7.5.3 <u>O Cluster da Indústria de Vestuário</u>	110
7.6 Incentivar Indústrias Promissoras	112
7.6.1 <u>Indústria de Alimentos</u>	112
7.6.2 <u>Indústria Editorial, Gráfica e Multimídia</u>	113
7.6.3 <u>Indústria de Mobiliário e Artigos de Madeira</u>	115
7.6.4 <u>Indústria Plástica</u>	115
7.6.5 <u>Indústria de Comunicação e Diversão</u>	116
7.6.6 <u>Construção Civil</u>	117
ANEXOS: DADOS SUPLEMENTARES SOBRE RENDA E CONSUMO NA RMS E SALVADOR	118



Listagem das Tabelas

TABELA 2.1	
População Municipal Total das Principais Cidades Brasileiras e Baianas	15
TABELA 2.2	
Brasil - Crescimento da População de Capitais e Regiões Metropolitanas ...	16
TABELA 2.3	
Principais Capitais - Migração e Incremento Populacional, 1991-1996.....	18
TABELA 2.4	
População de Salvador por Grupos Etários Específicos	23
TABELA 2.5	
Mudanças na Estrutura Familiar em Salvador	27
TABELA 2.6	
Tamanho das Famílias em Salvador	27
TABELA 2.7	
Distribuição da População de Salvador e Crescimento Populacional das suas Regiões Administrativas, 1970-1996	30
TABELA 2.8	
Salvador: População e Densidade Demográfica, por Região Administrativa, 1970-1996	32
TABELA 3.1	
Taxas De Desemprego Aberto Nas RMs, 1996/98	35
TABELA 3.2	
Taxas de Desemprego Aberto	36
TABELA 3.3	
Taxas de Desemprego na RMS e em Salvador, 1987-88 e 1996-98	36
TABELA 3.4	
Evolução da PIA nas RMs, 1881 – 1887	37
TABELA 3.5	
Evolução da PIA nas RMs, 1991 – 1998	37

TABELA 3.6	
Evolução da PEA nas RMs, 1991 – 1998	38
TABELA 3.7	
Evolução da PEA nas RMs, 1991 – 1998	38
TABELA 3.8	
Taxas de Participação nas RMs	39
TABELA 3.9	
Taxa de Participação em Salvador	39
TABELA 3.10	
Migrantes com menos de 3 anos de residência	40
TABELA 3.11	
Participação das Mulheres na PEA.....	40
TABELA 3.12	
Escolaridade dos Ocupados de Salvador	41
TABELA 3.13	
Evolução do Total de Ocupados em Seis Regiões Metropolitanas	41
TABELA 3.14	
Evolução do Total de Ocupados em Seis Regiões Metropolitanas	42
TABELA 3.15	
Evolução do Total de Ocupados em Seis Regiões Metropolitanas, 1996-1998	42
TABELA 4.1	
Economia de Salvador: Alguns Dados	46
TABELA 4.2	
Distribuição Setorial da Ocupação em Regiões Metropolitanas Seleccionadas	48
TABELA 4.3	
Distribuição Setorial da Ocupação em Regiões Metropolitanas Seleccionadas	48
TABELA 4.4	
Distribuição dos Ocupados Segundo o Ramo de Atividade em Regiões Metropolitanas Seleccionadas	51
TABELA 4.5	
Taxas de Crescimento do Pessoal Ocupado Segundo o Ramo de Atividade em Regiões Metropolitanas Seleccionadas, 1993-1997	54
TABELA 4.6	
Distribuição da Ocupação por Setor na RMS e em Salvador Segundo Locais de Trabalho e Residência	55

TABELA 4.7
Distribuição da Despesa Média Mensal Familiar, Segundo os Tipos de Despesa – RMS e Total das RMs, 1987-88 e 1995-96 57

TABELA 5.1
Ocupação por Setor Econômico de Residentes em Salvador..... 59

TABELA 5.2
Ocupação por Subsetor Econômico dos Residentes em Salvador - Ocupados na Indústria 60

TABELA 5.3
Ocupação por Subsetor Econômico dos Residentes em Salvador - Ocupados nos Serviços 64

TABELA 5.4
Turismo em Salvador: Oferta de Leitos e Número de Hóspedes em Hotéis Classificados 68

TABELA 6.1
Evolução da População de Salvador por Faixas Etárias Seleccionadas, 1995-2030..... 86



1 Introdução

Este estudo teve dois objetivos básicos: a) identificar os principais vetores de expansão da economia de Salvador e b) propor medidas de política econômica que estimulem o desenvolvimento dos segmentos mais promissores da economia soteropolitana.

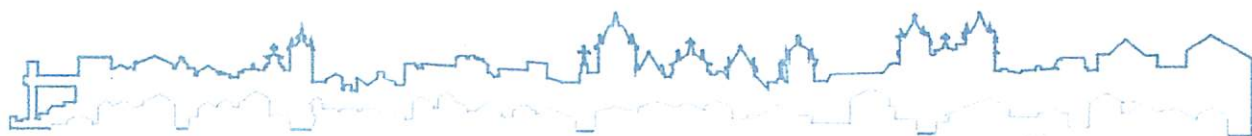
Sua metodologia foi inspirada nos procedimentos sugeridos pelo *NCI Research, The Institute for Urban Economic Development* - organização vinculada a *Kellogg Graduate School of Management da Northwestern University (USA)* - para trabalhos de planejamento estratégico local.¹

A proposta metodológica traduziu-se numa investigação que se desenvolveu do geral para o particular, afunilando a cada passo a análise do objeto. Tratou-se de concentrar os esforços da equipe de pesquisadores na direção de proposições concretas. Buscou-se, conscientemente, evitar a dispersão típica das abordagens panorâmicas.

O estudo enfrentou uma dificuldade básica, comum a todos os trabalhos de pesquisa social e econômica realizados atualmente no Brasil: a escassez de dados estatísticos atualizados. Como se sabe, os últimos censos econômicos do IBGE foram realizados em 1985. A estrutura da economia de uma metrópole brasileira em 1999 tem pouco a ver com o quadro descrito pelos levantamentos censitários de meados da década passada. Isso coloca dificuldades consideráveis para a análise de economias locais, centrada na distribuição da renda, no produto agregado ou no capital empregado.

A equipe procurou superar o problema da falta de dados de três formas. Em primeiro lugar, fez a investigação marchar da análise principalmente quantitativa para a análise basicamente qualitativa. A última seção do trabalho foi em parte construída com entrevistas realizadas com lideranças empresariais e empresários soteropolitanos.

¹ Ver Mary L. McLEAN & Kenneth P. VOYTEK, *Understanding your economy* - using analysis to guide local strategic planning, Chicago/Washington, D.C.: APA, 1992.



2 A Evolução Demográfica de Salvador e seu Significado Econômico

2.1 Tamanho da População e Taxas de Crescimento

Com 2.211.539 habitantes em 1996, Salvador era a *terceira* cidade mais populosa do país, segundo a Contagem de População realizada pelo IBGE (tabela 2.1).

Sua Região Metropolitana, reunindo 2.709.084 habitantes, ocupava a *sexta* posição entre as regiões metropolitanas brasileiras (RMs).

A população da Região Metropolitana de Salvador (RMS) cresceu ao ritmo de 1,65% ao ano entre 1991 e 1996, superando ligeiramente a média de 1,50% registrada para as oito maiores RMs nacionais. Três destas RMs tiveram, entretanto, crescimento populacional mais acelerado que a RMS: Belém, Fortaleza e Belo Horizonte.

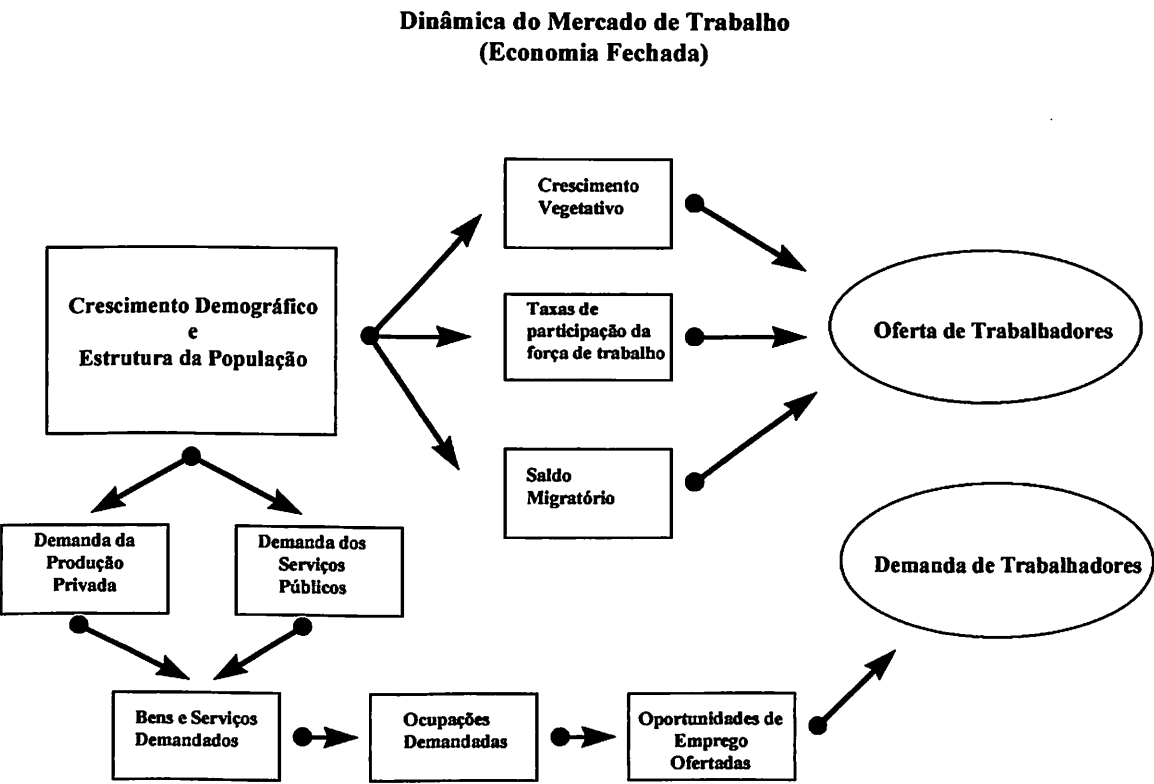
No mesmo intervalo, a população do núcleo da RMS - Salvador - cresceu ao ritmo de 1,28% ao ano. Esta taxa foi bem mais baixa que a verificada nos anos 1980-1991 (3,19%), embora tenha sido maior que a média registrada para os núcleos das outras principais RMs brasileiras no mesmo período 1991-1996 (0,74%). Apenas quatro das dez maiores Capitais nacionais apresentaram incremento populacional mais acelerado que o soteropolitano: Manaus, Brasília, Curitiba e Fortaleza.

Mas enquanto a velocidade de expansão da população de Salvador declinou, o número de habitantes da periferia da RMS continuou aumentando, num ritmo mais que expressivo: 3,39% ao ano. Esta taxa de crescimento periférico foi maior que a

registrada para a maioria das outras RMs. Taxas elevadas verificaram-se apenas nas periferias metropolitanas de Belém, Belo Horizonte e Curitiba (tabela 2.2).

expansão verifica-se com o emprego *crescente* de força de trabalho, apesar (ou mesmo em razão) da introdução de novas tecnologias.

O esquema apresentado a seguir resume a metodologia proposta.²



² Ele foi baseado em figura do documento *Making career sense*, do *Labour Market Information*, BC, Canada, disponível em <http://workinfonet.bc.ca/1misi/making>.

Em segundo lugar, procurou acompanhar a evolução recente da economia de Salvador a partir das mudanças que se desenrolaram nos planos da demografia e do mercado de trabalho locais. Particularmente, discutiu o que aconteceu com a distribuição da população ocupada entre os diversos setores e subsetores da economia soteropolitana. Tentou ainda estabelecer comparações entre o que ocorre na Capital da Bahia e o que se verifica nas economias líderes do planeta. Esta modificação na metodologia original teve três razões:

- disponibilidade de informações recentes sobre a força de trabalho de Salvador ou da sua Região Metropolitana (RMS), bem como de seus padrões de consumo, na Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD, IBGE), na Pesquisa Mensal de Emprego (PME, idem), na Pesquisa de Orçamento Familiar (POF, idem) e, sobretudo, na Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED, SEI/Seplantec/Seade/Dieese/UFBa);
- importância decisiva e crescente do chamado capital humano para o desenvolvimento local no final do século XX, no contexto de uma economia cada vez mais assentada em conhecimento e informação; e
- consciência de que o principal problema econômico e o mais grave drama social de Salvador é o desemprego, que atinge, no conceito abrangente da PED, um em cada quatro soteropolitanos integrantes da população economicamente ativa.

Finalmente, a equipe fez o estudo se estender em certos casos à realidade de toda a RMS. Isso se explica, primeiramente, pelo papel de pólo metropolitano exercido pela Capital da Bahia. Salvador é um importante centro regional de produção e consumo. Concentra a maior parte dos serviços empresariais demandados pelas firmas localizadas nos municípios de sua periferia. Além disso, último argumento, os dados existentes para a RMS não são muitas vezes passíveis de desagregação.

Eis porque se discrimina em algumas seções, dois tipos de trabalhadores locais: os soteropolitanos que *trabalham e moram em Salvador*, e os que *moram na Capital e nela trabalham ou em qualquer outro município da RMS*.

Ao optar por esse caminho, a equipe está consciente da possibilidade de certas distorções nos resultados do estudo. O problema mais importante é a possível subestimação do crescimento (em termos de valor agregado) de setores ou segmentos que já são intensivos em capital, ou que devem passar a sê-lo em razão da atual revolução tecnológica. A equipe lembra, entretanto, que a economia de Salvador, como de toda moderna metrópole, é largamente assentada na produção de serviços e que estes ainda são, em boa parte dos casos, produzidos com base em técnicas intensivas em trabalho. Nota ainda que em alguns dos setores mais dinâmicos da economia local, serviços de saúde e educação, por exemplo, a

TABELA 2.1
População Municipal Total das Principais Cidades Brasileiras e Baianas

Municípios	Posição no Ranking Nacional (1996)	População (1996)	Taxa de Crescimento (1991-96)	Peso na População Estadual (%)
São Paulo	1	9.839.436	0,40	28,84
Rio de Janeiro	2	5.551.538	0,26	41,41
Salvador	3	2.211.539	1,28	17,63
Belo Horizonte	4	2.091.448	0,71	12,54
Fortaleza	5	1.965.513	2,17	28,87
Brasília	6	1.821.946	2,62	100,00
Curitiba	7	1.476.253	2,34	16,40
Recife	8	1.346.045	0,74	18,19
Porto Alegre	9	1.288.879	0,59	13,38
Manaus	10	1.157.357	2,73	48,44
Feira de Santana	31	450.487	2,08	3,59
Ilhéus	76	242.445	1,62	1,93
Vitória da Conquista	77	242.155	1,47	1,93

Fonte: IBGE, Cálculos da Equipe

A Contagem de População de 1996 revela, assim, três primeiros fatos importantes para nosso estudo.

Primeiro, *ocorre também na Bahia a desaceleração do processo de metropolização verificado em todo o Brasil*; a expansão da RMS foi, de fato, de 4,61% entre 1970 e 1980, de 3,19% entre 1980 e 1991 e, como vimos, de apenas 1,65% na primeira metade dos anos 1990. Isto deveria implicar menor pressão de demanda sobre a infra-estrutura urbana e sobre os serviços públicos, facilitar o planejamento da ação governamental e contribuir para a elevação da qualidade de vida na Capital do Estado. Todavia, não é isso o que acontece.

TABELA 2.2**Brasil - Crescimento da População de Capitais e Regiões Metropolitanas**

Regiões Metropolitanas, Núcleos e Periferias	População Residente				Taxas de Crescimento (%)		
	1970	1980	1991	1996	1970-80	1980-91	1991-96
BRASIL							
RMs	23.717.028	34.389.262	43.902.370	47.298.604	3,79	2,25 ^a	1,50
Núcleos	16.465.384	22.450.194	26.195.642	27.180.837	3,15	1,41	0,74
Periferia	7.251.644	11.939.068	17.706.728	20.117.767	5,11	3,65	2,59
NORDESTE							
RMs	3.975.922	5.693.794	7.678.093	8.379.871	3,66	2,76	1,76
Núcleos	2.925.876	4.001.674	5.142.139	5.523.097	3,18	2,31	1,44
Periferia	1.050.046	1.692.120	2.535.954	2.856.774	4,89	3,75	2,41
RM's							
Belém	655.901	999.165	1.332.840	1.485.569	4,50	2,65	2,19
Fortaleza	1.036.779	1.580.066	2.307.017	2.582.820	4,30	3,50	2,28
Recife	1.791.322	2.347.146	2.874.555	3.087.967	2,74	1,86	1,44
Salvador	1.147.821	1.766.582	2.496.521	2.709.084	4,61	3,19	1,65
Belo Horizonte	1.658.482	2.609.520	3.436.060	3.803.249	4,64	2,53	2,05
Rio de Janeiro	6.891.521	8.772.265	9.814.574	10.192.097	2,44	1,03	0,76
São Paulo	8.139.730	12.588.725	15.444.941	16.583.234	4,46	1,88	1,43
Porto Alegre	1.574.239	2.285.617	3.026.819	3.246.869	3,80	2,59	1,41
NUCLEOS							
Belém ⁽¹⁾	633.374	933.287	1.244.689	1.144.312	3,95	2,65	-
Fortaleza	857.890	1.307.611	1.768.637	1.965.513	4,30	2,78	2,13
Recife	1.060.701	1.200.378	1.298.229	1.346.045	1,24	0,71	0,73
Salvador	1.007.195	1.493.685	2.075.273	2.211.539	4,02	3,03	1,28
Salvador urbana		1.491.642	2.073.510	2.209.464		3,04	1,28
Belo Horizonte	1.235.030	1.780.855	2.020.161	2.091.448	3,73	1,15	0,70
Rio de Janeiro	4.251.918	5.090.700	5.480.768	5.551.538	1,82	0,67	0,26
São Paulo	5.924.615	8.493.226	9.646.185	9.839.436	3,67	1,16	0,40
Porto Alegre	885.545	1.125.477	1.263.403	1.288.879	2,43	1,06	0,40
PERIFERIAS							
Belém ⁽¹⁾	22.527	65.878	88.151	341.257	11,33	2,68	-
Fortaleza	178.799	272.455	538.380	617.307	4,30	6,39	2,77
Recife	730.621	1.146.768	1.576.326	1.741.922	4,61	2,93	2,02
Salvador	140.626	272.897	421.248	497.545	6,85	4,03	3,39
Lauro de Freitas		35.309	69.270	97.219		6,32	7,01
Belo Horizonte	423.452	828.665	1.415.899	1.711.801	6,94	4,99	3,87
Rio de Janeiro	2.639.603	3.681.565	4.333.806	4.640.559	3,38	1,49	1,38
São Paulo	2.215.115	4.095.499	5.798.756	6.743.798	6,34	3,21	3,07
Porto Alegre	688.694	1.159.690	1.763.416	1.957.990	5,35	3,88	2,12

Fontes: IBGE e SEI

⁽¹⁾ Os dados desagregados de Belém para o intervalo 1991-96 destoam do conjunto, o que se deve provavelmente a mudanças na divisão administrativa de sua Região Metropolitana. A equipe preferiu considerá-los como não disponíveis.

O problema é que a taxa de metropolização menor, no Brasil, é o resultado da soma de taxas muito baixas de expansão dos núcleos das RMs com taxas elevadas de crescimento da maior parte de suas periferias. É o que se verificou também na RMS: Salvador cresceu 1,28% ao ano entre 1991 e 1996, enquanto a população dos Municípios periféricos da RMS se expandiu à taxa de 3,39%. Foi o caso exemplar do Município de Lauro de Freitas, extensão efetiva do tecido urbano soteropolitano, onde a taxa de crescimento populacional alcançou 7,01% ao ano, na primeira metade da década de 1990.

Assim, ocorre igualmente na RMS o fenômeno registrado em todo o país pela Contagem de 1996: a "periferização". Esta "periferização" é resultado de um duplo movimento. De um lado, o redirecionamento do fluxo de migrantes pobres, oriundos de outras regiões e de outros Estados, para as periferias das áreas metropolitanas. De outro, a migração de moradores mais pobres, das Capitais para os núcleos urbanos vizinhos, em busca de um custo de vida menor e, principalmente, de menores despesas com habitação. Este segundo movimento, fluxo de adultos, tem contribuído para envelhecer relativamente a população da periferia.

Como esse duplo fluxo migratório não encontra oferta de infra-estrutura, emprego ou serviços públicos nas órbitas metropolitanas, a demanda social que aí se produz é realizada nas Capitais. Isso ocorre com um agravante: a pressão sobre o transporte público, que resulta das maiores distâncias entre as áreas de residência e os locais de oferta de trabalho e serviços sociais.

Acrescente-se que a periferização não é um processo limitado às fronteiras políticas e administrativas das Regiões Metropolitanas. É grande o impacto demográfico sobre a malha urbana que se situa no exterior imediato dessas fronteiras. No caso da RMS, o quadro ainda não está claro. Mas há sinais dessa periferização de maior raio no Recôncavo (Santo Antônio de Jesus), ao longo da BR-324 (Salvador-Feira de Santana) e, sobretudo, no eixo Estrada do Coco-Linha Verde, no litoral dos Municípios de Lauro de Freitas, Camaçari e Mata de São João.

A Contagem de 1996 mostra, em terceiro lugar, que Salvador é uma das três cidades mais populosas do país. Independentemente dos níveis médios de renda per capita, o volume da população, sua densidade e sua velocidade de crescimento constituem, por si só, um indicador do potencial econômico de uma metrópole. De um lado, grandes cidades constituem grandes mercados porque concentram população e criam condições para o crescimento da chamada *economia de urbanização*: pequenas indústrias de alimentos e confecções, comércio varejista, prestação de serviços pessoais etc. De outro, podem oferecer

maiores externalidades - *economias de aglomeração* - às empresas que se expandem em escala nacional ou internacional, porque concentram também os segmentos produtivos destinados ao atendimento da demanda entre empresas: serviços financeiros, firmas de consultoria, empresas de transporte, de publicidade etc.

Deve-se notar, todavia, que Salvador concorre, na hierarquia urbana nacional, diretamente com pelo menos três cidades extremamente dinâmicas, capazes de disputar com ela não só a atração de empresas globalizadas da nova onda "footloose"³ de investimentos (indústrias de montagem eletrônica, empresas de software, parques temáticos etc.), mas também a localização dos centros de decisão de organizações estatais e não governamentais, de firmas horizontalizadas e de redes de empresas que atuam no espaço inter-regional alcançado por sua influência.

Brasília, sexta Capital do país, cresceu 2,62% ao ano entre 1991 e 1996 e exerce considerável influência sobre os cerrados do Oeste, principal fronteira de expansão agro-industrial da Bahia. Belo Horizonte cresceu apenas 0,71% ao ano no mesmo intervalo, mas sua Região Metropolitana avançou ao ritmo de 2,05%. A Capital mineira, quarta maior do Brasil, é pólo de uma das economias estaduais de maior dinamismo nas duas últimas décadas. No Nordeste, finalmente, se Recife - a tradicional "adversária" de Salvador - parece conhecer relativa estagnação, Fortaleza, quinta maior Capital, continua se expandindo aceleradamente, com 2,17% ao ano na primeira metade dos anos 1990.

TABELA 2.3
Principais Capitais - Migração e Incremento Populacional, 1991-1996

CAPITAIS	Migrantes 1991-96	População 1991	População 1996	Incremento 1991-96	Migrantes Incremento	Taxas de Crescimento Anual
São Paulo	467.139	9.646.185	9.839.436	193.251		0,40
Rio de Janeiro	145.763	5.480.768	5.551.538	70.770		0,26
Salvador	84.790	2.075.273	2.211.539	136.266	62,22	1,28
Belo Horizonte	107.355	2.020.161	2.091.448	71.287		0,70
Fortaleza	87.787	1.768.637	1.965.513	196.876	44,59	2,13
Brasília	171.258	1.601.094	1.821.946	220.852	77,54	2,62
Curitiba	136.357	1.315.035	1.476.253	161.218	84,58	2,34
Recife	53.211	1.298.229	1.346.045	47.816		0,73
Porto Alegre	67.690	1.263.403	1.288.879	25.476		0,40
Manaus	40.840	1.011.501	1.157.357	145.856	28,00	2,73

Fonte: IBGE, Cálculos da Equipe

³ O termo "footloose" (livre para ir para onde se quer) tem servido para caracterizar a indústria que atualmente se desloca em busca de menores custos salariais e incentivos fiscais. Esta indústria tem maior liberdade de localização graças ao avanço da terceirização ou subcontratação de serviços, à redução da importância do capital fixo e ao uso de mão-de-obra pouco qualificada, num contexto de queda dos custos de transporte e telecomunicação. É o caso típico da indústria calçadista que abandona o Rio Grande do Sul e São Paulo para se reinstalar no Ceará, na Bahia e em outros Estados nordestinos.

Essa competição entre cidades pela atração de investimentos e *consumidores já não é apenas hipotética*. O Ceará vem disputando palmo a palmo, com a Bahia, a atração da indústria *footloose* que abandona o sul do país; Fortaleza tem avançado sensivelmente na concorrência pelo turismo interno, antes polarizado quase que exclusivamente por Salvador.

2.2 Imigração e Situação na Hierarquia Urbana Estadual

De acordo com a Contagem de 1996, a população de Salvador cresceu em 136.266 pessoas de 1991 a 1996. A Contagem revelou ainda que 84.790 migrantes se estabeleceram em Salvador no mesmo período, o que corresponde a 62,22% do incremento demográfico total do Município. Entre as dez principais Capitais do país, proporções semelhantes só foram encontradas para Manaus (28,00%), Fortaleza (44,59%), Brasília (77,54%) e Curitiba (84,58%). Em todas as demais grandes Capitais, o incremento populacional foi inferior ao aumento do número de residentes oriundos de outras regiões, o que revela a existência de saldo migratório negativo, vale dizer, de considerável emigração (ver tabela 2.3).

No entanto, a Contagem revelou também que Salvador tem uma baixa proporção de recém imigrados em sua população, isto é, de imigrantes que passaram a residir no Município entre 1991 e 1996. De fato, esta proporção foi de apenas 3,83% na Capital da Bahia, enquanto alcançou 5,13% em Belo Horizonte, 5,25% em Porto Alegre, 9,24% em Curitiba e 9,40% em Brasília.

A conclusão necessária é que, se a imigração continuou sendo fundamental para o crescimento demográfico da periferia da RMS, ela já não tem o mesmo peso em Salvador. As taxas de crescimento vegetativo são mais baixas na Capital baiana, quando comparadas às de outras regiões do Estado, sobretudo em razão da menor fecundidade das mulheres soteropolitanas, mas provavelmente também pela existência de uma forte emigração. Ao que parece, segundo dados da PED, há um movimento de jovens pais com filhos pequenos que chegam, que é compensado em grande parte pela saída de adultos.⁴

Salvador abrigava, segundo a Contagem, 17,63% da população total da Bahia, 28,2% da sua população urbana e 81,63% dos habitantes da RMS (que concentrava, por sua vez, 21,60% da população total e 33,42% da população urbana estadual).

A participação da Capital na população baiana não destoa das proporções observadas em boa parte dos outros Estados mais importantes da Federação.

⁴ Ver Relatório da Pesquisa Estrutura e Dinâmica do Mercado de Trabalho de Crianças e Adolescentes na RMS. Faculdade de Ciências Econômicas, UFBA/UNICEF, 1999, fotocopiado.

As exceções são Rio de Janeiro e São Paulo (cerca de 41% e 29%, respectivamente), que são *global cities* além de metrópoles nacionais, Manaus (48%) em razão das especificidades da geografia econômica amazônica e, em certa medida, Fortaleza (29%). Mas Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Recife, têm participações razoavelmente similares nas respectivas populações estaduais, entre 12,54% e 18,19%.

A desaceleração do processo de metropolização, fenômeno nacional e estadual, é reafirmada pela evolução da importância da população soteropolitana na população da Bahia. A fração da RMS na população estadual passou de 18,69% para 21,04%, entre 1980 e 1991, mas manteve-se praticamente inalterada entre 1991 e 1996, quando atingiu a marca dos 21,6%. O mesmo ocorreu com Salvador, que abrigava 15,8% dos baianos em 1980, 17,5% em 1991 e 17,6% cinco anos mais tarde.⁵

Isso significa que a malha urbana da Bahia continua desequilibrada, em razão da pouca expressividade de suas cidades de porte médio. Este fato se confirmou nos anos 1991-1996, quando apenas duas cidades de tamanho intermediário destacaram-se no Estado: Feira de Santana, 31º pólo urbano do país em termos de população, com cerca de 400 mil habitantes e uma taxa de crescimento urbano de 2,42% ao ano, e Ilhéus, 76ª cidade brasileira, com cerca de 170 mil habitantes, que cresceu 3,66% ao ano, ritmo bem superior ao de Salvador.⁶

Feira de Santana é uma cidade satélite da Capital, e parte dos efeitos multiplicadores de seu crescimento demográfico ainda se traduzem em expansão da economia soteropolitana, apesar do desenvolvimento dos serviços feirenses (Universidade Estadual, novo *shopping center* regional etc.). A cidade de Ilhéus expandiu-se, é certo, mas esta expansão não foi acompanhada pelo crescimento urbano de Itabuna, que foi nulo entre 1991 e 1996 (0,04% ao ano), em razão da crise da economia cacauzeira. A região, como um todo, continua enfrentando sérias dificuldades, o que coloca limites para o desenvolvimento de Ilhéus. Vitória da Conquista, 77ª cidade nacional, expandiu-se modestamente, a 1,64% ao ano. As outras cidades baianas de alguma importância - Jequié, Alagoinhas, Juazeiro, Camaçari, Paulo Afonso, Teixeira de Freitas e Barreiras - têm população em torno de 100.000 habitantes. Salvador permanece, portanto, na condição de metrópole absoluta do Estado.

Dado o relativamente baixo grau de urbanização da Bahia (62,4% em 1996, segundo os elásticos critérios do IBGE), e em função da ausência de uma verdadeira malha de cidades médias, seria de se esperar um forte e continuado

⁵ Dados mais recentes sobre a evolução demográfica da Bahia foram sistematizados pela SEI: **Bahia - crescimento populacional 1980-1996**, Salvador: SEI, 1998 (Série Estudos e Pesquisas, 39).

⁶ Taxas de crescimento da população urbana. A população total do Município de Feira de Santana cresceu 2,08% ao ano entre 1991 e 1996; a população do Município de Ilhéus, apenas 1,62%.

fluxo de migrantes de origem rural, em direção à Capital do Estado. Mas, paradoxalmente, Salvador vem absorvendo apenas parte do êxodo rural baiano. Parcela importante dele tem se desviado para as novas regiões de fronteira agrícola (Extremo Sul e Baixo Médio São Francisco) e também para um bom número de pequenas cidades (Porto Seguro, Juazeiro, Barreiras, Teixeira de Freitas, entre outras).

*Aparentemente, a imigração vai deixando de ser um processo maior para a sócioeconomia de Salvador. É razoável supor que, do ponto de vista da demografia econômica, o poder de atração da Capital já tenha atingido um limite máximo. Ele começa a ser dividido com outros centros urbanos e, especialmente com aqueles localizados nas áreas da fronteira econômica e geográfica da Bahia.*⁷

Ora, isso coloca novos desafios para Salvador. Ainda que a posição de pólo da Capital seja fortalecida pela inexistência de uma rede de cidades médias no Estado, seus laços com o interior podem se enfraquecer, caso os pólos de fronteira se articulem com centros e regiões localizados em outras unidades da federação: Juazeiro e Petrolina, Barreiras e Brasília, Porto Seguro e Belo Horizonte ou Rio de Janeiro, por exemplo. *Na ausência dos vínculos sociais estabelecidos entre interior e Capital pela imigração espontânea, cresce a necessidade da soldagem pela atração de outra natureza.* Daí a importância da modernização e internacionalização do Aeroporto de Salvador, de Universidades de excelência na Capital, da consolidação de um moderno *cluster* de saúde soteropolitano, do marketing destinado à atração do turista estadual etc.⁸

Trata-se de substituir em parte os laços econômicos derivados da imigração pelo reforço do tradicional movimento de ir e vir de consumidores de bens e serviços, que residem no interior, mas realizam parte de sua demanda na Capital.

2.3 Mudanças na Estrutura Etária da População Soteropolitana

O recente crescimento demográfico de Salvador foi marcado pelo envelhecimento da população. Como nos casos brasileiro e baiano, isso deveu-se à queda da fertilidade, ao crescimento da esperança média de vida e ao aumento da sobrevivência para a faixa acima dos 60 anos. De um lado, diminuiu o número de nascimentos, em razão da esterilização feminina, uso de métodos anticoncepcionais, retardamento da união conjugal e mudanças de padrões culturais (efeito

⁷ Um mega investimento como a implantação de um complexo automobilístico pode, é claro, inverter essa tendência. Nesta situação, a experiência de outras regiões é de forte incremento da imigração de pessoas em busca de emprego e, dada a oferta real limitada de novos postos de trabalho, crescimento também das favelas e da ocupação informal. São, entre outros, os casos recentes de Resende (RJ) e de Curitiba. De qualquer modo, se a implantação da Ford se confirma, os fluxos migratórios devem se modificar sobretudo na direção de Camaçari, que abrigará as novas fábricas, e não especialmente para a Capital da Bahia.

⁸ Cluster é um agrupamento de empresas e instituições interligadas que operam em conjunto num determinado campo de atividades. Têm, em geral mas não obrigatoriamente, uma base territorial determinada.

demonstração das “novelas da Globo” etc.). De outro, melhoraram as condições de saneamento básico, abastecimento de água potável e acesso aos serviços de saúde. O resultado foi a aceleração do processo de envelhecimento relativo (maior proporção de adultos) e absoluto (maior porcentagem de adultos mais velhos).

Em primeiro lugar, diminuiu a proporção de crianças (0 a 14 anos) no número total de habitantes: de 37,21% em 1980, para 33,69% em 1991 e 28,83% em 1996.

TABELA 2.4
População de Salvador por Grupos Etários Específicos

Grupos-Alvo	Participação na População Total (%)			Números Absolutos
	1980	1991	1996	1996
Grupos-alvo de políticas públicas				
0 - 14 (crianças)	37,21	33,69	28,83	637.683
15 - 19 (adolescentes)	11,93	10,80	12,11	267.710
15 - 24 (jovens estudantes/trabalhadores)	23,34	21,27	22,54	498.431
15 - 64 (força de trabalho principal)	59,77	62,74	67,06	1.483.000
60 anos e mais (3ª idade e idosos)	4,83	5,52	6,15	135.998
Índice de envelhecimento*	12,99	16,39	21,33	
Razão de dependência**	0,67	0,59	0,49	
Grupos-alvo de políticas de saúde e educacionais				Crescimento 1991-96
0 - 4 (vacinação)	14,46	9,75	8,54	
0 - 4 (números absolutos)	216.018	202.388	188.963	(6,63)
5 - 14 (pré-escolar e 1º grau)	22,75	23,94	20,29	
5 - 14 (absolutos)	339.795	496.796	448.720	(9,68)
15 - 19 (2º grau)	11,93	10,80	12,11	
15 - 19 (absolutos)	178.148	224.221	267.710	19,40
20 - 24 (3º grau)	11,41	10,47	10,43	
20 - 24 (absolutos)	170.374	217.330	230.721	6,16

* População de 60 anos ou mais/população de 0 a 14 anos x 100

** (Menores de 14 anos + maiores de 65 anos)/população de 15 a 64 anos

Fonte: IBGE, Cálculos da Equipe

A faixa de 0 a 4 anos, público-alvo da assistência pós-natal, das campanhas de vacinação e das creches, passou de 14,46% para 9,75% da população, entre 1980 e 1991, diminuindo para 8,54% em 1996. O número absoluto de crianças nesta faixa de idade reduziu-se de 202.388 para 188.963, entre 1991 e 1996, segundo a Contagem (menos 6,63%). A faixa de 5 a 14 anos, grupo demandante de educação pré-escolar e de primeiro grau, decresceu de 23,94% em 1991 para

20,29% em 1996. Em números absolutos, passou de 496.796 pessoas em 1991 para 448.720 cinco anos mais tarde (menos 9,68%). *Em resumo, pode-se supor um início de alívio da pressão sobre os serviços de educação básica e de saúde voltados para a infância.* Para as empresas privadas que atuam nesta faixa, o mercado já diminuiu sensivelmente. Tema este que é desenvolvido e aprofundado no capítulo 7.

Essa afirmação deve ser, entretanto, relativizada para o curto prazo. É que o Plano Real parece ter provocado um *baby-boom*, em razão da antecipação de uniões e da geração de filhos. O fenômeno é passageiro e deve estar sendo invertido, haja vista que a euforia do auge do Real deu lugar ao pessimismo da recessão. No entanto, ele deve implicar alguma deformação da “ogiva” etária da população, com algum incremento na demanda de bens e serviços destinados à primeira idade, no curto prazo. Como se verá no capítulo 6, prevê-se que as taxas de crescimento da população de 0 a 4 anos voltarão a cair a partir do ano 2000, mas o número absoluto de crianças nesta faixa de idade só diminuirá a partir de 2005-2010.

Em segundo lugar, a proporção de jovens de 15 a 24 anos, que havia diminuído de 23,34% em 1980 para 21,27% em 1991, voltou a aumentar, mas apenas ligeiramente, alcançando 22,54% em 1996.

É preciso destacar, contudo, que a faixa de 15 a 19 anos, público-alvo da educação de segundo grau, passou de 10,80% para 12,11% em 1991, seu número saltou para 267.710 em 1996, com uma *expansão de 19,40%*. Por sua vez, o grupo de 20 a 24 anos, que abriga o grosso da demanda do terceiro grau e da procura pelo primeiro emprego, manteve sua participação na população total: 10,47% em 1991 e 10,43% em 1996. Mas em termos absolutos, verificou-se uma variação razoavelmente significativa do número de jovens nesta faixa, de 217.330 para 230.721, ou seja um crescimento de 6,16% entre 1991 e 1996.

Como ficará claro no capítulo 6, *não ocorrerá incremento da pressão demográfica estritamente local sobre o segundo grau, a formação profissionalizante e o ensino universitário na Capital da Bahia, pelo menos até o final da década de 2000.* É preciso dizer, porém, que esta pressão é uma realidade triplamente determinada. *Em princípio, ela é função do crescimento do número de jovens soteropolitanos no passado recente. Este incremento vegetativo tende a declinar. Mas a pressão resulta também da imigração de jovens que chegam do interior buscando serviços de educação, na Capital, e da exigência crescente de qualificação para a força de trabalho soteropolitana. É a segunda causa - migração de jovens do interior - que provavelmente explica o crescimento de 19,4% do número absoluto de adolescentes (15 a 19 anos) em Salvador, na primeira metade da década de 1990 (tabela 2.4).*

Assim, se a demografia local tende a garantir nos próximos anos uma considerável redução das taxas de crescimento da demanda por educação formal no 2º e 3º graus, bem como da procura pelo primeiro emprego, é bem possível que estas demandas no final se sustentem, pelo peso da imigração juvenil e pela imposição de maior número de anos de estudo colocada pela atual revolução tecnológica. Não só pode crescer a proporção de adolescentes na população da cidade, como também deve aumentar a fração destes que chega a níveis superiores de educação formal.

O terceiro fenômeno etário a destacar é o aumento da proporção da população incluída nas faixas de idade ativa.

O grupo de 15 a 64 anos, que abriga o grosso da força de trabalho soteropolitana, passou de 59,77% do total de habitantes em 1980 para 62,74% em 1991, atingindo a porcentagem de 67,06% em 1996. Esta mudança tem duas consequências.

De um ângulo, implica *extraordinária demanda por emprego num mercado de trabalho que se encurta com a reestruturação produtiva, a globalização e a crise econômica nacional do final dos anos 1990*. O número de soteropolitanos entre 15 e 64 anos passou de 892.775, em 1980, para 1.301.993 em 1991 e 1.483.000 em 1996; houve um crescimento de 181.007 pessoas, ou 13,9%, apenas entre 1991-1996.

De outro, abre perspectivas mais favoráveis, na hipótese da retomada do crescimento econômico na virada do século. De fato, *caiu a razão de dependência da população*. Se calculada pela fórmula "menores de 14 anos mais maiores de 65 anos sobre população entre 15 e 64 anos", ela teria diminuído de 0,69 em 1980 para 0,59 em 1991 e 0,49 em 1996, indicando que existiam, na segunda metade da década de 1990, em Salvador, 2 pessoas na idade ativa para cada criança ou pessoa na terceira idade.

Outro aspecto mais que importante a considerar é o *impacto de uma população constituída majoritariamente por adultos jovens sobre certos mercados*. A experiência internacional mostra que a *maior demanda por novas residências concentra-se entre pessoas de 20 a 30 anos, começando a declinar entre as pessoas de mais de 30*⁹. Isso significa dizer que, do ponto de vista estritamente demográfico, *o boom da construção residencial e do setor imobiliário em Salvador está apenas começando e que o auge para estes mercados deve ocorrer na próxima década. O mesmo se pode esperar com relação à demanda de bens*

⁹ Ver, por exemplo, John ERMISCH, "The Demand for Housing in Britain and Population Ageing: Microeconomics Evidence", *Economica*, vol. 63, n.º 251, agosto de 1996, p. 383-404.

duráveis de consumo, haja vista que a demanda de reposição destes bens será adicionada à procura resultante da constituição de novos lares.

Os caminhos que tais demandas encontrarão para se realizar não estão definidos. A construção residencial pode continuar baseada na produção por conta própria e no trabalho informal, sobretudo nos mercados de baixa renda, como é a regra nos bairros periféricos. A queda da taxa de juros e a organização de um novo sistema de financiamento podem expandir o campo de ação de empresas formais. Mas o fato final é que existirão mais lares, logo, em grande medida, demanda por mais domicílios.

O quarto aspecto a destacar é o *incremento da proporção da população na terceira idade ou idosa*. A porcentagem de pessoas com 60 anos ou mais entre os habitantes de Salvador era de 4,83% em 1980, 5,52% em 1991 e 6,15% em 1996. Isso significa, em termos absolutos, que existiam 45.097 pessoas nesta faixa em 1980 e 135.998 (três vezes mais) em 1996. Examine-se a questão num intervalo mais próximo: enquanto a taxa de crescimento da população total soteropolitana foi de 1,28% ao ano entre 1991 e 1996, a taxa de crescimento anual da população de 60 anos ou mais, no mesmo intervalo, foi de 3,49%.

Estes pontos também voltarão a ser discutidos mais adiante. Adiante-se apenas que são múltiplas as consequências econômicas do envelhecimento relativo e absoluto da população. Antes de tudo, *maior pressão sobre a previdência e os serviços de saúde em geral, visto que a população idosa demanda proporcionalmente muito mais serviços médico-hospitalares*. Segundo, *desenvolvimento de segmentos e nichos específicos para a terceira idade em outros setores importantes da economia: indústria de entretenimento, educação, serviços de assistência médica e paramédica em domicílio etc.*

Uma última questão importante a considerar é que *o aumento da longevidade atinge sobretudo as mulheres, o que coloca na ordem dia o planejamento de ações especiais capazes de responder à "feminização do envelhecimento"*: serviços de saúde especializados, ações culturais específicas etc.

2.4 Mudanças na Estrutura Familiar Soteropolitana

Para completar a análise da demografia econômica local, vale examinar também as mudanças que atingem a estrutura da família soteropolitana. Nos planos internacional e nacional, estas mudanças têm significado, principalmente:

- incremento da proporção de uniões conjugais informais, do número de separações ou divórcios e de segundos casamentos;

- redução do tamanho médio da família e crescimento da proporção de pessoas que moram sozinhas;
- diminuição do número médio de filhos por família e adiamento da emancipação dos filhos adultos; e, finalmente,
- entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho.

Parte da metamorfose da família soteropolitana pode ser captada com base nos dados das PEDs realizadas em 1987-1988 e 1996-1998, com amostras, respectivamente, de 27.702 e 31.605 unidades familiares.

Segundo os dados da PED 1996-1998, a família padrão soteropolitana já é pequena: seu tamanho médio é de 3,8 indivíduos e seu tamanho mais frequente (moda) é de 3 pessoas. Constatou-se que 50% das famílias da Capital da Bahia (mediana) são compostas por 4 indivíduos ou menos, 16,9% têm apenas dois membros e 10,5% dos soteropolitanos moram sozinhos.

Verificou-se, ao mesmo tempo, a ocorrência do adiamento da saída dos filhos do lar paterno ou materno. A emancipação dos jovens tende a ser retardada por dois motivos básicos: incremento do desemprego (para os que chegam no máximo ao 2º grau) e aumento da duração média da educação formal (para os que chegam à Universidade). Os dados da PED revelam um incremento do número de famílias com filhos de mais de 21 anos: elas eram 17,8% da amostra em 1987-1988 e aumentaram para 21,5% em 1997-1998.

TABELA 2.5
Mudanças na Estrutura Familiar em Salvador

Estrutura Familiar	Período	
	1987-1988	1996-1998
Número de indivíduos na família		
Média	ND*	3,8
Mediana	ND	4,0
Moda	ND	3,0
Número de filhos na família	ND	
Média	ND	1,6
Mediana	ND	1,0
Moda	ND	0,0
Famílias com mulheres ocupadas (%)	50,2	54,2
Famílias chefiadas por mulheres (%)	23,6	29,8
Famílias com filhos de mais de 21 anos (%)	17,8	21,5

Fonte: PED, Cálculos da Equipe.

*Os dados para menores de 10 anos não estão disponíveis para a amostra 1987-88.

É importante sublinhar o registro do pequeno número de filhos por família. O caso mais frequente para o número de filhos (moda) é zero. A média de filhos é 1,6 por família e 50% das famílias de Salvador (mediana) têm um filho ou nenhum. A PED serve para demonstrar ainda a validade, em Salvador, de duas tendências internacionais: uma maior presença das mulheres no mercado de trabalho e o aumento da proporção de famílias chefiadas por mulheres. *As famílias com mulheres ocupadas eram 50,2% do total de unidades familiares na amostra de 1987-1988 e 54,2% na de 1996-1998. As famílias chefiadas por mulheres eram, respectivamente, 23,6% e 29,8%.*

TABELA 2.6
Tamanho das Famílias em Salvador

Número de Indivíduos na Família	Período 1996-1998
	% das Famílias
02	16,9
03	21,3
01	10,5
04	20,9
05 ou mais	30,5

Fonte: PED, Cálculos da Equipe

2.5 Distribuição da População e da Economia de Serviços em Salvador

A população de Salvador vem se redistribuindo espacialmente desde a década de 1970, em três direções.

Há, em primeiro lugar, o adensamento da população na direção Norte, ao longo da costa oceânica da cidade. Na década de 1970, acelera-se a ocupação da Pituba, Boca do Rio e da grande Região Administrativa de Itapuã.¹⁰ Nos anos 1980 e 1990, o crescimento populacional diminui nas duas primeiras regiões, mas prossegue em Itapuã, com transbordamento para o vizinho Município de Lauro de Freitas (ver tabela 2.7).

Ocorre, em segundo lugar, a ocupação dos espaços vazios do “miolo”. Na década de 1970, o incremento da população foi rápido no Cabula, Beiru (Tancredo Neves), Pau da Lima, Cajazeiras e ainda em Valéria. Na década de 1980, o “miolo” é principalmente ocupado ao norte, na área de Cajazeiras. Finalmente, nos anos

¹⁰ A ocupação imobiliária através de loteamentos, assim como as primeiras invasões destas áreas, remontam ao final dos anos 1950 e início dos anos 1960. O adensamento demográfico, no entanto, é posterior.

1990, a ocupação destas áreas se desacelera, embora o centro da península de Salvador continue concentrando o incremento populacional da cidade.

A redistribuição relativa da população soteropolitana se processa ainda numa terceira direção, secundária, com a expansão do número de habitantes do chamado Subúrbio Ferroviário, no litoral da Baía de Todos os Santos. A população suburbana cresceu vegetativamente, entre 1991 e 1996. O movimento para o Subúrbio perdeu ritmo nos anos 1990, mas pode voltar com intensidade, caso se confirmem os investimentos públicos previstos para esta região.

Todos estes movimentos se produzem com o esvaziamento ou estagnação populacional do antigo centro econômico da cidade (áreas de serviços do Comércio, Calçada e Centro) e dos bairros residenciais e/ou industriais mais densamente ocupados até a primeira metade do século XX (Barra, Rio Vermelho, Liberdade, São Caetano e Itapagipe). Eles foram em grande parte provocados ou estimulados pelo Estado, mas em parte também derivados das vocações já explicitadas para determinadas áreas de Salvador:

"O território incluído entre a [...] Avenida Paralela [...] e a Orla do Atlântico - lembra A. S. Scheinowitz no seu relato do planejamento recente do espaço soteropolitano - definiu-se como próprio para a expansão da habitação das classes sócioeconômicas média e superior e para as atividades ligadas ao turismo. O território incluído entre a Avenida Paralela e a estrada federal BR-324 (Salvador-Rio de Janeiro) caracterizou-se como adaptado à implantação de grandes

conjuntos habitacionais populares, e o espaço que se estende da Orla da Baía até a BR-324 apresentou-se como propício à instalação de indústrias, tendência, aliás, já antiga, pela facilidade do transporte marítimo e ferroviário ali oferecidos."¹¹

A distribuição intra-urbana dos *serviços de consumo final* e, particularmente, da prestação de serviços pessoais, é função da proximidade dos consumidores. Em boa parte dos casos, a localização de *serviços públicos de consumo coletivo* também está associada à proximidade da demanda (postos médicos, delegacias etc.). Seria de se esperar um novo arranjo espacial da oferta destas atividades em Salvador, como resultado da redistribuição da população e de seus domicílios.

A redistribuição populacional que se processa desde os anos 70 reforça a tendência à localização multipolar das atividades de prestação de serviços e de comércio varejista, e faz surgir novos espaços de concentração de serviços de consumo pessoal. Nos anos 1960 e 1970, sobretudo na Barra e na Liberdade; mais tarde, na Pituba, Pau da Lima e Itapuã (ver mapa I).

¹¹ A. S. SCHEINOWITZ. O Macroplanejamento da aglomeração de Salvador, Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, EGBA, 1998, p. 10-11.

Além disso, Salvador também conheceu as mudanças típicas das cidades do século XX na localização da oferta de *serviços empresariais*. Tradicionalmente, as atividades de serviços de consumo intermediário se localizaram nos centros históricos das grandes cidades – no caso soteropolitano, entre o Comércio, a Calçada, a Praça da Sé e o Campo Grande. Na Cidade Baixa, ficavam o porto, o comércio atacadista e as instituições financeiras. Na Cidade Alta, o comércio varejista, a maior parte da administração pública e os escritórios e consultórios dos profissionais liberais. Esta distribuição típica desenvolveu-se basicamente por duas

razões. Primeiro, porque a estrutura do transporte intra-urbano tradicional, fundada no uso de equipamentos coletivos (ônibus, elevadores públicos etc.), tornava o antigo centro a área de maior acessibilidade na cidade. Em segundo lugar, porque a concentração de empresas de serviços e de escritórios de outras firmas criava externalidades, economias de aglomeração e de custos de transação.¹²

A difusão do automóvel como meio de transporte e o desenvolvimento das telecomunicações permitiram a redistribuição espacial dos serviços empresariais. No lugar do tradicional pólo central, surgiram estruturas multipolares nas áreas que passaram a contar com a nova infra-estrutura exigida pelas lojas e escritórios modernos: vias de acesso rápido, estacionamento para carros, salas maiores e proporcionalmente mais baratas, linhas telefônicas de maior capacidade e ainda novos prédios em bairros de maior prestígio, que pudessem contribuir para assegurar a boa imagem das empresas.

Em Salvador, do ponto de vista da localização dos serviços empresariais, as transformações importantes começaram nos anos 1960-1970, com a abertura das novas avenidas de vale, a implantação de um grande *shopping center* regional (Iguatemi) e a construção de um complexo de serviços governamentais planejado, o Centro Administrativo da Bahia – CAB. Seguem-se a concentração dos serviços de saúde em área própria (Ondina-Rio Vermelho) e a implantação do núcleo hoteleiro, em Ondina, e de novos centros comerciais e prédios de escritórios, sobretudo na região da Pituba. Isso define um novo eixo para a localização das empresas de serviço: Av. Garibaldi - Av. Antônio Carlos Magalhães – Av. Tancredo Neves – Av. Paralela, cortando a cidade de Sul a Norte e sendo centralizado pelo pólo Pituba-Itaigara-Iguatemi (o "novo centro"). Num segundo momento, este mesmo eixo se prolonga, com o adensamento dos serviços em dois novos núcleos mais ao Norte, Itapuã-São Cristóvão e Estrada do Coco, já no Município de Lauro de Freitas.¹³

¹² Ver sobre este tema, por exemplo, Sven ILLERIS, *The Service economy – a geographical approach*, Baffins Lane, Chichester, West Sussex: John Wiley & Sons Ltd., 1996.

¹³ Ver A. S. SCHEINOWITZ, *Op. cit.*, e Edgar PORTO, "A Descentralização espacial dos serviços em Salvador", *BAHIA Análise & Dados*, Salvador: SEI, v. 6, n. 4, p. 46-52, Mar./97.

TABELA 2.7

Distribuição da População de Salvador e Crescimento Populacional das suas Regiões Administrativas, 1970-1996

Região Administrativa	Distribuição (%)				Crescimento Anual* (%)		
	1970	1980	1991	1996	1970-80	1980-91	1991-96
Centro	11,74	7,39	4,49	3,84	-0,61	-1,46	-1,76
Itapagipe	13,85	9,42	7,18	6,67	0,14	0,48	-0,17
São Caetano	10,95	11,31	9,41	9,18	5,41	1,35	0,80
Liberdade	16,57	12,22	8,71	8,06	1,00	-0,14	-0,26
Brotas	11,48	10,04	8,42	8,22	3,04	1,44	0,81
Barra	5,00	5,24	3,38	3,04	5,64	-0,99	-0,83
Rio Vermelho	10,64	9,81	7,99	7,69	3,74	1,14	0,53
Pituba	0,89	2,46	3,08	3,09	31,44	6,61	1,42
Boca do Rio	1,51	3,33	3,92	4,20	22,80	5,73	2,82
Itapoan	1,82	3,31	6,38	7,17	17,07	15,13	3,96
Cabula	2,97	4,34	5,19	5,48	11,82	5,94	2,49
Tancredo Neves	1,32	4,77	7,50	7,64	44,01	10,66	1,73
Pau da Lima	2,17	5,03	6,91	7,45	24,50	8,19	2,97
Cajazeiras	0,35	0,68	4,80	5,20	18,87	78,99	3,10
Valéria	0,95	1,49	2,08	2,45	13,32	8,46	5,03
Subúrbio Ferroviário	6,85	8,48	10,49	10,52	8,46	6,45	1,37
Ilhas	0,94	0,69	0,08	0,09	0,95	-7,54	3,55
TOTAL	100	100	100	100	4,91	3,47	1,31

Fonte: PMS/SEPLAM, Cálculos da Equipe.

*Médias aritméticas anuais

Qual o futuro da distribuição espacial das atividades de serviços em Salvador?

No que diz respeito aos serviços de consumo pessoal e doméstico, públicos e privados, a tendência deve ser o crescimento da oferta nas regiões onde a população tende a ficar ainda mais adensada. A densidade demográfica tem crescido especialmente em bairros do "miolo" da cidade (Cabula, Pernambuco, 19° BC, São Gonçalo do Retiro, Dois Irmãos, Engomadeira, Mata Escura, Paralela, Estrada Velha do Aeroporto, Pau da Lima, Sete de Abril, Castelo Branco, Águas Claras), mas também em alguns bairros da Orla (Nordeste de Amaralina, Itaigara, Stiep, Armação, Boca do Rio, Pituaçu, Mussurunga e São Cristóvão) e da região administrativa de Brotas (Matatu, Horto e Candeal).

No que se refere aos serviços para empresas, a grande questão é o início da saturação das principais áreas ocupadas por estas atividades nas duas últimas décadas, particularmente da Av. Garibaldi, do eixo Candeal-Iguatemi-Itaigara e da Av. Tancredo Neves. Nestas áreas, o custo dos aluguéis, os engarrafamentos e a

crescente escassez de vagas para estacionamento já começam a criar importantes *deseconomias de aglomeração*.¹⁴ Em princípio, *é possível que as empresas de serviços empresariais procurem novos espaços, sobretudo ao Norte da Av. Paralela e nos eixos das futuras linha de metrô e vias expressas a serem implantadas no "miolo"*. Ali elas talvez possam encontrar o que consideram essencial: acessibilidade e facilidade de estacionamento para empregados e clientes, espaço barato para expansão e melhor qualidade ambiental.

Note-se, entretanto, que o avanço das novas tecnologias telemáticas e da economia de redes (*Internet, multimídia, telefonia celular etc.*) abrem a possibilidade do desenvolvimento de relações *"transterritoriais"*. Isso liberta parcela das novas empresas da dependência de uma localização fisicamente "central". O decisivo passa a ser a eficiência das telecomunicações - infovias, telefonia, nova TV a cabo e interativa. As empresas com transações no ciberespaço têm mais liberdade para reduzir seus custos de localização. Cabe examinar, então, qual o impacto disso sobre a arquitetura e o planejamento da cidade.

TABELA 2.8

Salvador: População e Densidade Demográfica por Região Administrativa, 1970-1996

Região Administrativa	Área (Ha)	População 1996	Densidade (hab./ha)			
			1970	1980	1991	1996
Centro	693,11	84923	170,60	160,11	134,36	122,52
Itapagipe	697,02	147620	200,17	202,96	213,65	211,79
São Caetano	907,41	203003	121,49	187,27	215,16	223,72
Liberdade	674,57	178357	247,43	272,09	267,90	264,40
Brotas	1122,6	181707	103,01	134,35	155,57	161,86
Barra	530,43	67245	94,89	148,44	132,26	126,77
Rio Vermelho	676,43	170162	158,50	217,83	245,11	251,56
Pituba	815,4	68373	10,94	45,35	78,31	83,85
Boca do Rio	1324,16	92882	11,50	37,72	61,48	70,14
Itapoan	8293,53	158521	2,21	5,99	15,96	19,11
Cabula	1010,72	121186	29,56	64,48	106,63	119,90
Tancredo Neves	1423,87	169043	9,31	50,30	109,28	118,72
Pau da Lima	2388,32	164804	9,16	31,61	60,08	69,00
Cajazeiras	2248,47	114990	1,58	4,57	44,28	51,14
Valéria	2288,32	54095	4,20	9,78	18,89	23,64
Subúrbio Ferroviário	4081,27	232553	16,90	31,20	53,34	56,98
Ilhas	2252,49	2075	4,19	4,58	0,78	0,92
TOTAL	31427,9	2211539	32,05	47,79	66,03	70,37

Fonte: PMS/SEPLAM

¹⁴ Somente o novo projeto da Construtora Norberto Odebrecht para a Av. Tancredo Neves, o Salvador Trade Center, complexo comercial de duas torres, abrigará 437 salas, 42 lojas, centro de convenções e cerca de 3.000 vagas para automóveis, com circulação prevista de 3.000 a 4.000 pessoas por dia. Ver *Gazeta Mercantil*, 07 de junho de 1999, Caderno *Gazeta da Bahia*, ano I, n.º 148, p. 01.

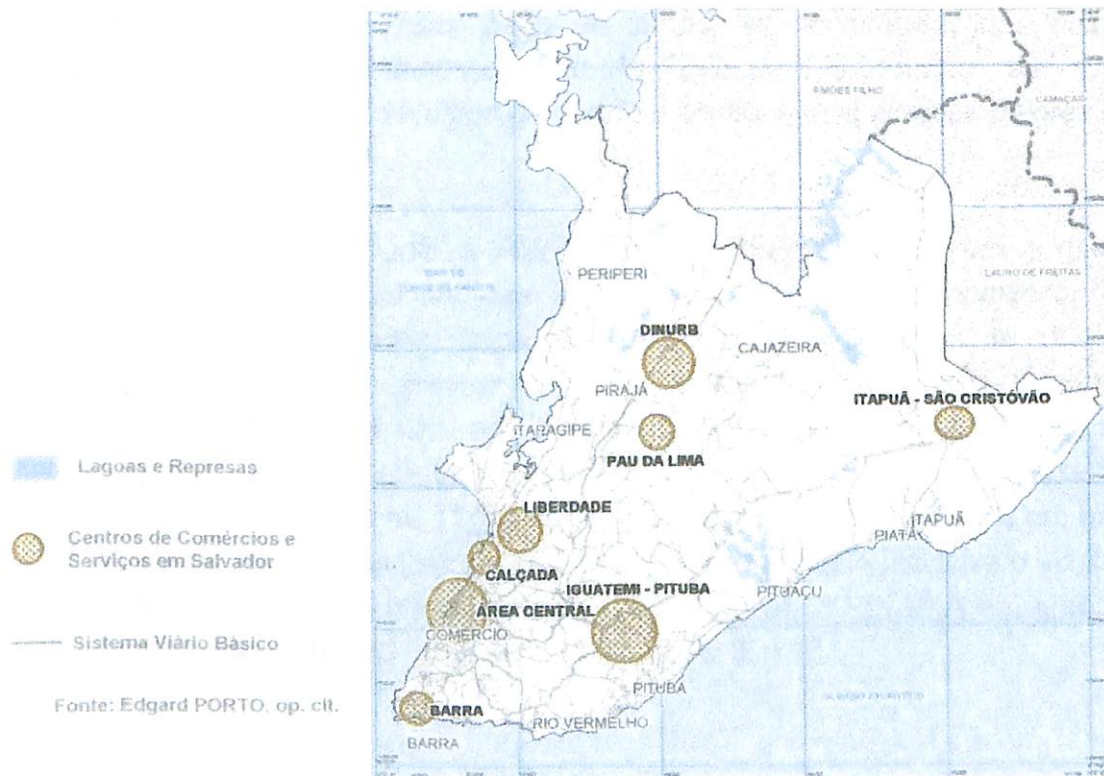
É importante lembrar que a localização no ciberespaço não torna a acessibilidade menos necessária. *A transmissão eletrônica de dados permite a adoção do just-in-time (estoque zero) em grandes empresas e suas redes. Urbanisticamente, o just-in-time implica transferência dos estoques para a rua, com aumento do número e da circulação de caminhões, caminhonetes, vans e motos de serviço.*

MAPA I

CENTROS DE COMÉRCIO E SERVIÇOS EM SALVADOR

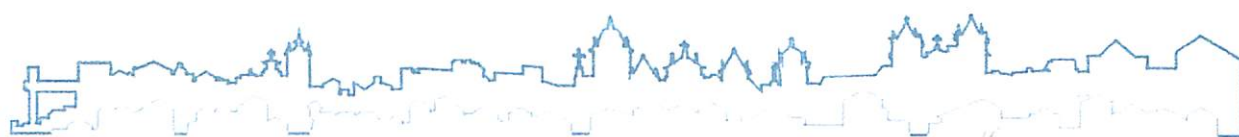


ATÉ 1974



1996

Fonte: Edgard PORTO, op. cit.



3 A Questão do Desemprego

Nesta seção e na seguinte foram utilizados dados obtidos da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), realizada na RMS em dois períodos: 1987-1988 e 1996-1998. Para comparação, foram usados também dados desta mesma pesquisa para outras RMs, a saber: São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e Brasília. Além disso, foram trabalhadas informações produzidas pela Pesquisa Mensal de Emprego (PME) para as mesmas RMs que são objeto da PED.

3.1 Evolução do Desemprego

Durante a década de 1990, as taxas de desemprego aberto verificadas na RMS pela PME superaram, na maior parte do tempo, as encontradas nas outras principais Regiões Metropolitanas do país. As PEDs de 1987-1988 e 1996-1998 também mediram taxas de desemprego aberto e oculto, quase sempre maiores na RMS do que em outras RMs.

No final dos anos 1990, tanto a PME quanto a PED revelaram um sensível incremento das taxas de desemprego em todas as Regiões Metropolitanas do país, inclusive a de Salvador. Segundo a PME, a partir do início de 1997 o desemprego aberto voltou a crescer na capital da Bahia: ele passou de 5,7% em dezembro de 1996 para 9,19% em outubro de 1998 (pouco mais de 100 mil desempregados). A PED registrou movimento na mesma direção. Sua taxa de desemprego aberto passou de 11,1% em dezembro de 1996 para 14,3% em abril de 1998 - quase 200 mil desempregados. O desemprego total - inclusive o oculto - teria passado de 20,3% no último mês de 1996, para 24,5% da PEA em abril de 1998, atingindo cerca de 330 mil pessoas (ver tabela 3.1).¹⁵

¹⁵ As principais diferenças entre as metodologias da PED e da PME estão nos conceitos de PIA e de PEA. A PIA da PME engloba jovens a partir de 15 anos, enquanto a da PED inclui crianças a partir de 10 anos. Além disso, a PED considera o desemprego oculto (por desalento e por precariedade do trabalho), enquanto a PME leva em conta apenas o desemprego aberto. Isso afeta as estimativas da PEA e das taxas de desemprego, logo a extrapolação do número absoluto de desempregados.

TABELA 3.1**Taxas de Desemprego Aberto nas RM's, 1996/98 (%)**

Mês/Ano	Salvador		B. Horizonte		P. Alegre		São Paulo		Recife	
	PME	PED	PME	PED	PME	PED	PME	PED	PME	PED
Dez/96	5,7	11,1	4,6	6,4	4,6	8,2	4,6	9,2	3,4	nd
Jan/97	6,9	11,0	5,4	7,1	5,5	8,3	6,3	8,9	4,8	nd
Fev/97	7,4	10,7	4,5	7,7	6,0	8,9	7,3	9,1	6,2	nd
Mar/97	7,9	11,4	5,4	8,9	6,7	9,4	7,7	9,9	5,7	nd
Abr/97	7,5	12,4	5,4	9,2	6,2	10,0	7,5	10,7	4,9	nd
Mai/97	8,5	13,2	6,6	9,1	6,2	9,8	7,3	10,7	7,0	nd
Jun/97	8,3	13,3	7,0	8,9	6,5	10,2	8,0	10,5	8,4	nd
Jul/97	8,8	13,0	6,5	8,8	5,6	10,4	7,7	10,2	7,1	nd
Ago/97	9,6	12,7	6,3	9,2	6,5	10,7	7,1	10,2	8,0	nd
Set/97	8,7	12,8	6,0	9,2	5,8	9,9	7,0	10,5	7,3	nd
Out/97	8,2	12,8	5,8	9,1	5,6	9,1	7,2	10,5	6,2	nd
Nov/97	8,5	12,7	4,9	8,3	5,4	8,5	6,7	10,5	6,4	10,8
Dez/97	8,4	12,0	5,6	7,9	4,7	8,9	6,0	10,2	5,6	10,1
Jan/98	9,6	12,0	8,4	8,0	6,7	9,1	9,2	10,3	9,3	10,3
Fev/98	9,9	12,5	9,8	8,9	7,9	9,8	9,7	11,1	7,0	11,0
Mar/98	10,6	13,6	9,2	9,9	8,7	10,6	9,8	12,0	9,5	11,8
Abr/98	10,5	14,3	8,3	10,5	9,1	11,4	9,5	12,5	11,0	12,6
Mai/98	9,8	14,4	8,1	10,5	8,6	11,6	9,8	12,4	10,7	12,7
Jun/98	10,5	14,8	8,6	10,4	8,0	11,3	9,4	12,3	10,6	12,6
Jul/98	10,5	14,8	8,4	10,2	8,6	11,0	9,8	12,1	10,5	12,0

Fonte: PME/IBGE e PED: não disponível

A comparação no longo prazo também aponta para um incremento considerável do desemprego na RMS. Segundo a PME, a taxa de desemprego aberto saltou de 5,45% em dezembro de 1991 para um patamar acima dos 9% nos últimos meses de 1998 (tabela 3.2). No período 1987-1988, de acordo com a amostra da PED, o desemprego aberto atingia 8,9% dos trabalhadores na RMS e 8,8% em Salvador; o desemprego total, por sua vez, alcançava, respectivamente, 15,7 e 15,6%. A amostra PED para 1996-1998 revelou taxas de desemprego aberto de 12,9% para a RMS e 12,2% para Salvador. Quanto ao desemprego total, esta mesma amostra indicou taxas de 22,6% para a RMS e 21,3% para Salvador (tabela 3.3).

Em 1999, com a crise da desvalorização cambial, na RMS e segundo a PED, o desemprego supera os patamares de 14% no conceito de aberto e de 25% no conceito de total.

TABELA 3.2
Taxas de Desemprego Aberto - 30 dias (%)

Mês/Ano	Salvador	B.Horizonte	P.Alegre	Recife	R.de Janeiro
Dez/91	5,45	3,56	3,60	5,41	3,30
Dez/92	6,70	4,42	4,23	7,62	3,81
Dez/93	6,46	4,03	3,59	6,88	4,42
Dez/94	5,96	3,38	3,15	4,73	2,94
Dez/95	6,75	3,85	4,78	4,86	3,52
Dez/96	5,66	4,62	4,58	3,43	3,27
Dez/97	8,40	5,63	4,68	5,58	4,19
Ago/98	9,67	7,72	8,40	10,80	6,19

Fonte:PME

TABELA 3.3
Taxas de Desemprego na RMS e em Salvador, 1987-88 e 1996-98 (%)

Desemprego	RM's	Salvador
Aberto		
1987-88	8,9	8,8
1996-98	12,9	12,2
Total		
1987-88	15,7	15,6
1996-98	22,6	21,3

Fonte: PDE, Cálculos da Equipe

Por que as taxas de desemprego em Salvador são tão altas, superando as verificadas na maioria das outras Regiões Metropolitanas e Capitais? Por que elas cresceram tanto no final dos anos 90?

3.2 Explicações para o Desemprego em Salvador

O debate sobre o desemprego em Salvador tem girado em torno de três explicações básicas para o fenômeno:

- a) um incremento da PEA superior à capacidade da economia local de gerar postos de trabalho - em razão da imigração, do crescimento da população em idade ativa e da forte entrada de mulheres na força de trabalho soteropolitana;
- b) a redução absoluta da oferta de postos de trabalho no final da década de 1990, como resultado da combinação de um processo estrutural - uma revolução tecnológica e organizacional num quadro de abertura da economia - e de uma conjuntura particular: a recessão da economia brasileira iniciada com a crise do Real;

- c) a não empregabilidade do trabalhador da RMS, que, sendo analfabeto, iletrado ou tendo formação técnica obsoleta, não encontraria ocupação numa economia que exige sólida formação básica e novas habilidades.

Faça-se então a análise dessas hipóteses, à luz dos dados existentes.

De acordo com a PME, a População em Idade Ativa da RMS cresceu 20,6% entre dezembro de 1991 (1.667.404 pessoas) e agosto de 1998 (2.010.076) (tabelas 3.4 e 3.5). Este crescimento é superior ao da maioria das outras RMs onde a PME é realizada, salvo Belo Horizonte, onde o crescimento da PIA atingiu 27,8% no mesmo intervalo. A RM de Belo Horizonte apresentou uma taxa de desemprego de 7,72% em agosto de 1998, inferior à que a PME mediu na RMS, mas esta, de qualquer modo, não é a informação mais relevante.

Muito mais que a PIA, interessa a evolução da População Economicamente Ativa e da taxa de participação (PEA/PIA).

TABELA 3.4

Evolução da PIA nas RMs, 1991 - 1998 (Em 1000 pessoas)

Mês/Ano	Salvador	B.Horizonte	P.Alegre	Recife	R.de Janeiro	São Paulo
Dez/91	1.667.404	2.262.522	2.103.700	1.934.596	7.404.047	10.986.227
Dez/92	1.741.128	2.352.746	2.121.305	1.986.303	7.600.686	11.141.626
Dez/93	1.782.135	2.460.762	2.156.481	2.035.140	7.603.443	11.311.355
Dez/94	1.834.163	2.534.758	2.320.239	2.097.834	7.559.488	11.685.506
Dez/95	1.860.523	2.619.112	2.321.573	2.121.216	7.734.843	12.016.541
Dez/96	1.912.352	2.680.388	2.378.779	2.185.004	7.892.232	12.345.509
Dez/97	1.952.180	2.731.328	2.422.259	2.223.625	7.985.773	12.578.944
Ago/98	2.010.076	2.890.535	2.450.882	2.280.018	8.004.765	12.847.525

Fonte: PME

TABELA 3.5

Evolução da PIA nas RMs, 1991- 1998 (Números índice)

Mês/Ano	Salvador	B.Horizonte	P.Alegre	Recife	R.de Janeiro	São Paulo
Dez/91	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Dez/92	104,4	104,0	100,8	102,7	102,7	101,4
Dez/93	106,9	108,8	102,5	105,2	102,7	103,0
Dez/94	110,0	112,0	110,3	108,4	102,1	106,4
Dez/95	111,6	115,8	110,4	109,6	104,5	109,4
Dez/96	114,7	118,5	113,1	112,9	106,6	112,4
Dez/97	117,1	120,7	115,1	114,9	107,9	114,5
Ago/98	120,6	127,8	116,5	117,9	108,1	116,9

Fonte PME, Cálculos da Equipe

A PEA de RMS cresceu, segundo a PME, 13,9% entre dezembro de 1991 (990.638 pessoas) e agosto de 1998 (1.127.894) (tabelas 3.6 e 3.7). Esta taxa é superior a da RM do Rio de Janeiro, equivalente a de São Paulo, mas inferior às taxas verificadas nas RMs de Recife (20%), Porto Alegre (20,5%) e Belo Horizonte (30,3%).

TABELA 3.6**Evolução da PEA nas RM's, 1991 - 1998 (Em 1000 pessoas)**

Mês/Ano	Salvador	B.Horizonte	P.Alegre	Recife	R.de Janeiro	São Paulo
Dez/91	990.638	1.381.722	1.254.331	1.031.991	4.177.215	6.785.533
Dez/92	1.027.126	1.445.739	1.297.645	1.079.516	4.234.418	6.907.585
Dez/93	1.014.088	1.477.860	1.322.117	1.063.035	4.297.618	6.886.127
Dez/94	1.072.655	1.564.909	1.422.492	1.083.993	4.260.981	7.165.085
Dez/95	1.113.095	1.613.661	1.419.758	1.103.075	4.304.131	7.404.352
Dez/96	1.107.252	1.642.542	1.450.841	1.110.572	4.313.894	7.538.291
Dez/97	1.140.737	1.629.483	1.491.385	1.152.438	4.387.064	7.396.419
Ago/98	1.127.894	1.799.734	1.511.361	1.238.050	4.399.259	7.770.697

Fonte PME

Ainda segundo a PME, a taxa de participação na RMS *decreceu* de 59,41 em dezembro de 1991 para 56,11 em agosto de 1998. Ela também diminuiu no Rio de Janeiro e em São Paulo, mas *aumentou* em Belo Horizonte, Porto Alegre e Recife. No curto prazo, a PME registra uma *estabilização* da taxa na RMS: 59,8 em dezembro de 1996 e 59,8 em abril de 1998 (tabela 3.8 e 3.9).

TABELA 3.7**Evolução da PEA nas RM's, 1991 - 1998 (Números índice)**

Mês/Ano	Salvador	B.Horizonte	P.Alegre	Recife	R.de Janeiro	São Paulo
Dez/91	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Dez/92	103,7	104,6	103,5	104,6	101,4	101,8
Dez/93	102,4	107,0	105,4	103,0	102,9	101,5
Dez/94	108,3	113,3	113,4	105,0	102,0	105,6
Dez/95	112,4	116,8	113,2	106,9	103,0	109,1
Dez/96	111,8	118,9	115,7	107,6	103,3	111,1
Dez/97	115,2	117,9	118,9	111,7	105,0	109,0
Ago/98	113,9	130,3	120,5	120,0	105,3	114,5

Fonte: PME, Cálculos da Equipe

Os dados da PED confirmam de certo modo esta estabilização. A amostra 1987-1988 registra uma taxa de participação de 59,4% para a RMS e de 59,6% para Salvador. Na amostra de 1996-1998, as proporções são de 59,8% para a RMS e de 60,5% para Salvador. Esta variação muito pequena confirma de certo modo os resultados da PME no sentido de que não há aumento da taxa de participação global na RMS ou na Capital da Bahia.¹⁶

¹⁶ Os dados diferem, mais uma vez, em razão das metodologias distintas; a PIA e a PEA da PED englobam grupos que não são registrados pela PME (crianças, trabalhadores desalentados e outros).

TABELA 3.8**Taxas de Participação nas RMS (%)**

Mês/Ano	Salvador	BH Horizonte	P. Alegre	Recife	R. de Janeiro	São Paulo
Dez/91	59,41	61,07	59,63	53,34	56,42	61,76
Dez/92	58,99	61,45	61,17	54,35	55,71	62,00
Dez/93	56,90	60,06	61,31	52,23	56,52	60,88
Dez/94	58,48	61,74	61,31	51,67	56,37	61,32
Dez/95	59,83	61,61	61,16	52,00	55,65	61,62
Dez/96	57,90	61,28	60,99	50,88	54,66	61,06
Dez/97	58,43	59,66	61,57	51,83	54,94	58,80
Ago/98	56,11	62,26	61,67	54,30	54,96	60,48

Fonte: PME, Cálculos da Equipe

Pode-se concluir desde já que o aumento da procura por trabalho não deve ser a única explicação para as altas taxas de desemprego na RMS e em Salvador. A PEA, em números absolutos, também cresce em outras RMS, inclusive em regiões que apresentam taxas de expansão bem mais altas, sem que isso implique desemprego equivalente ao da RMS. Ao mesmo tempo, a taxa de participação, que indica a proporção da PIA que tende em princípio a procurar emprego, tem se mantido relativamente estável, senão declinante, na RMS e em Salvador.

TABELA 3.9**Taxa de Participação em Salvador (%)**

MÊS	Dez/96	Jan/97	Fev/97	Mar/97	Abr/97	Mai/97	Jun/97	Jul/97
	59,8	59,5	59,6	59,9	60,2	60,7	60,3	60,7
Ago/97	Set/97	Out/97	Nov/97	Dez/97	Jan/98	Fev/98	Mar/98	Abr/98
60,6	60,8	61	61,1	61,2	61,1	60,7	60,5	59,8

Fonte: PME, Cálculos da Equipe

Os dados relativos à migração apontam para a mesma conclusão. De acordo com a Contagem de 1996, a imigração tem sido considerável na RMS, mas não em Salvador. Na Capital, ela parece estar sendo parcialmente compensada por uma forte emigração de adultos. Acrescente-se a isto que a proporção de migrantes na

PEA parece ter declinado na década de 1990. A PED 1987-1988 revelou uma proporção de recém migrantes (pessoas residindo há menos de três anos) no total da amostra de 7,5%, para a RMS, e de 7,1% para Salvador. Na amostra 1996-1998, estas porcentagens caíram, em ambos os casos, para 5%. A tendência foi a mesma no que diz respeito à proporção de imigrantes na PEA; em 1987-1988, 6,6% na RMS e 6,1% em Salvador, em 1996-1998, 5,7% nos dois casos (tabela 3.10).

TABELA 3.10**Migrantes com Menos de 3 anos de Residência**

MIGRANTES	RMS	SSA
Recém Migrantes na População		
1987-88	7,5	7,1
1996-98	5,0	5,0
Recém Migrantes na PEA		
1987-88	6,6	6,1
1996-98	5,7	5,7

Fonte: PED, Cálculos da Equipe

A taxa de participação das mulheres na PEA tem crescido. Ela era, em 1987-1988, de 43,4% na RMS e de 44,6% na Capital do Estado. Saltou para 46,7% e 48,0%, respectivamente, na amostra de 1996-1998. Mas isso não altera a conclusão apontada. De fato, ainda que as mulheres tenham aumentado sua presença na PEA, a taxa de participação global (ambos os sexos) não se alterou nos últimos dez anos.

TABELA 3.11**Participação das Mulheres na PEA**

MULHERES NA PEA	RMS	SSA
1987-88	43,4	44,6
1996-98	46,7	48,0

Fonte: PED, Cálculos da Equipe

Outra hipótese a ser descartada é a do aumento da PEA em razão da permanência de trabalhadores idosos (mais de 65 anos) na força de trabalho. Os dados da PED para a RMS revelam uma proporção pouco significativa e estável de pessoas nesta condição: em 1987-88, eles representavam 1,3% da PEA; em 1996-98, exatamente a mesma porcentagem. Se o fenômeno existe no Rio ou em São Paulo, na Capital baiana, a maior parte dos idosos continua aposentada, fora da PEA.

O desemprego em Salvador também não pode ser explicado unicamente pela falta de empregabilidade da força de trabalho soteropolitana. A PED revela uma elevação considerável do grau de instrução da mão-de-obra de Salvador, entre 1987-88 e 1996-98. Isso não impediu que as taxas de desemprego aumentassem neste intervalo (ver tabela 3.12).¹⁷

¹⁷ Sobre este ponto, ver os dados contidos no relatório de pesquisa *Perfil sócio-econômico do trabalho informal em Salvador*, FCE-UFBA/PMS, abril de 1999.

A principal causa para o desemprego em Salvador, na última década, foi a limitada criação de postos de trabalho na cidade. O número de ocupados na Capital baiana cresceu lentamente nos anos 1990, e até diminuiu no final da década (tabelas 3.13, 3.14 e 3.15). Tomando-se o número de ocupados como uma *proxy* do número de empregos criados, pode-se ter uma idéia do impacto da abertura comercial e da renovação tecnológica na economia da RMS, num quadro de crescimento lento. Os efeitos negativos sobre o emprego são especialmente visíveis após o final de 1995 (auge do Real). A população de ocupados permanece praticamente estagnada a partir de 1996 e chega a declinar, em termos absolutos, desde o início de 1998.

TABELA 3.12**Escolaridade dos Ocupados de Salvador**

ESCOLARIDADE	1987-88	1996-98
Analfabetos - sem escolaridade ou sem declaração	6,8	4,3
1º grau incompleto	50,2	37,6
1º grau completo a 2º grau incompleto	15,0	15,6
2º grau completo a 3º grau incompleto	22,0	31,6
3º grau completo	6,0	11,0

Fonte: PED, Cálculos da Equipe

TABELA 3.13
Evolução do Total de Ocupados em Seis Regiões Metropolitanas
(Em 1000 pessoas)

Mês/Ano	Salvador	B.Horizonte	P.Alegre	Recife	R.de Janeiro	São Paulo
Dez/91	938.825	1.338.124	1.212.452	983.263	4.050.151	6.447.436
Dez/92	962.979	1.387.876	1.246.685	1.008.144	4.087.220	6.576.764
Dez/93	952.501	1.424.630	1.278.776	998.793	4.129.633	6.570.524
Dez/94	1.010.243	1.519.924	1.380.877	1.040.481	4.145.545	6.906.005
Dez/95	1.040.814	1.556.176	1.357.158	1.054.412	4.168.415	7.026.757
Dez/96	1.047.271	1.574.172	1.390.814	1.076.103	4.188.785	7.231.929
Dez/97	1.053.548	1.554.489	1.430.328	1.095.179	4.221.862	7.012.776
Ago/98	1.025.073	1.674.644	1.392.601	1.116.779	4.146.986	7.098.557

Fonte: PIVE

TABELA 3.14**Evolução do Total de Ocupados em Seis Regiões Metropolitanas (Números Índice)**

Mês/Ano	Salvador	B.Horizonte	P.Alegre	Recife	R.de Janeiro	São Paulo
Dez/91	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Dez/92	102,6	103,7	102,8	102,5	100,9	102,0
Dez/93	101,5	106,5	105,5	101,6	102,0	101,9
Dez/94	107,6	113,6	113,9	105,8	102,4	107,1
Dez/95	110,9	116,3	111,9	107,2	102,9	109,0
Dez/96	111,6	117,6	114,7	109,4	103,4	112,2
Dez/97	112,2	116,2	118,0	111,4	104,2	108,8
Ago/98	109,2	125,1	114,9	113,6	102,4	110,1

Fonte: PME, Cálculos da Equipe

TABELA 3.15**Evolução do Total de Ocupados em Seis Regiões Metropolitanas, 1996-1998
(Em Mil Pessoas)**

Mês/Ano	Salvador	B.Horizonte	P.Alegre	Recife	R.de Janeiro	São Paulo
Dez/96	1.047.271	1.574.172	1.390.814	1.076.103	4.188.785	7.231.929
Jan/97	1.014.523	1.549.472	1.343.247	1.044.127	4.185.043	7.071.894
Fev/97	993.382	1.547.973	1.323.830	1.028.831	4.139.723	7.122.798
Mar/97	1.011.225	1.564.941	1.333.879	1.071.708	4.144.288	7.125.798
Abr/97	1.034.472	1.573.329	1.370.969	1.057.508	4.212.146	7.029.133
Mai/97	1.031.187	1.595.743	1.375.867	1.053.492	4.183.046	7.094.989
Jun/97	1.045.987	1.592.180	1.375.737	1.040.762	4.169.457	7.068.520
Jul/97	1.044.049	1.591.410	1.380.520	1.050.444	4.141.164	7.140.254
Ago/97	1.028.711	1.581.057	1.369.473	1.079.470	4.138.416	7.153.373
Set/97	1.034.605	1.589.353	1.399.511	1.109.241	4.188.256	7.173.183
Out/97	1.053.528	1.584.500	1.406.166	1.122.686	4.223.951	7.152.220
Nov/97	1.046.441	1.584.274	1.432.302	1.097.814	4.271.858	7.087.713
Dez/97	1.053.548	1.554.489	1.430.328	1.095.179	4.221.862	7.012.776
Jan/98	1.038.742	1.619.417	1.389.512	1.067.349	4.188.707	6.919.502
Fev/98	1.005.957	1.594.741	1.365.586	1.026.129	4.147.112	6.840.978
Mar/98	1.011.208	1.640.113	1.364.154	1.058.332	4.148.080	7.043.181
Abr/98	994.194	1.638.499	1.364.872	1.093.597	4.122.930	7.090.275
Mai/98	1.008.617	1.657.484	1.386.711	1.083.250	4.149.874	7.101.194
Jun/98	1.008.952	1.652.881	1.387.906	1.087.823	4.116.381	7.082.288
Jul/98	1.019.383	1.648.460	1.389.064	1.080.969	4.165.359	6.974.509
Ago/98	1.025.073	1.596.724	1.392.601	1.116.779	4.146.986	7.098.557

Fonte: PME

O desemprego em Salvador não é especialmente causado por um incremento acelerado da PEA. Certo, há imigração, crescimento da População em Idade Ativa e entrada de mulheres na força de trabalho. Mas isso não diferencia a RMS de outras Regiões Metropolitanas do país, que têm registrado taxas menores de desemprego. O problema também não está, como já exposto, na limitada empregabilidade do trabalhador da RMS. Seu nível de instrução - termômetro importante para esta empregabilidade - tem melhorado consideravelmente.

Em Salvador, como em outras RMs, a redução absoluta da oferta de postos de trabalho no final da década de 1990 foi resultado da combinação de um processo estrutural - uma revolução tecnológica e organizacional num quadro de abertura da economia - e de uma conjuntura determinada: a recessão da economia brasileira, iniciada com a crise do Real. Mas para explicar o maior desemprego em Salvador é necessário analisar certas particularidades da estrutura econômica soteropolitana.

Como se verá nas seções seguintes, o peso dos serviços é maior na economia da RMS que em outras Regiões Metropolitanas. Mas nem todos os segmentos dos serviços apresentam dinamismo; muitos se caracterizam especialmente pela precariedade do trabalho e pela alta instabilidade da ocupação.

Depois dos grandes investimentos do Pólo Petroquímico de Camaçari, a economia da RMS apresentou taxas modestas de crescimento. A nova onda de investimentos *footloose* não alterou esta situação, até porque eles foram dirigidos em grande parte para cidades do interior da Bahia, em função também de uma política deliberada de descentralização industrial bancada pelos últimos Governos Estaduais. O turismo - grande esperança - cresceu lentamente entre 1994 e 1998, como se verá mais adiante, sobretudo por causa da sobrevalorização do câmbio, que afugentou o turista estrangeiro e abriu o exterior para o turista nacional. Por diversos motivos, outros setores tradicionalmente importantes da economia local, como a construção civil e a indústria têxtil, passaram por sérias crises e demitiram pessoal.

A solução para o desemprego estrutural em Salvador é a criação de novos postos de trabalho, com a aceleração do crescimento da economia local. Em que setores isso pode vir a acontecer? Esta é a questão que norteia a análise na próxima etapa desta investigação.



4 Estrutura da Economia de Salvador

Nesta seção, a economia soteropolitana é analisada em seus "setores". As fontes são PME, PED, PNAD e POF. O exame da importância e da taxa de crescimento de cada setor é feito pelo ângulo da ocupação e do consumo. A pergunta central é: quais são, do ponto de vista do emprego, os setores mais dinâmicos da economia local?

Antes de começar a responder a esta questão, vale lembrar que o ideal seria abandonar a divisão trissetorial clássica, que remonta aos anos 1930, e substituí-la por uma abordagem mais holística da economia local. A economia contemporânea não se divide em "primário", "secundário" e "terciário". Não existe produto agrícola ou industrial sem serviços agregados, nem tampouco serviços que não agreguem produtos materiais. É cada vez mais difícil precisar a natureza "setorial" de um número crescente de empresas.

Infelizmente, as estatísticas evoluem muito mais devagar que a realidade e a teoria, daí permanecer a exigência, apesar de todas as ressalvas, a trabalhar com os "setores" tradicionais.

4.1 Tamanho da Economia de Salvador

Antes da maxidesvalorização do início de 1999, o PIB baiano oficial era estimado entre US\$ 36,5 (IPEA) e US\$ 40,1 bilhões (IBGE/SEI *apud* Exame). Estes cálculos tinham por base uma participação baiana no PIB brasileiro de 4,5 a 5%. A desvalorização certamente alterou estes valores, mas não se sabe ainda em que escala. A queda do Real reduziu o poder de compra brasileiro no mercado mundial; houve, deste ângulo, queda do produto interno em moeda estrangeira. No entanto, a desvalorização tende a favorecer as exportações e o turismo receptivo, o que significa incremento do PIB. Na impossibilidade de medir o impacto da crise do Real sobre o valor do produto do país, pode-se estimar como valor do PIB oficial baiano, a média entre as duas cifras citadas: 37,9 bilhões de dólares, de 1996. Este valor é compatível com a última estimativa divulgada pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) - R\$ 39,9 bilhões em 1997, ou cerca de US\$ 36,3 bilhões.¹⁸

¹⁸ Existem estimativas mais baixas. O PIB total, entretanto, é maior. Em valor, o conjunto da *economia subterrânea* deve superar os 20% do PIB oficial do Estado. De fato, a incorporação pela SEI de somente parte do setor informal (trabalhadores sem carteira ou por conta própria) resultou num incremento de 6,5% do PIB baiano

A SEI estimou sua *proxy* do PIB do Município de Salvador em 37,9% do produto estadual em 1996. Isso implicaria *um PIB soteropolitano de US\$ 14,9 bilhões*, cerca de 2% do produto interno brasileiro. Este valor, por sua vez, corresponderia a *um produto per capita anual de cerca de 6.700 dólares*.¹⁹

Salvador teria, assim, um PIB per capita maior que o dobro do baiano, estimado em cerca de US\$ 3.000,00. Isso não significa muito quando se leva em conta que o PIB per capita baiano é 60% do nacional e que a renda em Salvador é altamente concentrada.²⁰

TABELA 4.1
Economia de Salvador: Alguns Dados

Indicadores	Ano	Dados
Participação no PIB da Bahia	1996	37,9%
Estimativa do PIB de Salvador	1996	US\$ 14,9 bi
Estimativa do PIB <i>per capita</i> de Salvador	1996	US\$ 6.737
Participação no consumo baiano de energia elétrica	1997	29,5%
Residencial		39,6%
Industrial		7,9%
Comercial		55,2%
Participação nas ligações telefônicas da Bahia	1996	
Intermunicipais		31,4%
Interestaduais		55,8%
Internacionais		74,8%
Participação no total de agências bancárias da Bahia	1997	26,4%
Participação no total de depósitos bancários	1995	79,5%
Participação nos salários pagos pelo Governo da Bahia	1995	51,0%
Participação nos veículos cadastrados na Bahia	1997	46,80%
Automóveis	1997	55,10%
Participação na arrecadação estadual de ISS	1996	59,95%

Fontes: IPEA, SEI, Cálculos da Equipe

(ver *Gazeta Mercantil*, *Gazeta da Bahia*, 22/12/98, p. 3). Um aumento de 20% colocaria o produto total próximo a 45 bilhões de dólares de 1996

¹⁹ Trata-se do *Índice do Produto Municipal*, que deve ser considerado apenas um "indicador da participação de cada município no agregado do Estado [...]"; ver *Classificação dos municípios baianos*: indicadores selecionados, v. 1, 1996. Salvador: SEI, 1998.

²⁰ Ver *Classificação dos municípios baianos*: indicadores selecionados. *op. cit.*

4.2 Estrutura da Economia Soteropolitana

Na população ocupada da Região Metropolitana de Salvador, a proporção empregada pela indústria caiu de 11,7%, em janeiro de 1991, para 8,3% em agosto de 1998, segundo a PME. Nos anos 90, trata-se de um processo comum a todas as mais importantes Regiões Metropolitanas do país, o que a tabela 4.2 mostra com clareza. Suas causas são conhecidas: reestruturação produtiva (desemprego tecnológico) e abertura para importações (redução da fração de mercado dos produtos nacionais), dois processos que se iniciam com o governo Collor e se intensificam ao longo da década de 1990. E agravado, em período mais recente, pela desvalorização do Real e a conseqüente recessão.

Em Salvador, o declínio do emprego industrial é verificado também pela PED, no período 1987-88 a 1996-98. A primeira amostra registrou uma proporção de 7,2% de ocupados na indústria, entre os que trabalhavam e moravam na Capital do Estado. Esta proporção caiu para 5,6% na amostra de 1996-98. Entre os que moravam na Capital, mas trabalhavam em Salvador ou na RMS (o que incluía os residentes soteropolitanos com emprego no Pólo Petroquímico de Camaçari e em outros municípios), tais proporções foram de 10,5% e 7,7%, no mesmo intervalo (ver tabela 4.6).

Esta tendência ao declínio do emprego industrial na RMS não persiste nos últimos anos. A PED registra estabilidade na proporção de ocupados na indústria, entre o final de 1996 e o início de 1998 (tabela 4.3). A PME revela o mesmo, no intervalo entre dezembro de 1995 e agosto de 1998. A PNAD, enfim, revela crescimento da ocupação na indústria, entre 1993 e 1997 (12,8%) (tabela 4.5). A explicação é que os anos de estabilidade do Real, com incremento do poder de compra de segmentos mais pobres da população e maior capacidade de endividamento para todos, permitiram certa expansão do mercado. O crescimento da ocupação industrial em Salvador e em algumas outras RMS, entre as quais Belo Horizonte e Recife, deve-se parcialmente a isso. Outra parcela do crescimento da proporção de ocupados na indústria deve estar relacionado ao sucesso na atração de novos empreendimentos industriais.

Mas o que chama realmente a atenção na análise do emprego industrial na RMS é a pequena proporção da força de trabalho ocupada no setor: por volta de 9%, ou seja, cerca de metade das proporções registradas para as RMS de Belo Horizonte, Porto Alegre ou São Paulo. Uma proporção também menor que aquelas verificadas para Rio de Janeiro e Recife, Regiões Metropolitanas que conheceram décadas de desindustrialização. Em suma, é a menor, dentre as seis RMS relacionadas.

TABELA 4.2**Distribuição Setorial da Ocupação em Regiões Metropolitanas Selecionadas (%)**

Regiões Administrativas	Indústria	C. Civil	Comércio	Serviços
Belo Horizonte				
Jan/91	18,18	10,10	14,60	50,06
Dez/95	16,42	9,32	14,41	51,67
Ago/98	16,58	10,15	13,72	53,00
Porto Alegre				
Jan/91	23,70	5,89	15,24	45,30
Dez/95	22,10	6,65	15,58	46,48
Ago/98	20,68	6,59	15,25	49,17
Recife				
Jan/91	13,14	7,42	17,81	49,62
Dez/95	10,74	7,10	20,03	51,34
Ago/98	10,44	6,01	17,93	54,06
Rio de Janeiro				
Jan/91	16,21	7,54	14,58	52,68
Dez/95	13,45	6,84	14,72	56,00
Ago/98	11,03	7,06	14,57	57,59
Salvador				
Jan/91	11,72	8,93	14,89	53,62
Dez/95	8,91	9,20	15,89	56,28
Ago/98	8,33	7,97	15,81	56,73
São Paulo				
Jan/91	30,95	6,82	13,90	44,16
Dez/95	24,62	6,71	16,07	48,54
Ago/98	21,02	7,03	15,19	52,60

Fonte: IBGE, PME

TABELA 4.3**Distribuição Setorial da Ocupação em Regiões Metropolitanas Selecionadas (%)**

Regiões Administrativas	Indústria	C. Civil	Comércio	Serviços
Belo Horizonte				
Dez/96	17,1	8,5	14,6	49,1
Abr/98	15,5	8,2	15,9	50,3
Salvador				
Dez/96	8,7	5,2	17,6	56,0
Abr/98	8,6	5,5	16,7	57,8

Fonte: PED, Cálculos da Equipe

Um outro setor de importância decrescente na geração de empregos na RMS em Salvador é a construção civil. A PED revelou uma queda de 7,2 para 4,8% entre os ocupados que moravam e trabalhavam em Salvador, no intervalo de 1987-88 a 1996-98; e de 10,5 para 7,7%, caso incluídos os soteropolitanos que trabalhavam na RMS (tabela 4.6). Para a Região Metropolitana, a PED revela uma estabilidade da taxa de participação no período mais recente (1996-98), o que é confirmado na comparação das PNADs de 1993 e 1997 (15,8% de aumento no número absoluto de ocupados). A PME, entretanto, registra o declínio da proporção de ocupados na construção civil da RMS, na comparação entre dezembro de 1995 (auge do Real) e agosto de 1998.

A construção civil nacional e seu complexo - o *construbusiness* - já vêm conhecendo crescimento lento ou estagnação há alguns anos. Houve redução importante no volume das obras públicas, em função da crise fiscal. A construção civil pesada tem se sustentado com as obras de *shopping centers*, implantação de novas indústrias e com trabalhos decorrentes das concessões nas áreas de telefonia e rodovias. É o que também ocorre na Bahia, onde o segmento contou nos últimos anos com poucos investimentos públicos, derivados basicamente dos Programas Bahia Azul e Integração dos Corredores Rodoviários. A construção civil residencial, ao mesmo tempo, enfrentou a retração do mercado, em razão do estágio recessivo da economia e de taxas de juros elevadas que inviabilizam o financiamento de habitações. Este segmento resiste na RMS sobretudo com obras de condomínio e de autofinanciamento.

O resultado final é a redução ou estagnação do emprego na construção civil, em todas as principais Regiões Metropolitanas do país (ver tabelas 4.2 e 4.3).

A produção de materiais de construção vem sendo absorvida pelo chamado *consumo-formiga*, realizado por indivíduos que fazem a autoconstrução ou a reforma de imóveis próprios, bem como por microempresários que operam na informalidade. O segmento informal do *construbusiness* tem respondido por cerca de 70% das vendas de materiais, segundo a Anamaco - Associação Nacional dos Comerciantes de Materiais de Construção.²¹ O quadro na Capital baiana, não é diferente. O estudo *Perfil Sócio-Econômico do Trabalhador Informal de Salvador* revelou um forte incremento do trabalho informal na construção civil.²²

Na década de 1990, a proporção de ocupados no comércio praticamente não se alterou na RMS e nas outras principais Regiões Metropolitanas do país. De acordo com a PME, no período entre janeiro de 1991 e agosto de 1998, apenas a RM de

²¹ Ver Maria Lúcia Moraes LEHWING, "Mercado mais competitivo em 1999", *Conjuntura Econômica*, fevereiro de 1999, p. 35.

²² Ver UFBA-FCE/PMS-SEPLAM, *Perfil sócio-econômico do trabalhador informal de Salvador*, abril de 1999.

São Paulo, onde o impacto da desindustrialização foi maior, registrou um crescimento expressivo da proporção de ocupados no comércio (tabela 4.2). Mas isso ocorreu sobretudo pela queda proporcionalmente maior do nível de emprego na indústria. Em São Paulo, segundo a PNAD, o número absoluto de ocupados no comércio paulista diminuiu ligeiramente, entre 1993 e 1997 (tabela 4.5).

Ainda no longo prazo, a *PED também revela uma grande estabilidade na proporção de ocupados pela atividade comercial, tanto na RMS quanto em Salvador* (tabela 4.6).

A conclusão possível é que a expansão do número de ocupados no comércio, que resulta da crise, com a migração para a informalidade e o aparecimento de novos microempresários, ambulantes e "sacoleiras", não é acompanhada por um grande aumento do emprego de mão-de-obra no comércio formal. Este, como se sabe, conhece intensa renovação tecnológica. O resultado final é que, no longo prazo, o emprego no comércio cresce, mas não acima das taxas verificadas para o conjunto da economia de cada Região Metropolitana.

Na década de 1990, do ponto de vista do emprego, as atividades em expansão em todas as economias metropolitanas mais importantes estão nos serviços. É o que revela a PME (tabela 4.2) e a PED (tabela 4.6). Segundo esta última pesquisa, na RMS e em Salvador, especificamente, entre 1987-88 e 1996-98, cresceram tanto a ocupação na prestação de serviços em geral, quanto a ocupação na prestação de serviços domésticos.

A estrutura da economia soteropolitana, desenhada a partir da ocupação nos macro setores, pode ser descrita da forma que se segue.

O segmento da economia mais importante da economia local é sem dúvida a prestação de serviços, com 59,4% da ocupação na Região Metropolitana de Salvador, segundo a PNAD 97, e 67,6% em Salvador, de acordo com a amostra PED de 1996-98 (incluídos neste caso também os soteropolitanos que trabalham em outros municípios da RMS). A PED revelava ainda, para o conjunto da RMS em abril de 1998, uma proporção de 57,8% de ocupados nos serviços, próxima da porcentagem sugerida pela última PNAD. Entre os soteropolitanos que trabalhavam em Salvador, a participação dos ocupados em serviços saltava para 69,2% (tabelas 4.2, 4.3 e 4.6).

A atividade comercial é a segunda em importância, com 15 a 17% de participação na ocupação da RMS e de 19 a 20% em Salvador (tabelas 4.4 e 4.6). Somados, comércio, serviços e serviços domésticos - o "terciário" - significam cerca de 75% da ocupação na RMS. Em Salvador, mais de 88% dos ocupados estão nestas atividades de comércio e serviços.

TABELA 4.4

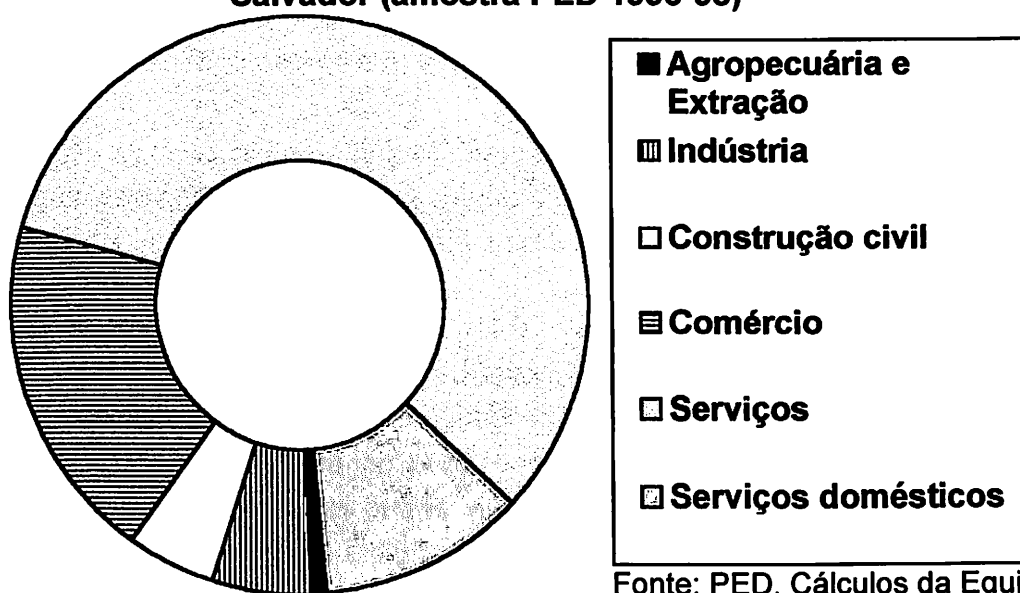
Distribuição dos Ocupados Segundo o Ramo de Atividade em Regiões Metropolitanas Seleccionadas (%)

Ramos de Atividade do Trabalho Principal	B. Horizonte	São Paulo	R. de Janeiro	Curitiba	P. Alegre	Salvador	Recife	Fortaleza	Belém	Total das RMs	Quociente de Especialização de Salvador
Agrícola	3,70	0,88	1,02	4,37	4,49	2,06	3,72	3,93	1,11	2,06	1,00
Indústria de Transformação	16,16	22,22	11,63	16,16	20,02	9,16	8,36	13,62	8,68	16,54	0,55
Indústria de Construção	11,22	6,69	6,80	10,09	7,33	8,67	7,89	8,29	6,25	7,64	1,14
Outras atividades industriais	1,59	0,92	1,20	1,13	1,04	1,45	1,15	1,24	1,11	1,13	1,29
Comércio de mercadorias	14,39	15,11	16,00	15,49	15,10	16,59	19,79	21,33	21,87	16,09	1,03
Prestação de serviços	25,54	22,70	27,66	24,30	22,33	28,26	28,57	26,95	27,58	25,09	1,13
Serviços auxiliares	5,60	7,19	6,04	5,42	6,43	7,31	4,44	3,41	4,68	6,22	1,17
Transporte e comunicação	4,87	6,54	6,84	5,53	4,74	5,67	5,78	3,86	4,53	5,97	0,95
Serviços sociais	10,61	10,57	12,99	9,38	10,70	12,22	11,24	10,95	13,07	11,24	1,09
Administração pública	4,01	3,71	6,29	4,17	4,64	5,91	6,41	4,11	8,69	4,80	1,23
Outras e não declaradas	2,32	3,48	3,54	3,96	3,17	2,70	2,67	2,31	2,44	3,22	0,84

Fonte: PNAD 1997, Cálculos da Equipe

Indústria e construção civil vêm, respectivamente, em terceiro e quarto lugar entre os macro setores de atividades, cada um com menos de 8% da ocupação total.

Ocupação por Setor - Pessoas que Moram e Trabalham em Salvador (amostra PED 1996-98)



Fonte: PED, Cálculos da Equipe

4.3 Especializações e Lacunas da Matriz Econômica de Salvador

A tabela 4.4 mostra que o "grau de especialização" da RMS na indústria é de apenas 0,55, indicando que, em comparação com as outras Regiões Metropolitanas, a atividade industrial ocupa em Salvador e no seu entorno uma proporção bem menor da força de trabalho. Por que a indústria emprega tão pouco na RMS e em Salvador? Existem pelo menos duas razões para este fato. Em primeiro lugar, a indústria instalada na RMS - cujo segmento mais importante está na química de processo contínuo automatizado - emprega pouca mão-de-obra. Em segundo, o que é mais importante: *Salvador e a RMS têm pouca indústria.*²³

Note-se que, segundo a PNAD 97, a proporção de ocupados na indústria na RMS (9,16%) é inferior à da Região Metropolitana de Fortaleza (13,62%) e, ainda, bem menor que as porcentagens verificadas em metrópoles regionais de reconhecido dinamismo, como Belo

²³ O "grau de especialização" é $GE_i = (o_i/o)/(O_i/O)$, onde: o_i é total de ocupados no setor soteropolitano i , o é o total de ocupados em Salvador, O_i é o total de ocupados no setor i do conjunto das Regiões Metropolitanas e, finalmente, O é o total de ocupados no conjunto das RMSs.

Horizonte (16,16%), Curitiba (idem) e Porto Alegre (20,02%). Em Salvador, segundo a PED, a proporção de ocupados na indústria em abril de 1998 era quase a metade da proporção registrada em Belo Horizonte (tabela 4.3).

A atividade industrial é a grande lacuna aberta na matriz econômica da RMS. Isso indica, paradoxalmente, que são significativas as possibilidades de expansão da indústria local, com base na substituição de importações regionais. O crescimento do pessoal ocupado nos anos de boom do Real parece reforçar esta hipótese (ver tabela 4.5).

Na comparação com as outras Regiões Metropolitanas, a RMS aparece com graus de especialização relevantes em cinco setores: prestação de serviços, construção civil, serviços auxiliares, administração pública e outras atividades industriais.

A prestação de serviços incorpora, na PNAD, alojamento e alimentação, reparação e conservação, serviços pessoais, serviços domiciliares e diversões, radiofusão e televisão. Os serviços auxiliares de atividades econômicas englobam também os de natureza técnico-profissional. A administração pública abarca os serviços de defesa nacional e segurança pública. Finalmente, as outras atividades industriais correspondem à extração mineral e aos chamados serviços industriais de utilidade pública.

TABELA 4.5

Taxas de Crescimento do Pessoal Ocupado Segundo o Ramo de Atividade em Regiões Metropolitanas Selecionadas, 1993-1997(%)

Ramos de Atividade do Trabalho Principal	B. Horizonte	São Paulo	R. de Janeiro	Curitiba	P. Alegre	Recife	Fortaleza	Belém	Salvador	Bahia	Brasil
Total	15,8	4,5	2,1	24,5	2,4	7,2	11,4	0,9	8,1	2,9	4,1
Agrícola	5,1	-25,8	-12,6	-27,8	-32,1	-15,3	27,6	-46,1	5,9	-4,2	-8,1
Indústria de Transformação	14,0	-8,5	-14,6	26,7	-14,1	-17,9	-10,9	9,0	12,8	8,7	-0,4
Indústria de Construção	28,6	3,1	-8,9	39,6	12,4	26,5	1,5	7,1	15,8	23,4	6,9
Outras atividades industriais	-10,3	-13,0	-23,8	-22,3	-8,1	-15,1	18,4	-25,2	-24,4	-38,1	-18,2
Comércio de mercadorias	12,0	-4,6	8,5	24,7	12,0	7,1	19,2	8,3	-2,5	3,0	8,8
Prestação de serviços	20,0	13,1	7,8	50,5	19,9	11,9	13,5	1,2	11,4	12,5	13,9
Serviços auxiliares	41,0	38,0	10,0	23,7	15,3	11,1	67,8	25,4	45,8	31,1	28,3
Transporte e comunicação	4,0	31,6	14,1	33,1	16,1	38,1	6,7	-13,8	16,8	20,9	20,8
Serviços sociais	22,8	13,0	6,3	21,0	7,3	10,6	34,0	1,7	9,2	7,4	13,5
Administração pública	-2,3	15,9	8,3	2,0	8,0	19,1	-11,5	-8,8	-4,0	2,6	3,4
Outras e não declaradas	-12,2	-14,7	-15,2	2,5	-20,8	-21,5	11,2	-18,7	-20,9	14,9	-8,0

Fonte: PNADs 1993 e 1997, Cálculos da Equipe

O peso da administração pública deve-se ao chamado *efeito-capital* - Salvador concentra instituições federais, cerca de 50% da folha do funcionalismo estadual e uma grande Prefeitura.

As chamadas "outras atividades industriais" têm peso pequeno na economia, do ponto de vista do emprego.

TABELA 4.6

Distribuição da Ocupação por Setor na RMS e em Salvador Segundo Locais de Trabalho e Residência, 1987 - 88 / 1996 - 98

Setores de Atividade	Moram e Trabalham em SSA		Moram em SSA e Trabalham na RMS ou em SSA	
	1987-88	1996-98	1987-88	1996-98
Agropecuária e extração vegetal	0,6	0,9	0,8	1,0
Indústria de transformação	7,3	5,6	10,5	7,7
Construção civil	7,2	4,8	7,2	4,9
Comércio de mercadorias	19,9	19,5	18,8	18,8
Serviços	54,5	57,6	53,0	56,7
Serviços domésticos	10,5	11,6	9,7	10,9

Fonte: PED, Cálculos da Equipe

Destacam-se, assim, três dos cinco setores relevantes: a construção, com cerca de 8,7% dos ocupados, a prestação de serviços (28,3%) e os serviços auxiliares (7,3%) (tabela 4.4).

Se são estes os setores que concentram a ocupação, é necessário verificar também em que atividades a ocupação mais cresceu em termos absolutos. De acordo com a PNAD, entre 1993 e 1997, foram, pela ordem, *serviços auxiliares (45,8%), transporte e comunicação (16,8%), indústria da construção (15,8%), indústria de transformação (12,8%), prestação de serviços (11,4%) e serviços sociais (9,2%)*. Em todos estes setores a ocupação cresceu a uma taxa superior à registrada para o conjunto da economia da RMS - 8,1%, conforme mostra a tabela 4.5.

4.4 O Que os Dados de Consumo Revelam

A comparação entre as Pesquisas de Orçamento Familiar (POF) de 1987-88 e 1995-96 revela cinco alterações significativas na estrutura da despesa das famílias da RMS. Antes de tratar delas com mais detalhe, é necessário lembrar que os anos de 1995 e 1996 correspondem ao auge do Plano Real e de sua bolha de consumo.

Diminuiu significativamente a importância das despesas com *vestuário* e *recreação e cultura*. No primeiro caso, a principal causa foi a queda dos preços relativos de tecidos e roupas, a partir da abertura da economia. Vale a pena investigar o efeito reestruturador desta abertura sobre a *indústria de vestuário* local, que volta a operar em condições mais competitivas desde a desvalorização da moeda. Quanto à variação nos gastos com recreação e cultura, a explicação é mais difícil. É possível que as mudanças da economia nacional nos anos 1990 tenham permitido uma redução de preços em alguns bens e serviços deste item. Mas o mais provável é que tenha ocorrido diminuição das despesas com lazer e cultura, haja vista o crescimento das participações no orçamento familiar de três itens essenciais: *habitação, assistência à saúde e educação* (ver tabela 4.7).

Na RMS, ainda segundo a POF, a elevação das despesas com *habitação* ocorreu sobretudo em função de impostos e taxas, manutenção do lar e aluguel.

As despesas com assistência à saúde cresceram por dois motivos: difusão e encarecimento de seguros e planos de saúde. Uma parcela da população deixou de demandar serviços públicos e passou a pagar pela assistência privada. Como a educação, a assistência à saúde é basicamente composta de serviços que não são ainda importáveis. *Estes segmentos de serviços não foram atingidos pela competição internacional e puderam elevar seus preços relativos nos anos 90.*

Há pouca competição no setor saúde, pois o capital estrangeiro mal começou a aportar e a *demanda supera a oferta em vários nichos* (UTI's, por exemplo). Há enorme espaço para redução de custos.

O mesmo pode ser dito do setor *educação*. Face a uma demanda em expansão, cresceu principalmente o ensino privado. Este, na ausência de competição externa e num mercado igualmente comprador, deslocou para cima seus preços relativos, sobretudo nas taxas e mensalidades escolares.

Entre 1987/88 e 1995/96, na RMS, segundo a POF, a participação das despesas com *cursos regulares* (do pré-escolar ao 3º grau) no orçamento familiar cresceu 263% (de 1,4 para 3,8%). As despesas com *seguro saúde e assistência à saúde*, por sua vez aumentaram 489% (de 0,39 para 2,3%).

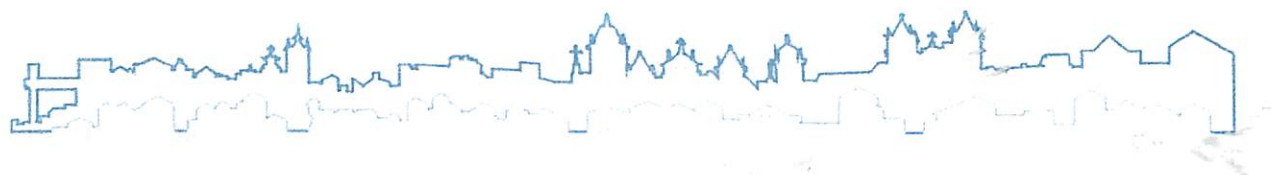
O aumento das despesas com *habitação, saúde e educação* sinaliza para o crescimento da importância destes mercados na RMS e para a existência de uma demanda reprimida, realizável em nova conjuntura de ganhos de renda média real e/ou de menores preços relativos.

TABELA 4.7

Distribuição da Despesa Média Mensal Familiar, Segundo os Tipos de Despesa - RMS e Total da RM's, 1987-88 e 1995-96

Tipos de despesa	RMS			Total das RM's		
	1987-88	1995-96	Var. (%)	1987-88	1995-96	Var. (%)
<i>Desembolso global</i>	100,0	100,0		100,0	100,0	
<i>Despesas correntes</i>	86,6	88,4	2,1	84,5	81,0	(4,2)
<i>Despesas de consumo</i>	75,6	80,2	6,2	73,9	71,2	(3,7)
- Alimentação	21,5	22,8	6,2	18,7	16,4	(12,5)
- <u>Habitação</u>	14,4	20,2	39,9	15,7	20,8	32,2
- <u>Vestuário</u>	11,3	5,8	(48,5)	9,5	4,7	(50,6)
- Transporte	9,6	10,1	5,0	11,1	9,7	(12,0)
- <u>Assistência à saúde</u>	4,1	6,4	54,4	5,3	6,5	23,0
- <u>Educação</u>	3,0	5,8	91,0	2,7	3,5	30,7
- <u>Recreação e cultura</u>	3,3	2,5	(24,3)	3,2	2,5	(21,1)
- Outros	8,3	6,6	(19,7)	7,7	7,0	(8,3)
<i>Outras despesas correntes</i>	11,0	8,2	(26,0)	10,6	9,8	7,7
<i>Aumento do ativo</i>	10,9	10,1	(7,3)	14,1	17,2	22,0
<i>Diminuição do passivo</i>	2,6	1,6	(39,5)	1,4	1,9	30,1

Fonte: IBGE, POF, 1987-88 e 1995-96



5 Os Segmentos de Maior Dinamismo

Na seção anterior, a análise da estrutura econômica soteropolitana, no tocante à ocupação de pessoal, destacou seis macro setores de atividades. Em primeiro lugar, a **indústria**, sobretudo pelo seu pequeno peso no emprego total da Capital da Bahia, mas também pela expansão recente da força de trabalho industrial soteropolitana. Em segundo lugar, a **construção civil**, por três razões: importância ainda considerável na ocupação, apesar da queda no longo prazo, expansão recente do número de ocupados e peso maior da habitação no consumo das famílias de Salvador. Em terceiro, os **serviços auxiliares** (técnicos e profissionais), que têm conhecido uma taxa de expansão do número de ocupados mais que relevante. Em quarto, **transporte e comunicações**, pelo mesmo motivo. Em quinto, a **prestação de serviços**, tanto pelo peso na ocupação total, quanto pela continuidade do crescimento do número de ocupados neste setor. Em sexto, finalmente, os **serviços sociais**, porque além da ocupação crescer no ensino e nos serviços de saúde, a expansão extraordinária dos gastos da população com estes itens parece indicar o desenvolvimento de dois mercados promissores.

Esta seção procura aprofundar a análise, identificando na indústria e nos serviços quais são os subsetores de maior dinamismo. Utiliza, para tanto, os dados da PED.

5.1 Os Segmentos que Crescem

Como revela a tabela 5.1, entre 1987-88 e 1996-98, praticamente nenhum segmento da indústria de transformação apresentou crescimento de *participação* na ocupação global dos habitantes de Salvador. As exceções parciais foram o artesanato, o segmento têxtil, vestuário e calçados (por conta de empregos criados fora da Capital) e a indústria de mobiliário e produtos de madeira, que conseguiu manter seu nível de participação, pelo menos no que se refere à mão-de-obra que mora e trabalha em Salvador.

TABELA 5.1

Ocupação por Setor Econômico de Residentes em Salvador

Setores e Subsetores	Moram e Trabalham em Salvador			Moram em SSA e Trabalham em SSA ou na RMS		
	1987-88	1996-98	Var. %	1987-88	1996-98	Var. %
Agropecuária e extração vegetal	0,6	0,9	50,0	0,8	1,0	25,0
Indústria de transformação	7,3	5,6	-23,3	10,5	7,7	-26,7
Metalúrgica, mecânica, elétrica, transporte	1,2	0,8	-33,3	2,0	1,1	-45,0
<u>Têxtil, vestuário e calçados</u>	1,0	0,9	-10,0	0,8	0,9	12,5
<u>Alimentos</u>	1,3	1,2	-7,7	1,4	1,3	-7,1
Mobiliário e outros produtos de madeira	0,6	0,6	0,0	0,6	0,5	-16,7
Complexo química e petroquímica*	0,9	0,5	-44,4	3,0	2,1	-30,0
Gráfica	0,7	0,6	-14,3	0,6	0,6	0,0
Materiais de construção	0,6	0,2	-66,7	0,6	0,3	-50,0
<u>Artesanato</u>	0,4	0,5	25,0	0,3	0,4	33,3
Outras indústrias de transformação	0,6	0,3	-50,0	1,1	0,5	-54,5
Construção civil	7,2	4,8	-33,3	7,2	4,9	-31,9
Comércio de mercadorias	19,9	19,5	-2,0	18,8	18,8	0,0
Serviços	65,0	69,2	6,5	62,6	67,5	7,8
Adm. pública, polícia e Forças Armadas	8,2	6,9	-15,9	7,7	7,0	-9,1
Serviços de utilidade pública	2,0	1,3	-35,0	1,7	1,2	-29,4
Transporte e armazenagem	4,4	4,2	-4,5	4,2	4,2	0,0
Serviços creditícios e financeiros	2,8	2,1	-25,0	2,4	2,0	-16,7
<u>Administração e comércio de imóveis</u>	0,3	1,7	466,7	0,3	1,6	433,3
<u>Serviços especializados</u>	1,9	3,9	105,3	1,9	3,8	100,0
<u>Serviços Auxiliares</u>	2,1	3,7	76,2	3,6	3,8	5,6
<u>Serviços de limpeza, vigilância e oficinas</u>	1,9	5,3	178,9	2,0	5,1	155,0
Oficinas de reparação mecânica	2,2	1,8	-18,2	2,1	1,9	-9,5
<u>Serviços de comunicação e diversão**</u>	1,2	2,5	108,3	1,1	2,4	118,2
<u>Serviços de alimentação</u>	5,7	6,4	12,3	5,4	6,1	13,0
Hotéis, pensões e alojamentos		0,5			0,5	
<u>Educação</u>	6,3	7,4	17,5	5,9	7,3	23,7
<u>Saúde</u>	4,0	5,1	27,5	3,7	5,0	35,1
<u>Serviços comunitários</u>	1,0	1,2	20,0	0,9	1,2	33,3
Serviços pessoais	6,3	1,7	-73,0	5,9	1,6	-72,9
<u>Serviços domésticos</u>	10,5	11,6	10,5	9,7	10,9	12,4
Outros serviços	4,2	1,8	-57,1	3,9	1,9	-51,3
Total geral	100,0	100,0		99,9	99,9	

*Inclui plásticos, farmacêutica e artefatos de borracha

**Inclui rádio e teledifusão

Fonte: PED, nossos cálculos

A tabela 5.1, entretanto, deve ser analisada com maior atenção. Como a tendência geral é de expansão maior da ocupação nos serviços, é natural que as taxas de participação dos subsetores industriais diminuam. A tabela identifica apenas mudanças relativas, o que implica dizer que em outros setores da indústria, além do artesanato, a ocupação absoluta também aumentou nos últimos anos.

A tabela 5.2 mostra a evolução da ocupação exclusivamente na indústria, considerando apenas os moradores de Salvador que trabalham na Capital. É importante observar como o peso relativo de segmentos tradicionais liderados por grandes empresas diminui (metal-mecânica, química e materiais de construção), enquanto aumenta a importância de segmentos majoritariamente constituídos por pequenas e microempresas. Entre 1987-88 e 1996-98, os segmentos industriais que parecem ter um desempenho mais positivo do ponto de vista da oferta de trabalho são: a) *têxtil, vestuário e calçados*, b) *alimentos*, c) *mobiliário e outros produtos de madeira*, e d) *gráficas*. Chama a atenção ainda, a boa performance do *artesanato*.

TABELA 5.2
Ocupação por Subsetor Econômico dos Residentes em Salvador -
Ocupados na Indústria

Setores e Subsetores	Moram e Trabalham em Salvador		
	1987-88	1996-98	Var. %
Metalúrgica, mecânica, elétrica, transporte	16,4	14,3	-13,0
Têxtil, vestuário e calçados	13,7	16,1	17,5
Alimentos	17,8	21,4	20,2
Mobiliário e outros produtos de madeira	8,2	10,7	30,2
Complexo química e petroquímica*	12,3	8,9	-27,8
Gráfica	9,6	10,7	11,6
Materiais de construção	8,2	3,6	-56,2
Artesanato	5,5	8,9	62,4
Outras indústrias de transformação	8,2	5,4	-34,3
Indústria de transformação	100,0	100,0	

*Inclui plásticos, farmacêutica e artefatos de borracha

Fonte: PED, Cálculos da Equipe

A tabela 5.3 detalha a evolução da ocupação nos subsetores de serviços.

Note-se, primeiramente, que diminui a importância do emprego na administração estatal (ainda que ele tenha aumentado, como se sabe com base nos dados da PED, no segmento de segurança pública). Isso deve-se provavelmente à redução das contratações pelo Estado desde o final dos anos 80, com o início de um período marcado pela crise fiscal, e pela necessidade de restrição do gasto com funcionários, nos termos da Lei Camata.

Os Governos Estadual e Municipal têm, em contrapartida, utilizado maior proporção de trabalho terceirizado. Este movimento reduz a proporção de ocupados na administração pública enquanto aumenta o peso de vários segmentos de serviços.

O segundo fato relevante é a *queda da participação relativa em segmentos que conheceram privatizações e passaram, ou estão passando por intensa reestruturação organizacional e renovação tecnológica*: serviços de utilidade pública, transporte e armazenagem, serviços creditícios e financeiros e oficinas de reparação mecânica.²⁴

É surpreendente, em terceiro lugar, a *diminuição da presença dos serviços pessoais, em sentido estrito*, nos termos em que estes são definidos pela PED. A maioria das ocupações registradas neste segmento estão relacionadas aos serviços de higiene pessoal: barbeiros, cabeleireiras, manicures etc. O porquê destas ocupações estarem perdendo relevância em Salvador é uma questão que demandaria uma investigação suplementar. Descartada a hipótese de erro metodológico da PED, duas explicações parciais podem ser adiantadas: a) concentração deste tipo de serviços em estabelecimentos modernos, com maior produtividade; b) incremento do auto-serviço na higiene pessoal, devido ao encarecimento relativo deste tipo de serviço pessoal durante o *boom* do Real e às mudanças de hábitos de consumo (aumento do número de mulheres que "fazem" as próprias unhas etc.).

São oito, finalmente, os ramos de serviços que conheceram forte incremento da participação relativa na ocupação "terciária" dos soteropolitanos:

- *administração e comércio de imóveis*: uma análise mais fina da PED revela que se trata neste caso, sobretudo do incremento de ocupações típicas de condomínio, resultante da necessidade de maior segurança em habitações coletivas (porteiros, vigias, zeladores etc.);

²⁴ No caso das oficinas de reparação, é necessário levar em conta ainda o fato de que novas tecnologias têm implicado produtos descartáveis ou com menor necessidade de reparo e manutenção. De fato, não só calculadoras ou televisores apresentam menos defeitos: isso ocorre também com automóveis e outros bens da indústria mecânica.

- *serviços especializados*: vale a pena destacar a expansão deste ramo (de 2,9 para 5,6% das ocupação no intervalo considerado), em parte fruto da terceirização crescente, outra parte resultado da maior demanda por novos serviços técnicos (informática, contabilidade, consultoria etc.);
- *serviços auxiliares*: trata-se de uma constelação de ocupações relacionadas ao trabalho em escritórios de serviços e em firmas comerciais: administradores e gerentes, auxiliares de gerência, apontadores, representantes comerciais etc.; *a expansão destas atividades soma-se ao crescimento da importância dos serviços especializados, sinalizando para o papel cada vez mais importante dos serviços empresariais, de consumo intermediário, na formação do PIB de Salvador*;
- *serviços de limpeza, vigilância e oficinas* (exclusive reparação mecânica): a expansão deste segmento está fortemente vinculada à terceirização crescente destas atividades;
- *serviços de comunicação e diversão*: outro segmento a destacar devido às imensas possibilidades abertas nos mercados relacionados à telecomunicação e/ou entretenimento; seu peso já é importante na ocupação total da cidade (2,5%) e tende a aumentar aceleradamente;
- *educação*: segmento que responde por quase 11% da ocupação nos serviços soteropolitanos (quase 7,5% da ocupação total), com taxa modesta de crescimento nos anos 90, mas importância cada vez maior, haja vista as necessidades de formação impostas por uma economia cada vez mais baseada no conhecimento e na informação;
- *saúde*: ramo com crescimento em aceleração, tanto em *output* quanto em emprego, em razão do envelhecimento relativo e absoluto da população de Salvador, bem como do aumento da renda per capita local; serviços públicos e privados de saúde já ocupam cerca de 5% da população que trabalha na cidade;
- *serviços comunitários*: segmento igualmente em expansão, que tende a ganhar ainda maior importância com o avanço do chamado "terceiro setor"; este é composto de: a) associações recreativas, esportivas, culturais, artísticas, comunitárias e profissionais; b) organizações filantrópicas, beneficentes e de caridade; c) organizações não governamentais (ONGs); d) fundações privadas; e e) organizações sociais (OS) nas áreas de educação, saúde, cultura, meio ambiente e pesquisa científica; a importância crescente do terceiro setor deve-se ao volume de emprego que cria e ainda à

preferência de organismos internacionais de financiamento em apoiar governos que trabalham em parceria com ONGs e similares.²⁵

TABELA 5.3
Ocupação por Subsetor Econômico dos Residentes em Salvador -
Ocupados nos Serviços

Setores e subsectores	Moram e trabalham em Salvador		
	1987-88	1996-98	Var. %
Adm. pública, polícia e Forças Armadas	12,6	10,0	-21,0
Serviços de utilidade pública	3,1	1,9	-38,9
Transporte e armazenagem	6,8	6,1	-10,3
Serviços creditícios e financeiros	4,3	3,0	-29,6
Administração e comércio de imóveis	0,5	2,5	432,3
Serviços especializados	2,9	5,6	92,8
Serviços Auxiliares	3,2	5,3	65,5
Serviços de limpeza, vigilância e oficinas	2,9	7,7	162,0
Oficinas de reparação mecânica	3,4	2,6	-23,1
Serviços de comunicação e diversão**	1,8	3,6	95,7
Serviços de alimentação	8,8	9,2	5,5
Hotéis, pensões e alojamentos		0,7	
Educação	9,7	10,7	10,3
Saúde	6,2	7,4	19,8
Serviços comunitários	1,5	1,7	12,7
Serviços pessoais	9,7	2,5	-74,7
Serviços domésticos	16,2	16,8	3,7
Outros serviços	6,5	2,6	-59,7
Serviços	100,0	99,9	

** Inclui rádio e teledifusão
Fonte: PED, Cálculos da Equipe

5.2 O Caso do Turismo

Para analisar o significado econômico da atividade turística é necessário distinguir, em primeiro lugar, a *indústria do turismo* da *economia do turismo*. Como lembra o *World Travel & Tourism Council*, a indústria do turismo compreende as atividades turísticas em sentido estrito: organização de viagens, transporte de passageiros, entretenimento e recreação para turistas etc. A economia do turismo, por sua vez, reúne todas as atividades direta e

²⁵ Ver Maria Cecília Prates RODRIGUES, "Fim social, meios privados", *Conjuntura Econômica*, janeiro de 1999, p. 43-5.

indiretamente relacionadas às atividades turísticas, cujo produto é, *parcialmente*, consumido por turistas ou por empresas da indústria turística: serviços financeiros, indústria gráfica, serviços de saúde, distribuição de combustíveis, segurança pública e muitas outras.

Nestes termos, a participação estimada da *economia do turismo* no PIB mundial seria de 11,7% (cerca de 3,5 trilhões de dólares), em 1999, e esta *economia* responderia, direta ou indiretamente, por 8,2% do emprego no mundo (192,3 milhões de pessoas). No entanto, a participação da *indústria do turismo* no PIB global seria de apenas US\$ 1,3 trilhão de dólares (4,4%) e o turismo propriamente dito empregaria apenas 67,8 milhões de pessoas (3,1% da força de trabalho mundial).²⁶

A ocupação criada pelo turismo deve ser, assim, dividida em três blocos: a) ocupação direta gerada pelos gastos dos turistas em serviços turísticos (em hotelaria, empresas de transporte, parques temáticos etc.); b) ocupação indireta nas atividades turísticas, não relacionada diretamente às despesas do turista (em serviços de marketing para hotéis, imprensa especializada, indústria e comércio de alimentos etc.); e c) ocupação induzida em setores diversos pela renda injetada pelo turismo, vale dizer, resultante dos efeitos multiplicadores provocados pelos gastos dos turistas. O primeiro tipo diz respeito à indústria do turismo. Os outros dois estão relacionados à economia do turismo.

Ainda que os efeitos multiplicadores do turismo sejam um dos campos mais estudados na literatura econômica específica, continua sendo muito difícil estimar que proporção da demanda final da economia pode ser atribuída ao turismo. Do mesmo modo, continua difícil calcular quanto da ocupação total, em uma dada economia, pode ser justificada pelos gastos diretos e indiretos do turista. Isso, basicamente, por quatro razões.

Em primeiro lugar, a magnitude dos multiplicadores varia no tempo e no espaço; para cada economia local é necessário construí-los (e revê-los periodicamente) através de pesquisa. Os dados para isso não são frequentemente disponíveis. É caro obtê-los com pesquisa direta.

Em segundo lugar, parcela mais que importante dos gastos do turista não são apropriados pelas economias de destino, mas sim pelas empresas e instituições do país ou região emissora. Este segundo aspecto é relevante: não basta que o multiplicador seja elevado, é necessário também que a parcela do gasto na região ou país receptor – o multiplicando –

²⁶ Os dados são do próprio WTTC (WEFA).

seja importante. O problema é sério para os destinos localizados em regiões turísticas de países ou Estados menos desenvolvidos. De fato, companhias aéreas e agências de viagem, por exemplo, são em geral estrangeiras ou nacionais e faturam em seus países ou Estados de origem.²⁷

Em terceiro lugar, é preciso lembrar que o objetivo da análise com base em multiplicadores é estimar o impacto na economia gerado por cada unidade monetária gasta pelo turista. O efeito multiplicador depende, assim, da proporção de bens e serviços produzidos na região que entram na composição da cesta de bens e serviços consumida pelo viajante. Quanto maior for a utilização de recursos locais, maior será o multiplicador.²⁸

Finalmente, como decorrência desse último ponto, o efeito multiplicador é fortemente influenciado pela extensão da área estudada. Quanto maior a área em questão, maiores serão os efeitos multiplicadores provocados pelo consumo do turista.

Os dados da PED fornecem uma primeira aproximação do peso do turismo na ocupação em Salvador: a proporção de ocupados no segmento "hotéis, pensões e alojamentos". Ela não era significativa no intervalo 1996-98 – apenas 0,5% da ocupação total (ver tabela 5.1), equivaleria a algo em torno de 4.400 empregos diretos, número bem inferior ao estimado pelos empresários do ramo.

Segundo a seção baiana da Associação Brasileira da Indústria Hoteleira (ABIH), Salvador abrigaria 25% da oferta de hospedagem estadual, vale dizer cerca de 25,5 mil leitos em 12 mil apartamentos. Tais números são compatíveis com os dados divulgados pela Bahiatursa. Mas a mesma ABIH estima o número de empregos diretos criados pela rede hoteleira soteropolitana em 30 mil (para um total de 100 mil no Estado), vale dizer cerca de 6 vezes a quantidade encontrada pela PED. Como explicar tal diferença? Na medida em que o emprego no turismo é em grande parte temporário e sazonal, é possível que a PED falhe no registro de parte da ocupação direta criada pelo setor. Ainda assim, o número da ABIH parece algo exagerado. Segundo o *WTTC*, a indústria turística (*inclusive o segmento viagem*) empregaria apenas 1,6% da força de trabalho brasileira. Para Salvador, a proporção seria de 3,4%²⁹.

²⁷ Ver M. Thea SINCLAIR, Tourism and economic development: a survey, *The Journal of Development Studies*, London, Jun/98.

²⁸ Ver L. Alex TOOMAN, Multipliers and life cycles: a comparison of methods for evaluating tourism and its impacts, *Journal of Economic Issues*, Lincoln, Dec. 1997.

²⁹ "Taxa de ocupação dos hotéis baianos cresce 15% este ano", *Gazeta Mercantil*, *Gazeta da Bahia*, 22 de julho de 1999, p.1.

De qualquer modo, se a PED registra uma pequena proporção de ocupados na indústria hoteleira, é bem provável que a ocupação na *economia do turismo* soteropolitana seja bem mais importante. Serviços com parcela da demanda atrelada ao turismo, como “alimentação” e “comunicação e diversão”, registraram crescimento positivo de suas participações na ocupação total em Salvador, entre 1987-88 e 1996-98. Outros, como “transporte e armazenagem”, mantiveram suas participações relativas, indicando crescimento dos postos de trabalho em termos absolutos (ver ainda tabela 5.1).

Os dados específicos do turismo para a Capital da Bahia apontam para uma relativa estagnação da atividade a partir de 1995 (ver tabela 5.4). Ainda que parte desta estagnação possa ser efeito da subdeclaração de movimento (no caso do número de hóspedes), parcela relevante deve ser explicada por três razões: a) redução da demanda potencial do turismo estrangeiro provocada pela sobrevalorização cambial, que encareceu entre 1994 e 1998 o destino Brasil; b) deslocamento de parte do fluxo turístico potencial de nacionais para o exterior, como resultado do dólar barato, e c) desvio de parte deste mesmo fluxo para destinos concorrentes, como, por exemplo, Porto Seguro e Fortaleza. Tais fatores explicam a queda do número absoluto de turistas estrangeiros e a relativa estabilização do fluxo de nacionais - ainda que este tenha voltado a crescer desde 1993, parece não ter superado, nos anos 90, o pico registrado em 1986, pelo menos em termos de hóspedes na rede hoteleira classificada.³⁰

É verdade que as *estimativas* da Bahiatursa para o movimento turístico *total* do *Estado* - incluindo Porto Seguro e outros destinos, todo tipo de hospedagem e o fluxo por via rodoviária - mostram uma importante expansão do turismo nos anos 1990. O número de turistas na Bahia teria dobrado, passando de 1.726 mil em 1990 para 3.318 mil em 1998. É preferível, entretanto, considerar os dados da tabela 5.4, que se referem apenas a uma parcela do movimento na RMS, mas parecem ser mais consistentes com a evolução da conjuntura econômica ao longo da década.³¹

A indústria do turismo é um dos três setores mais importantes da economia global, só ultrapassada pelas indústrias automobilística e petrolífera, e continua se expandindo aceleradamente. Evidência mais recente desta expansão, em 1998, apesar de todos os variados problemas enfrentados pela economia global (continuidade da crise asiática,

³⁰ Vale a pena notar que estes dados dizem respeito apenas à hospedagem na rede classificada. De acordo com a Pesquisa de Turismo Receptivo da Bahiatursa, cerca de 44% dos turistas que visitaram Salvador em 1998 ficaram hospedados em casa de parentes ou amigos. Proporções importantes se hospedaram ainda em casa própria ou em pequenos estabelecimentos.

³¹ Para uma análise das estimativas globais, ver Lúcia Aquino de Queiroz, “O Desempenho do turismo baiano em 1998”, *Conjuntura & Planejamento*, Salvador: SEI, Dez. 1998, p. 12-16.

colapso financeiro da Rússia etc.), é de que o número de turistas internacionais cresceu 2,4%.³²

Uma vez corrigido o grave problema criado pela sobrevalorização cambial, o Brasil, a Bahia e Salvador não têm porque continuar fora deste movimento. Como os dados de 1999 já parecem confirmar, a desvalorização cambial torna as viagens para o exterior mais caras e tende a dinamizar o turismo interno. Além disso, esta mesma desvalorização torna o destino Salvador mais atraente para o turista estrangeiro.³³

³² "Emerging-market indicators: Tourism", **The Economist**. London, 20 de fevereiro de 1999.

³³ Ver **Gazeta Mercantil**, matéria supracitada.

TABELA 5.4
Turismo em Salvador: Oferta de Leitos e Número de Hóspedes
em Hotéis Classificados

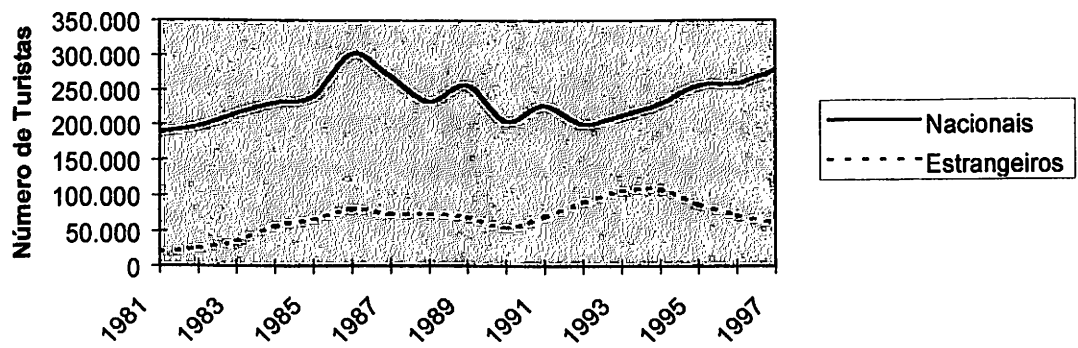
Ano	Leitos	Hóspedes		
		Nacionais	Estrangeiros	Total
1981	11.774	189.318	19.707	209.025
1982	11.274	196.990	24.911	221.901
1983	11.232	215.834	35.226	251.060
1984	11.325	231.225	56.510	287.735
1985	14.303	240.084	65.651	305.735
1986	14.735	301.624	80.136	381.760
1987	14.982	269.875	73.557	343.432
1988	14.420	232.521	73.487	306.008
1989	14.684	256.870	69.217	326.087
1990	14.703	204.876	54.084	258.960
1991	14.563	226.967	69.695	296.662
1992	14.118	200.675	89.778	290.453
1993	18.871	211.995	105.089	317.084
1994	20.995	229.342	107.955	337.297
1995	21.925	255.932	86.931	342.863
1996	22.631	258.857	71.553	330.410
1997	22.682	277.587	61.497	339.084
1998**				352.027

Fonte: BAHIAATURSA

*Inclui Clube Mediterranée e, a partir de 1991, Itaparica e Praia do Forte

**Estimativa

Hóspedes em Hotéis Classificados: RMS 1981-1997



Fonte: Tabela 5.4

Mas o que fazer para expandir a taxas maiores o turismo soteropolitano? Pesquisas recentes têm destacado cinco campos para a intervenção pública e privada.³⁴

Ampliação dos investimentos em infra-estrutura: aeroportos e sistemas intermodais, malha viária, esgotamento sanitário, rede hoteleira, shoppings especializados, parques temáticos etc. Este, no entanto, *não* é o principal obstáculo para a expansão do turismo em Salvador, até porque tem sido o campo privilegiado pela atenção pública e privada. De fato, os investimentos na RMS têm prosseguido, quase que sem solução de continuidade: Bahia Azul, modernização do Aeroporto Luís Eduardo Magalhães, implantação da Linha Verde, Projeto Sauípe, Parque Atlântico etc.

Melhoria da qualidade dos serviços. Na Bahia, a necessidade de melhoria da qualidade na prestação de serviços parece estar concentrada em duas áreas: hotelaria e restaurantes (gastronomia). Há investimento crescente na primeira (caso, por exemplo, da intervenção do Instituto da Hospitalidade, da Odebrecht). Há sérios problemas no caso da segunda, tanto no que diz respeito às condições de manipulação, conservação e higiene na preparação de alimentos, quanto no que se refere à ameaça de rápida descaracterização da culinária local, por incapacidade de ampliação da oferta de insumos e ausência de normatização na sua produção.

Acompanhamento da revolução tecnológica no setor. Trata-se, sobretudo, do uso crescente das tecnologias da informação (TI) nas agências de turismo, hotéis e outros serviços relacionados à atividade turística. Há escassez de mão-de-obra especializada e de softs adequados.

Agregação de valor ao produto local. O turismo de caráter familiar, baseado no consumo de "sol e praia", atrai consumidores com gasto médio limitado. A já citada Pesquisa de Turismo Receptivo, da Bahiatursa, mostrou, para 1998, um gasto médio individual de US\$ 34,59 por dia, ampliado para US\$ 84,75 no caso dos turistas hospedados nos hotéis classificados. É possível incrementar significativamente estes valores (bem como o tempo de permanência médio), com a agregação de outras atividades de lazer e entretenimento aos atrativos naturais locais: esportes aquáticos, golf, lazer náutico, turismo costeiro (passeios), pesca esportiva, turismo-saúde (spas) etc.. Este tipo de intervenção pode contribuir não apenas para a expansão da renda criada pelo turismo, graças a efeitos multiplicadores mais importantes, mas também para o aumento do número de empregos diretos e indiretos. As iniciativas neste campo ainda são tímidas e isoladas, até porque a

³⁴ Ver, por exemplo, os estudos realizados no âmbito dos programas *Eixo Costeiro do Nordeste e as Necessidades e Prioridades de C&T e RH para a Competividade e o Desenvolvimento Regional e Iniciativa pelo Nordeste*.

estratégia para o turismo estadual não está fixada com toda clareza. Salvador deve continuar optando pelo turismo de massa (com alto custo ambiental e social), ou deve orientar-se para o turismo customizado (de nicho ou personalizado), com maior valor? A questão permanece em aberto.

Expansão do investimento em marketing. Nos encontros de empresários do setor, *esta parece ser a reivindicação mais importante.* É necessário lembrar que se o turismo é uma das atividades mais importantes da economia planetária, ele também é uma atividade extremamente concentrada nos países desenvolvidos. Esta concentração não é somente espacial. A atividade turística é cada vez mais dominada por grandes multinacionais integradas, que controlam, por conta própria ou por meio de alianças operacionais, o movimento de companhias aéreas, agências de viagens, cadeias hoteleiras, redes de restaurantes e outros serviços da indústria e da economia do turismo. A principal implicação deste fato é que *a demanda de turismo não é gerada na recepção mas sim no pólo emissor*, ela não é criada, por exemplo, em Salvador, mas sim em São Paulo, na Argentina ou na Europa. Daí a necessidade fundamental de uma ação de marketing coordenada e de grande impacto, necessariamente cara, no exterior e no centro-sul do país. Daí a necessidade de investir em alianças estratégicas com empresas nacionais e estrangeiras, que se disponham a dirigir para Salvador e para a RMS parte do fluxo de turistas que elas administram. Isto não implica necessariamente cooperação em investimento de risco, pois as parcerias podem assumir a forma de franquias na área hoteleira, acordos contratuais com operadoras e agências de viagens ou alianças operacionais com e entre companhias aéreas.

5.3 Os Segmentos que Devem Continuar Crescendo

Um bom método de investigação do futuro da economia de uma região subdesenvolvida continua sendo a análise da evolução recente das regiões mais desenvolvidas. Em que setores, nas últimas décadas, a ocupação cresceu nos países desenvolvidos? Em que setores ela está desaparecendo?

Evidentemente, esse tipo de comparação deve levar em conta que ocorre transferência de setores tradicionais, das economias desenvolvidas para países subdesenvolvidos. É o caso, nas últimas décadas, do deslocamento norte-sul da construção naval ou da indústria têxtil. Ainda assim, a comparação se justifica. A evolução recente da estrutura econômica

dos países mais desenvolvidos ocorre com base em tendências gerais, válidas para toda a economia global.

O quadro 5.1 detalha as principais mudanças que ocorreram entre 1970 e 1993 na distribuição setorial do emprego nos países da OCDE - a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico, que reúne as economias mais ricas do planeta.

O que se observa na evolução recente da ocupação nestas economias é, em primeiro lugar, a diminuição do emprego na indústria manufatureira e o crescimento da ocupação nos serviços. Dos 14 setores listados que apresentaram maiores taxas de decréscimo na ocupação, 12 são industriais. Mais especificamente, são setores industriais de baixa ou média tecnologia, historicamente relacionados às primeira e segunda revoluções industriais. Por outro lado, dos 14 setores que apresentaram as maiores taxas de expansão do emprego, 8 são de serviços. Dos 6 restantes nesta segunda lista, 3 são setores industriais de alta tecnologia (indústrias de computadores, farmacêutica e aeroespacial).

QUADRO 4.1

Setores com Maior Crescimento ou Decréscimo Percentual no Emprego da OCDE – 1970-1993 (Ordem Decrescente)

Maior crescimento do Emprego	Maior Redução do Emprego
Serviço imobiliários e empresariais	Construção naval
Serviços Sociais	Metalurgia de ferrosos
Hotelaria e restauração	Agricultura
Finanças e seguros	Ind. Têxtil, de vestuário e calçados
Indústrias de borracha e plásticos	Indústria de materiais de construção
Serviços governamentais	Extração de mineral
Comércio atacadista e varejista	Metalurgia de não – ferrosos
Indústria de computadores	Transporte tradicional
Indústria de farmacêutica	Refino de petróleo
Serviços de comunicações	Ind. de madeira e mobiliário
Indústria aeroespacial	Indústria química
Transporte e armazenagem	Indústria metal – mecânico
Construção Civil	Ind. de maquinaria não – elétrica
Indústrias de papel e gráfica	Outras ind. Manufatureiras

Fonte: OECD, 1996 Johan KAUKNES, "Innovation in the economy" STEP Report, Oslo: 1996

Essa metamorfose da estrutura econômica dos países desenvolvidos tem sido explicada pela emergência do moderno Estado do bem-estar social - que continua presente apesar da hegemonia neoliberal dos anos 1980 - e por algumas outras razões básicas:

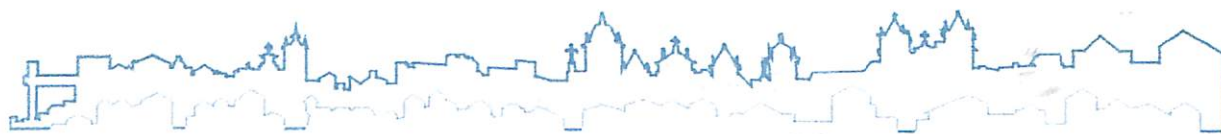
- deslocamento da força de trabalho tomada supérflua na agricultura e na indústria em razão do progresso técnico e do consequente aumento da produtividade nestes setores;
- mercantilização de parte da antiga produção doméstica destinada ao autoconsumo, sobretudo em razão da entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho, com expansão de creches, restauração *fast-food* etc.;
- mudança no perfil da demanda agregada em razão do aumento da renda per capita, com queda relativa do peso de bens "inferiores" (produtos agrícolas e industriais tradicionais) e aumento da importância de bens "superiores" (produtos de alta tecnologia e serviços);
- complexidade crescente da vida econômica e social, associada à necessidade de maior controle sobre riscos, sendo estes, por sua vez, ampliados pela globalização, aceleração do progresso técnico e desregulamentação de importantes mercados; estes fatores explicam, por exemplo, parte do crescimento dos serviços empresariais (consultoria, assessoria jurídica etc.) e financeiros (seguros, mercados de opções etc.);
- reestruturação de empresas, com economia de custos e enfoque em competências essenciais, implicando terceirização de serviços anteriormente internalizados;
- incremento do tempo livre e do tempo destinado ao lazer, que permite a expansão da indústria de entretenimento e de atividades como o turismo; e
- envelhecimento relativo e absoluto da população, com forte aumento da demanda por serviços de saúde, assistência domiciliar, turismo e outros.

As mudanças na estrutura econômica dos países desenvolvidos são acompanhadas por transformações importantes na composição da força de trabalho. Ocorre, em linhas gerais, redução do emprego industrial de chão de fábrica e aumento das ocupações ditas de escritório (colarinhos brancos), inclusive na indústria, com forte elevação do nível médio de formação dos trabalhadores. Daí decorre em grande parte o elevado desemprego estrutural na maioria dos países da OCDE - a mão-de-obra menos qualificada expulsa da indústria não consegue ocupação nos novos serviços de alta intensidade tecnológica.

A questão das mudanças ocupacionais será melhor tratada na seção seguinte. Por enquanto é necessário verificar que as mudanças na estrutura econômica de Salvador

acompanham, em larga medida, as transformações que se processam no núcleo da economia global.

Em Salvador, enquanto a maior parte da indústria (tradicional) demite, entre os ramos de maior crescimento estão, como se viu: *serviços auxiliares e especializados, serviços de limpeza e vigilância* (incluindo *oficinas de reparação de equipamentos não mecânicos*), *serviços de comunicação e diversão, serviços de educação e saúde*, bem como *serviços comunitários*. Juntos, tais setores já respondem por 35,5 % dos ocupados que moram e trabalham na Capital baiana.



6 Os Setores e as Ocupações de Futuro

As três principais forças que moldarão os mercados soteropolitanos do futuro são: a) a inovação tecnológica; b) o crescimento da renda e as mudanças na sua distribuição, e c) as transformações na estrutura demográfica da cidade. Projeções de crescimento de PIB e renda locais são mais que arriscadas, especialmente em momentos de elevada instabilidade. É possível discutir com maior proveito o impacto das novas tecnologias sobre a dinâmica econômica local. A identificação das principais tendências de crescimento e reestruturação de ramos industriais e de serviços pode ajudar no mapeamento das áreas que oferecem as melhores perspectivas de expansão e de emprego a médio e longo prazos. Além disso, a demografia é fonte razoavelmente segura de projeções.

6.1 Onde os Empregos Podem Ser Criados

Se a economia norte-americana pode ser tomada como paradigma, a primeira conclusão necessária é que a indústria manufatureira vai criar muito poucos empregos nos próximos anos. Observando-se o quadro 6.1 constata-se que *todos* os ramos da economia americana que conhecerão taxas de crescimento acelerado do emprego até 2006 são de serviços. Espera-se que os serviços e o comércio criem cerca de 96% dos empregos nos Estados Unidos entre 1996 e 2006. Estes empregos estarão concentrados basicamente em quatro áreas: *saúde, educação, serviços empresariais e restauração* (ver quadros 6.1 e 6.2).³⁵

É claro que em se tratando da economia baiana, tais fatos e tendências devem ser relativizados. A Bahia tem atraído alguma indústria nacional e estrangeira (sobretudo empresas do setor de calçados, que têm emigrado do sudeste e do sul do país). O aumento do emprego neste ramo industrial, que é em grande parte dos casos intensivo em

³⁵ Estes dados e os seguintes relacionados à economia dos EUA têm como fonte o documento do U.S. Department of Labor, Bureau of Labor Statistics, 1996-1997 Occupational Outlook Handbook, 1994-2005.

mão-de-obra, e que por isso se vê atraído pelo Nordeste, deve contribuir para a estabilidade ou mesmo para o aumento do emprego industrial no Estado, apesar das demissões e terceirizações generalizadas na indústria petroquímica regional. A crise do Real - sua desvalorização - também abre algum espaço para o crescimento do produto da indústria baiana, haja vista que se pode esperar certa diminuição da concorrência externa e alguma melhoria nas condições para exportação.

Além disso, o mega investimento da Ford, caso se confirme, deve ter impacto mais que considerável sobre o emprego industrial na RMS. Este ponto será retomado mais adiante.

Ainda que se leve em consideração todos os empreendimentos industriais em implantação ou previstos, *para Salvador*, a realidade norte-americana tem muito a dizer. A Capital do Estado da Bahia tem atraído apenas um pequeno número de empresas da indústria migrante. O mais significativo, como se viu anteriormente, é que: a) quase 90% dos soteropolitanos ocupados já trabalham em serviços; b) em Salvador e na RMS, quase todos os ramos industriais perderam participação na ocupação total durante a última década.

Isso não significa dizer que nenhum ramo industrial deva ser estimulado em Salvador. Continuam importantes os efeitos multiplicadores do investimento industrial e a criação indireta de empregos provocada pela indústria. A pesquisa identificou (seção 4 e seguintes) pelo menos cinco ramos com algum potencial gerador de emprego: a) *vestuário e calçados*; b) *alimentos*; c) *mobiliário e produtos de madeira*; d) *gráfica* e e) *artesanato*. A estes pode ser agregada ainda, por razões diversas, a *indústria plástica*. A seção seguinte aprofundará a discussão sobre o potencial destes ramos.

Como nos Estados Unidos, a ocupação no *comércio* soteropolitano deve crescer lentamente, apenas garantindo a manutenção da participação deste ramo no total de ocupados da Capital baiana (em torno de 20%). Há, de um lado, a explosão do micro comércio, subproduto da reestruturação industrial, resultado do desemprego de trabalhadores indenizados pela indústria e por alguns segmentos dos serviços. Mas existem, de outro, três movimentos de amplitude global. Primeiro, a tendência à concentração do capital comercial, com grandes grupos (especialmente cadeias de supermercados e redes de franquia) avançando sobre o espaço de pequenas e médias empresas independentes. Em segundo, forte incremento da intensidade de capital com o uso de novas tecnologias, como transmissão eletrônica de dados (EDI), resposta eficiente ao consumidor (ECR), implantação de redes de fornecedores em *just-in-time* etc..

Finalmente, grande impulso do comércio eletrônico e, com ele, das relações sem intermediários entre fabricantes e consumidores (marketing direto). Estas inovações reduzem particularmente o espaço do comércio atacadista tradicional.

Também nos setores de *transporte, armazenagem e comunicações* a ocupação deve continuar crescendo lentamente (em torno da taxa válida para a economia como um todo). Dito de outro modo, tais ramos não devem aumentar sua participação relativa. O crescimento da economia e a generalização do *just-in-time* tendem a criar empregos no transporte e na área de gestão logística (motoristas de utilitários, especialistas de transporte multimodal e outros). A explosão das telecomunicações (celulares, parabólicas, Internet etc.) cria muitos novos empregos, a exemplo dos milhares de postos oferecidos pelos *call-centers*.³⁶ Em compensação, o progresso técnico é cada vez mais acelerado nestes três ramos de serviços e blocos inteiros de ocupações tradicionais vêm sendo neles eliminados. É o caso, só para exemplo, de todas as ocupações tradicionais da área telefônica (ver quadro 6.2) e, em Salvador, do fim anunciado dos cobradores de ônibus, que devem ser substituídos, a médio prazo, pelas catracas acionadas por cartões magnéticos.

Nos serviços financeiros, a geração de emprego deve ser mínima. Ela deve se concentrar na área de seguros e, em segundo lugar, nas corretoras de valores mobiliários. Dos bancos, antigos mega empregadores, nada se deve esperar. Prosseguem as fusões e reestruturações, acelera-se a inovação tecnológica poupadora de força de trabalho (caixas automáticos, banco *on-line* em domicílio etc.).

No que se refere ao setor público, é possível acreditar na criação de empregos em pelo menos duas áreas importantes, e isto apesar das dificuldades financeiras do Estado e da nova legislação sobre o gasto público. Tratam-se de áreas vinculadas à administração pública local ou estadual: *segurança pública e ensino básico*.

A *construção civil* é outra área de grande potencial. Inovações tecnológicas importantes começam a se difundir neste setor, entre as quais o uso de estruturas metálicas em substituição ao concreto e a utilização do gesso como material alternativo em obras residenciais e em prédios de escritórios. Algumas grandes obras estão previstas para Salvador, especialmente a construção do metrô e a abertura de novas avenidas. Como se

³⁶ O governo baiano tem oferecido incentivos fiscais (redução da alíquota de ICMS) para novas "centrais de atendimento" em Salvador. É o caso recente da Central de Autorizações da Visanet, maior administradora de cartões de crédito do Brasil, com 140 funcionários e previsão de expansão para 600 empregos em um ano. Ver "Mercado de call centers tem incentivo no estado", *Gazeta Mercantil*, *Gazeta da Bahia*, 25 de maio de 1999, p. 5.

confirmará em seguida, são grandes as possibilidades de crescimento da demanda por novas habitações. Se o custo da construção residencial e especialmente do seu financiamento, cair, tornam-se significativas as chances de um *boom* imobiliário não restrito à "construção-formiga".

A pesquisa identificou três grandes áreas de serviços que podem catalisar a expansão futura da economia soteropolitana e criar o grosso do emprego.

Primeiro, os serviços de *saúde*: são extraordinárias as perspectivas deste setor, em razão do envelhecimento relativo da população e do aumento de sua expectativa de vida. Ocupações tradicionais da área devem crescer em peso social: enfermeiras, auxiliares de enfermagem, técnicos de radiologia etc. Novas ocupações devem se expandir, principalmente aquelas relacionadas ao tratamento médico domiciliar. O setor se caracteriza ainda por uma agregação constante de novas tecnologias, o que impõe uma constante melhoria de capacitação de sua força de trabalho. Salvador conta com centros de excelência e massa crítica de capital humano acumulada em algumas especialidades - cardiologia, reprodução humana e doenças infectocontagiosas. É possível ampliar a exportação de serviços de saúde da cidade, inclusive combinando-a com a oferta de turismo (*spas* e outros negócios).

Segundo, os serviços de *educação*. O emprego deve aumentar sobretudo no ensino de segundo grau, mas Salvador deve continuar expandindo também suas Universidades. A exportação de serviços pode ser incrementada, com a expansão de vagas em novas áreas do terceiro grau, bem como com a multiplicação de cursos de pós-graduação. A criação ou consolidação de centros de excelência pode ser combinada a um marketing agressivo, para atrair um número considerável de estudantes do interior da Bahia e de outros Estados. As Universidades soteropolitanas têm largo campo a explorar, ainda, na exportação de serviços de pesquisa, extensão e consultoria.

Terceiro, *serviços empresariais*. Sob esta denominação podem ser agrupadas empresas e organizações de *serviços de engenharia, contabilidade e auditoria, pesquisa e desenvolvimento, administração e relações públicas, marketing e propaganda, processamento de dados e implantação de sistemas e redes de informática, reprodução gráfica e de multimídia* e outros. Nesta área também desaparecem ocupações tradicionais - arquivistas, escriturários, datilógrafos etc. -, destruídas pela automação dos escritórios. Por outro lado, crescem sobretudo os empregos no campo da informática e as ocupações ligadas à gestão (administradores e executivos).

A consolidação e expansão dos serviços empresariais numa metrópole como Salvador tem dupla importância. De um lado, estes serviços produzem boa parte dos insumos atualmente indispensáveis ao sucesso das atividades industriais e de serviços de consumo final. Sua presença constitui uma vantagem comparativa mais que fundamental, na atração de investimentos externos e no desenvolvimento de empresas locais. De outro, eles constituem, em si mesmos, núcleos dinâmicos, capazes de exportar *produto* e contribuir, com os efeitos multiplicadores daí decorrentes, para estimular o conjunto da economia local. É o caso, por exemplo, das empresas de engenharia, produção de *software* ou marketing direto.³⁷

QUADRO 6.1 - Taxas de Crescimento ou Declínio do Emprego nos EUA, segundo o Ramo ou Segmento 1996-2006 (%)

Ramos de Crescimento Acelerado		Ramos de Declínio Acelerado	
Descrição	Taxa Anual	Descrição	Taxa Anual
Serviços de processamento de dados e computação	7,6	Extração de carvão	-6,0
Serviços de saúde	5,3	Indústria relojoeira	-4,0
Gerência e relações públicas	4,8	Indústria de calçados (exceto de borracha ou plástico)	-4,0
Serviços de transporte em geral	4,8	Equipamentos de navegação	-3,8
Serviços domésticos	4,8	Extração de petróleo	-3,7
Serviços pessoais	4,3	Indústria de artigos de couro	-3,6
Abastecimento de água e saneamento	4,2	Indústria do tabaco	-3,1
Serviços sociais	4,1	Indústria de embalagens metálicas (latas e containers)	-3,1
Consultórios médicos	3,9	Indústria de vestuário e acessórios	-3,0
Serviços de recreação	3,5	Indústria de pneus e câmaras	-2,9
Serviços de estacionamento e reparação de automóveis	3,3	Indústria de equipamentos e suprimentos fotográficos	-2,6
Enfermagem e assistência pessoal	3,2	Indústria de aparelhos elétricos	-2,4
Serviços de entretenimento	3,0	Refino de petróleo	-2,3
Serviços de aluguel e leasing	3,0	Indústria de eletrodomésticos	-2,2
Serviços de seguros e corretagem	3,0	Indústria siderúrgica	-2,0
Transporte de passageiros (logística)	2,7	Empresas estaduais e municipais	-2,0
Creches e serviços similares	2,6	Indústria de equipamentos elétricos de distribuição	-1,9
Serviços empresariais diversos	2,5	Domicílios privados	-1,8
Museus, zoológicos e jardins botânicos	2,5	Indústria de bebidas	-1,8
Serviços financeiros (exceto bancos)	2,5	Extração de minerais metálicos	-1,8

Fonte: U.S. Department of Labor, Bureau of Labor Statistics, *Monthly Labor Review*

³⁷ Ver sobre este tema, por exemplo, David L. McKEE, *Growth, development, and the service economy in the third world*, New York: Praeger, 1988

**QUADRO 6.2 . Taxas de Crescimento ou Declínio de Ocupações nos EUA, 1994-2005
(Ordem Decrescente)**

Ocupações de Crescimento Acelerado		Ocupações de Declínio Acelerado	
Descrição	Taxa (%)	Descrição	Taxa (%)
Domésticos qualificados, inclusive auxiliares de saúde	107	Agricultores	-273
Cientistas de computação e terapia de Sistemas	91	Datilógrafos e processadores de texto	-212
Assistentes e auxiliares de fisioterapia	83	Escriturários	-178
Assistentes e auxiliares de terapia Fisioterapeutas	80	Caixas bancários	-152
Assistentes sociais	75	Costureiros	-140
Representantes comerciais	72	Faxineiros domésticos	-108
Terapeutas ocupacionais	72	Operad. de computador (exclusive de computador	-98
Assistentes de medicina	59	Operadores de máq. de calcular e registradoras	-64
Assistentes de advogados	58	Operadores de copiadoras e de outras máquinas de escritório	-56
Técnicos de registro médico	56	Operadores de máquinas têxteis	-47
Professores p/ educação especial (para deficientes)	53	Arquivistas	-42
Guardas penitenciários	51	Carregadores	-36
Analistas de pesquisa operacional	50	Trabalhadores rurais	-36
Guardas	48	Operad. máq. na ind. metalúrgica e de plásticos	-34
Patologistas da falta e da linguagem /audiologistas	46	Operadores de centrais telefônicas	-34
Detetives particulares e investigadores	44	Instaladores e reparadores de centrais telefônicas	-33
Técnicos de cirurgias	43	Montadores de produtos elétricos e eletrônicos	-30
Assistentes de odontologia	42	Instaladores e reparadores de telefones	-26
Auxiliares de odontologia (higienistas)	42	Aux. de setor de pessoal (exceto apontadores)	-26
Auxiliares de escritório	41	Digitadores	-25
Auxiliares de ensino	39	Barmen	-25
Representantes com. de instituições financeiras	37	Inspetores, testadores e classificados	-25
Técnicos de pronto-socorro	36	Auxiliares de lista telefônica	-24
Terapeutas de respiração	36	Torneiros mecânicos	-22
Consultores e analistas de gestão	35	Alfaiates	-21
Técnicos de radiologia	35	Operadores alimentadores de máquinas e prensas	-20
Entrevistadores de recrutamento	35	Maquinistas	-20
Trabalhadores de serviços sociais	34	Frentistas de postos de gasolina	-20
Professores de pré-escolar e pessoal de creches	33	Operadores de máquinas de moldagem	-19
Gerentes de restaurantes e outros serviço de alimentação	33	Gerentes de serviços de utilidades pública, de serviços de comunicação e transporte	-19

Fonte: U.S. Department of Labor, Bureau of Labor Statistics, *Monthly Labor Review*

6.2 O Significado da Ford

Na expectativa de que os investimentos previstos para o projeto *Amazon* em Camaçari venham a se concretizar, cabe indagar: qual será o impacto da implantação da Ford na economia baiana? Para responder a esta questão, pode-se estabelecer algumas comparações.

Em 1981, os investimentos no Pólo Petroquímico de Camaçari - cerca de 35 empresas - somavam algo em torno de 3,7 bilhões de dólares da época. Em valores atuais, isto corresponderia a mais ou menos US\$ 6,7 bilhões. Em termos absolutos, os investimentos no complexo *Amazon* estão previstos em US\$ 1,3 bilhão, vale dizer, cerca de 1/5 dos investimentos realizados no Pólo.³⁸

Ambos os investimentos devem ser ainda analisados no contexto global da economia do Estado, isto é, em termos relativos. A economia baiana de 1999 é bem maior e muito mais diversificada que a economia estadual do início dos anos 1980. Em 1981, o PIB da Bahia poderia ser estimado em mais ou menos 12 bilhões de dólares da época (4,4% de um PIB brasileiro da ordem de US\$ 267,5 bilhões). Assim, os investimentos do Pólo representavam o equivalente a 30% do PIB estadual. O PIB baiano atual pode ser calculado em US\$ 40 bilhões (5% de um PIB nacional de 800 bilhões de dólares), ou em cerca de US\$ 25 bilhões, se considerada a maxidesvalorização do Real em 1999. No primeiro caso, os investimentos do projeto *Amazon* representariam apenas 3,3% do PIB estadual; no segundo, cerca de 5,2%. Em ambos, valores relativos bem menores que aqueles implicados no Pólo Petroquímico de Camaçari.

Entre o final da década de 1970 e o início dos anos 80, os investimentos no Pólo alavancaram significativamente o crescimento da economia baiana. Segundo os últimos cálculos da SEI, esta teria se expandido à taxa média anual de 9,7% nos 5 anos entre 1976 e 1980.³⁹ Mas como lembrou recentemente o economista Armando Avena, o impacto da implantação da petroquímica nas taxas de crescimento do PIB foi expressivo não só pela magnitude do investimento, mas também porque as inversões incidiam sobre uma base econômica limitada e pouco diversificada, marcada ainda por uma forte presença de atividades agrário exportadoras.⁴⁰

³⁸ Ver *A Indústria no estado da Bahia* - uma proposta de política industrial, Bahia, Secretaria da Indústria e Comércio, 1983, e "Ford - Nota de Esclarecimento", *Gazeta Mercantil*, 27 de julho de 1999, p. A-5. A inflação norte-americana entre 1981 e 1999 pode ser estimada em 80%.

³⁹ *Anuário Estatístico da Bahia* v. 1, Salvador: SEI, 1998.

⁴⁰ Armando AVENA, "O Impacto logístico da Ford", *A Tarde*, 20 de junho de 1999, Economia, p. 19.

A avaliação do impacto do projeto *Amazon* sobre o crescimento do PIB deve ser, contudo, pensada do ponto de vista do multiplicador de investimento. Avena e outros economistas têm chamado a atenção para o fato de que, enquanto o Pólo de Camaçari foi constituído por empresas produtoras de bens intermediários da indústria química, o projeto da Ford é de produção de um bem final de grande complexidade, o que lhe garante efeitos multiplicadores muito mais expressivos. Há um certo exagero neste tipo de afirmação, haja vista que a indústria automobilística de hoje se organiza de forma diferente daquela que surgiu nos anos 50, no ABC paulista. Ela é menos "estruturante", porque a Ford e outras companhias tendem a produzir utilizando uma quantidade bem maior de componentes e elementos pré-montados e importados de outras regiões, o que limita as perspectivas de implantação de fornecedores locais.⁴¹

Ainda assim, os investimentos previstos são consideráveis. O projeto prevê um índice de nacionalização de 90 a 95%, com a produção local respondendo por 60% do valor final dos veículos. Ele inclui a implantação de 17 fornecedores modulares (autopeças e serviços) operando no interior da unidade de montagem, e pelo menos outros 15 fornecedores "satélites" (fabricantes de matérias-primas e subsistemas), entre os quais importantes multinacionais, como a Goodyear e a Siemens.

O Pólo Petroquímico de Camaçari emprega hoje, diretamente, cerca de 6.000 trabalhadores. A terceirização, entretanto, criou uma oferta bem maior de empregos em serviços demandados pela atividade petroquímica, hoje avaliada em 21 mil postos. Qual será o impacto do projeto da Ford sobre o emprego na RMS? No que diz respeito aos empregos diretos, como seria de se esperar para este tipo de indústria, pouco expressivo: no máximo, 5.000 postos, a um custo individual de criação de 260 mil dólares. No que se refere ao emprego indireto, será segundo a Ford, mais significativo: 45.000 postos, se incluídos os empregos criados pelos fornecedores de bens e serviços que se subordinarão às empresas diretamente associadas ao complexo. No total, são 50.000 empregos, implicando, se confirmados, uma expansão de quase 6% da oferta de postos de trabalho na RMS.⁴²

Resta examinar o significado da Ford para a economia soteropolitana propriamente dita.

⁴¹ Assim, por exemplo, os motores dos modelos do projeto *Amazon* deverão sair da fábrica da Ford em Taubaté (SP). Ver "Ford não aceita inclusão de 'cláusula social' em MP da Bahia", *Gazeta Mercantil*, 28 de julho de 1999, p. A-4.

⁴² Mas não uma redução proporcional das taxas de desemprego. Como afirmado no capítulo 2, a história de Resende (RJ) e outros casos mostram que este tipo de projeto tende a estimular a imigração, o que amplia a demanda local de trabalho. Como os imigrantes atraídos são em sua maioria pobres e desqualificados, acabam por expandir as favelas e elevar os índices de subemprego e informalidade. Este risco, no entanto, diz respeito no caso do *Amazon* sobretudo a Camaçari e Simões Filho.

Admitindo-se uma remuneração média de R\$ 500 mensais (cerca de US\$ 270), que é mais ou menos o que os metalúrgicos baianos recebem nas empresas que já operam no Estado, pode-se esperar uma injeção direta anual - em salários - da ordem de 200 milhões de dólares na economia da RMS. Considerando-se também o multiplicador de renda, estes valor pode saltar para cerca de US\$ 1 bilhão por ano, em boa parte destinado ao consumo pessoal. Desnecessário lembrar que uma parcela considerável desta demanda deve ser realizada em Salvador, até porque, como já acontece no caso do Pólo, uma proporção mais que significativa da força de trabalho empregada pelo novo complexo deve manter residência na Capital.⁴³

Do ponto de vista da produção, os efeitos do projeto *Amazon* sobre o mercado de Salvador se relacionam especialmente à expansão de serviços. Na RMS, a Ford e seus fornecedores demandarão serviços de manutenção e limpeza industrial, metrologia, transporte de carga e pessoal (portuário, ferroviário e rodoviário), segurança industrial e patrimonial, alimentação, atendimento à saúde, treinamento de mão-de-obra, bem como fornecimento de utilidades (ar comprimido, vapor, gases industriais, energia elétrica, combustíveis e telecomunicações). Parte considerável deste fornecimento de serviços será garantido no local, em Camaçari ou Simões Filho, inclusive com o aproveitamento da oferta derivada da demanda já existente no Pólo Petroquímico. Contudo, firmas localizadas em Salvador também serão certamente beneficiadas.⁴⁴

Por fim, vale considerar especificamente o significado do projeto *Amazon* para a logística dos transportes na RMS e em Salvador.

A indústria automobilística brasileira e argentina opera hoje com grande capacidade ociosa. Ademais, novos projetos estão sendo implantados: GM no Rio Grande do Sul, Renault no Paraná e Peugeot no Rio de Janeiro, entre outros. A viabilidade da planta da Ford na Bahia - 250 mil veículos por ano - só estará assegurada na hipótese de produção de carros com qualidade mundial, destinados, em grande parte, a mercados fora do Mercosul. O projeto *Amazon* é, em larga medida, um projeto de exportação.

Ao mesmo tempo, o principal obstáculo enfrentado pela Ford é a distância entre a planta baiana e o eixo São Paulo-Buenos Aires, onde se localizam os principais mercados consumidores e boa parte dos seus fornecedores. Esta distância impõe um custo extra e

⁴³ De acordo com o Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia, a remuneração média nas indústrias da metalurgia baiana era de R\$ 350 em junho de 1999, elevando-se para R\$ 600 a R\$ 700 no caso de grandes empresas como Caraíba Metais e a Alcan. Ver "Impacto comparado ao do Pólo Petroquímico", *A Tarde*, 17 de junho de 1999, Economia, p. 8. Estima-se uma propensão a poupar salários da ordem de 0,2.

⁴⁴ Ver "Técnicos avaliam o Pólo", *A Tarde*, 17 de junho de 1999, Economia, p. 2.

médio de frete, da ordem de US\$ 500 por veículo fabricado, e ainda implica maiores custos na obtenção de certos insumos.⁴⁵

A Ford tem uma estratégia para resolver estes dois problemas - custos mais elevados de transporte e falta de escala para a produção local de parte dos insumos, que, portanto, terão de ser importados do Centro-sul. Esta estratégia está centrada numa revolução na economia dos transportes da RMS e mesmo da Bahia:

- a) implantação de sistema intermodal para escoamento da produção e abastecimento, com o aproveitamento da malha ferroviária local e do Porto de Aratu, o que implicará construção de novo cais, instalação de equipamentos para operação de contêineres e utilização de novos tipos de vagões ferroviários;
- b) uso, portanto, do transporte de veículos por navio, mesmo no caso das vendas destinadas ao Sudeste do Brasil e ao Mercosul, com sensível incremento das escalas de navios na Baía de Todos os Santos; e
- c) aproveitamento, simultaneamente, da ociosidade do transporte rodoviário no retorno do Nordeste para o Centro-sul, particularmente no que se refere à volta das "cegonhas" que abastecem o mercado nordestino de automóveis.

Se estes projetos se confirmam, os papéis do Porto de Salvador e do seu Aeroporto devem ser secundários na equação logística do complexo da Ford. Pesam, no caso particular do Porto de Aratu, a vantagem da proximidade em relação à planta de Camaçari e a possibilidade do uso do transporte ferroviário⁴⁶.

6.3 Demografia e Futuro da Economia de Salvador

O crescimento e as mudanças na estrutura etária da população determinam, em larga medida, as transformações da demanda de bens de consumo e de serviços; podem sinalizar assim para a expansão de setores e segmentos-chave da economia. Sua análise pode ajudar também no planejamento do investimento e do gasto público no médio e longo prazos, notadamente nas áreas de saúde e educação. Servem, ainda, indiretamente, para identificar oportunidades de emprego na produção de bens e serviços consumidos particularmente por certos grupos sociais.⁴⁷

⁴⁵ "FHC tenta saída negociada para a Ford", *Gazeta Mercantil*, 9,10 e 11 de julho de 1999, A-7.

⁴⁶ Ver "Ford, na Bahia, busca caminho para o Sudeste", *Gazeta Mercantil*, 16, 17 e 18 de julho de 1999, C-1.

⁴⁷ Ver "The Impact of Demographic Change", in *Making career sense of labour market information*, Web: <http://workinfontet.bc.ca/1msi/making/chapter2>.

A tabela 6.1 e o gráfico 6.1 destacam a evolução projetada de sete grupos etários da população soteropolitana.

Crianças de 0 a 4 anos: público-alvo de serviços de vacinação, pediatria, educação pré-escolar, bem como da produção de alimentos, utensílios, móveis, roupas e brinquedos para bebês. Este mercado deve continuar se expandindo até 2010 (a taxas decrescentes) e declinar em seguida.

Crianças e pré-adolescentes de 5 a 14 anos: público-alvo de serviços de puericultura, pediatria, educação de primeiro grau e produtos de consumo infantil e juvenil (roupas, livros, música, alimentos, lazer etc.). Este mercado, que hoje diminui, deverá voltar a crescer entre os anos 2000 e 2015, conhecendo a partir daí declínio acelerado.

Adolescentes de 15 a 19 anos: segmento consumidor de educação de segundo grau e de bens e serviços específicos. Mercado atualmente em declínio, deve voltar a crescer entre 2010 e 2020.

Jovens de 20 a 24 anos: público-alvo das Universidades e cursos técnicos e da produção de inúmeros serviços e bens específicos. Demandantes de primeiro emprego. Seu número absoluto deve cair entre 2005 e 2015, voltando a crescer entre 2015 e 2025.

Jovens adultos de 25 a 34 anos: principais consumidores de novas habitações, público-alvo importante para mercados de móveis e eletrodomésticos. Pais e mães. Seu número se expande - a taxas significativas - até o final da próxima década.

Adultos com 35 anos ou mais: consumidores mais importantes de serviços de saúde, público-alvo especial de serviços de conveniência e turismo; demandantes de nichos particulares de certos segmentos: hobbies, seguros e outros. Seu número crescerá a taxas elevadas durante todo o período considerado.

Confirmam-se assim informações já adiantadas:

- a) no curto e médio prazos, a demanda de educação de segundo e terceiro graus em Salvador deve continuar se expandindo apenas como resultado das maiores exigências de qualificação da força de trabalho;

- b) a pressão da procura pelo primeiro emprego também deve diminuir logo no início do século; o número absoluto de jovens entre 15 e 24 anos, com efeito, deve começar a diminuir a partir de 2005;
- c) a tese de que Salvador pode conhecer um boom da construção residencial - entre o ano 2000 e 2010 - parece consistente;
- d) o mesmo se pode dizer com relação aos serviços de saúde: a experiência internacional mostra que as pessoas com mais de 65 anos consomem 4 vezes mais serviços de saúde que as pessoas abaixo desta idade. Em Salvador, em 2030, cerca de 11% da população deverá ter 64 anos ou mais.¹⁹

TABELA 6.1

Evolução da População de Salvador por Faixas Etárias Seleccionadas, 1995-2030

Taxas de Crescimento								
Idades		1995-00	2000-05	2005-10	2010-15	2015-20	2020-25	2025-30
00 a 04		12,7	8,3	0,2	(6,4)	(7,5)	(3,9)	(1,4)
05 a 14		(8,6)	3,1	10,1	3,8	(3,2)	(7,0)	(5,8)
15 a 19		2,3	(11,5)	(6,2)	11,4	7,4	(0,2)	(6,5)
20 a 24		16,2	1,4	(11,8)	(6,6)	10,8	7,0	(0,4)
15 a 24		8,8	(5,0)	(9,2)	2,0	9,0	3,3	(3,5)
25 a 34		11,7	14,3	7,4	(5,6)	(9,6)	1,5	8,5
64 e +		16,1	17,7	22,1	28,2	29,8	26,9	23,3
Números Absolutos								
Idades	1995	2000	2005	2010	2015	2020	2025	2030
00 a 04	268.429	302.410	327.423	328.036	307.017	283.867	272.861	269.021
05 a 14	604.483	552.764	569.748	627.135	650.693	629.998	586.131	552.201
15 a 19	322.316	329.720	291.831	273.650	304.970	327.626	326.973	305.573
20 a 24	286.256	332.617	337.302	297.392	277.649	307.647	329.315	328.012
15 a 24	608.572	662.337	629.133	571.042	582.619	635.273	656.288	633.585
25 a 34	493.580	551.502	630.453	676.994	638.919	577.743	586.495	636.594
64 e +	109.159	126.735	149.176	182.207	233.507	303.104	384.606	474.333

Fonte: PPCA Ltda/PMS

¹⁹ Ver OCDE. *La Santé: financement et prestations*, Études de Politique Sociale n° 4, Paris: OCDE, 1985.



7 Proposições Para Uma Nova Economia

O país está transitando de uma economia fechada e assentada na produção de bens industriais para uma economia aberta e fundada na produção de informação e conhecimento.

Nesta nova economia, as formas intangíveis de riqueza se tornam mais importantes que a riqueza acumulada em bens materiais. O valor se desloca de matérias-primas, máquinas ou imóveis, para marcas, direitos autorais ou *know-how*. Nas grandes cidades, atividades de saúde, educação, entretenimento ou turismo, sustentadas por uma base de serviços empresariais especializados, passam a ser as principais fontes de oportunidades de investimento e de emprego.

A transição para uma economia de conhecimento e informação tem implicado uma mudança radical do conceito de *vantagens locais*.

As regiões e cidades não são mais singularizadas por recursos passivos (matérias-primas, tradição manufatureira ou belezas naturais). Elas se particularizam por recursos específicos construídos por agentes locais: cultura, conhecimento e tecnologia.

Mas a construção destes recursos específicos não depende apenas da valorização das relações e sinergias entre agentes que interagem localmente (empresas, instituições públicas, organizações). A concepção de um desenvolvimento centrado quase que exclusivamente nas sinergias locais - sob a forma do estímulo a distritos industriais, *clusters* ou tecnopólos - precisa ser aperfeiçoada para incluir a cada vez mais importante integração à economia global. De fato, na produção local de riqueza, as relações que as comunidades estabelecem com atores e instituições exteriores tendem a ganhar peso, em comparação com os laços que se estabelecem entre os agentes locais. Dito de outro modo, a produção "local" é cada vez mais transterritorial e mesmo transnacional.

Uma primeira explicação para isso pode ser encontrada em algumas transformações radicais que ocorrem na produção do valor. Na nova economia, as antigas empresas,

integradas, verticalizadas, que operavam diretamente suas cadeias de produção, estão dando lugar a estruturas descentralizadas, que produzem em escala global com base em redes de terceirização e subcontratação. Este processo está relacionado a pelo menos quatro fatores:

- automação acelerada das linhas de produção e/ou uso maior de trabalhadores rotineiros desqualificados, *em razão* das novas tecnologias;
- redução do peso do capital fixo, com barateamento do custo do deslocamento espacial;
- barateamento do transporte aéreo e marítimo e, sobretudo, das telecomunicações;
- desmaterialização do valor produzido, com redução da importância econômica das matérias-primas e de outros insumos tangíveis.

Estas mudanças atingem não somente a tradicional indústria manufatureira e “fordista”, mas também setores cada vez mais importantes dos serviços: processamento de dados, *call-centers*, comércio varejista, serviços financeiros e muitos outros. Elas também atingem especialmente as indústrias que produzem bens “*downloadables*”, isto é, que podem ser transportados através dos sistemas de telecomunicações e “baixados” em terminais: *software*, música, design etc.

Uma outra forma de interpretar esta nova economia é defini-la como baseada na “produção flexível”. Esta flexibilidade é decorrência de uma outra série de importantes mudanças:

- na medida em que os bens se desmaterializam (em valor) e são vendidos no mercado global, seus ciclos de vida podem ser mais facilmente encurtados, pois o investimento necessário para sua produção é amortizado mais rapidamente;
- consumidores mais afluentes e exigentes obrigam as empresas a uma corrida permanente pelo monopólio – sempre temporário – da inovação ou da novidade;
- a utilização de máquinas e equipamentos flexíveis permite, alterar rapidamente tanto os métodos de produção, quanto as linhas de produtos; e

- novos formatos organizacionais - a subcontratação e a terceirização, o trabalho por equipes de projetos e a descentralização com delegação de poderes, por exemplo - acompanhados da difusão da produção em tempo real com estoques zero (produção enxuta), facilitam ainda esta maior flexibilidade;
- esta flexibilidade, por sua vez, permite a customização ou personalização em massa dos produtos; os mercados de massa deixam de existir; as empresas vendem para submercados, nichos, "tribos" e mesmo para consumidores individuais, atendidos em suas preferências únicas.

Esta nova economia de produção flexível e valores intangíveis, fundada no conhecimento e na informação, coloca novas necessidades para as metrópoles do final do século XX. Adiante destacam-se algumas das que se revelaram neste estudo.

7.1 Expandir e Modernizar a Base Local de Serviços Empresariais

Em Salvador, os serviços especializados respondem por 3,9% da ocupação total, ou cerca de 35 mil postos de trabalho. Serviços especializados e auxiliares garantem, em conjunto, 7,6% da ocupação, vale dizer, quase 67 mil postos. O que é mais significativo: as vagas nestes serviços têm se expandido aceleradamente (ver tabelas 5.1 e 5.3).

Trata-se de um fenômeno global que está diretamente relacionado, como já visto, à difusão da produção flexível. As empresas têm a opção de produzir por conta própria ou comprar no mercado os serviços que necessitam (exceto quando a regulamentação ou restrições tecnológicas não o permitem). A tendência à desintegração das estruturas empresariais em redes de subcontratação e terceirização, a partir de processos de reengenharia, *downsizing*, enfoque em competências essenciais, produção enxuta, etc., tem resultado em expansão e diversificação das firmas que prestam serviços empresariais.⁴⁸

De que serviços se trata? A lista é extensa: contabilidade, auditoria, consultoria, pesquisa e desenvolvimento, marketing e propaganda, relações públicas, serviços financeiros, corretagem, seguros, assessoria jurídica, armazenagem, transporte, processamento de dados, engenharia e arquitetura, decoração, desenho gráfico, reprografia e muitos outros.

⁴⁸ Esta tendência não é, em todo caso, absoluta. A internalização de serviços também ocorre por motivos diversos, em função da necessidade de controle sobre determinadas competências, inclusive para a garantia da qualidade. Ver, por exemplo, Patrick N. O'FARRELL, "Manufacturing demand for business services", *Cambridge Journal of Economics*, 1995, 19, 523-543.

Este desenvolvimento dos serviços empresariais é vital para o crescimento da nova economia. Primeiro, porque a atração de novas empresas e a expansão das existentes estão diretamente relacionadas à presença de uma sólida oferta desse tipo de serviços. Dito de outro modo, eles constituem atualmente a principal "externalidade" demandada por todo tipo de negócio. Em segundo lugar, porque esses serviços são exportáveis, sendo prestados para empresas do interior do Estado, de outros Estados e mesmo de outros países (veja-se o exemplo da Odebrecht (CNO), maior exportadora de serviços do Brasil).⁴⁹

Em Salvador, os serviços empresariais são vendidos por milhares de empresas, em sua maioria de pequeno porte, que operam, em geral, com força de trabalho relativamente mais qualificada (2º grau ou mais) e bom índice de formalização (cerca de 55%). Atendem não só às empresas privadas, mas também e crescentemente ao setor público. Têm se modernizado, sobretudo com uso crescente de recursos telemáticos.⁵⁰

O ramo tem conhecido algumas dificuldades, especialmente após a crise do Real. De um lado, os custos operacionais são elevados, haja vista que seus principais insumos são conhecimento e informação, suas empresas têm intensidade de capital físico elevada e operam com capital intelectual relativamente escasso e mais caro. De outro, a demanda tem refletido a crise de outros setores da economia, notadamente da construção civil, que afeta, entre outros, os ramos de consultoria, assessoria jurídica e engenharia. Apesar disso, o otimismo é grande entre os empresários envolvidos com a produção destes serviços - até porque a privatização de importantes segmentos da economia local deve implicar maior demanda em várias áreas.

Existem pelo menos três reivindicações setoriais bem precisas:

- redução das alíquotas de ISS, uma vez que os atuais níveis de tributação estão favorecendo a migração de empresas (um efeito da guerra fiscal entre os municípios da RMS);
- desburocratização e agilização do fornecimento de informações e documentos (licenças, certidões etc.); e
- melhoria do sistema de transporte coletivo.

⁴⁹ Dois exemplos recentes: tanto a Mosanto quanto a Ford consideraram a oferta local desses serviços quando da escolha da RMS para a instalação de novas plantas.

⁵⁰ De acordo com dados da PED, na RMS, nos chamados "serviços da produção" 51,4% da força de trabalho tem *pelo menos* o 2º grau completo. Ver Marcelo SANTANA, "Escolaridade e Ocupação na RMS", *Bahia - Análise e Dados*, Salvador: SEI, v.8, n.4, p.44-50, Mar./99. Sobre os índices de formalização, consultar *Perfil sócio-econômico do trabalhador informal de Salvador*, op. cit.

7.1.1 Planejar um Novo Centro de Serviços Empresariais

As empresas prestadoras de serviços empresariais tendem a se concentrar espacialmente (seção 2.5). Isso ocorre por que elas procuram obter acesso fácil a pelo menos três dos seus insumos mais essenciais: mão-de-obra qualificada, outros serviços empresariais e informações gerais ou específicas. Daí decorre a busca por centros de negócios com: a) bons sistemas de transporte e acessibilidade garantida; b) imóveis de baixo custo e área de expansão assegurada; c) redes de comunicação eficientes, e d) meio ambiente sócioeconômico compatível com o "status" das firmas típicas destes ramos. Em outras palavras, as empresas de serviços empresariais demandam *economias de aglomeração*.⁵¹

O "novo centro" de negócios de Salvador, que se desenvolveu no entorno do Shopping Center Iguatemi, tende à saturação no médio prazo, especialmente no que diz respeito às condições de acessibilidade e de estacionamento.

Desde o início da decadência do antigo centro, o tipo de localização de serviços empresariais que tem se afirmado em Salvador é o dito *periférico*, no qual conjuntos *novos* de prédios de escritórios se associam a outros equipamentos e instalações típicas do "terciário" (sedes de grandes empresas, agências bancárias, comércio varejista em shoppings etc.), em *novos* bairros, planejados como pólos de negócios. Uma vez que está descartada a hipótese de uma ampla renovação do centro histórico no médio prazo, é este o padrão que deve continuar predominando.

Acredita-se que Salvador deva começar a planejar a implantação de um novo centro de negócios, a ser localizado provavelmente mais ao Norte, possivelmente em torno de uma das novas vias expressas que cortarão o "miolo" da cidade, de preferência em articulação direta com a primeira linha do metrô. Esta iniciativa tende a ser fundamental para a continuidade da expansão dos serviços empresariais modernos na cidade. A localização deste novo centro deve levar em conta, especialmente, entre os fatores locacionais já descritos, a necessidade da construção de uma infra-estrutura avançada de telecomunicações, particularmente de infovias em fibra ótica.

⁵¹ Sobre este tema ver, por exemplo, Bernadette MERENNE-SCHOUMAKER, *La Localisation des services*, Paris: Nathan, 1996.

7.2 Garantir aos Empreendedores e às Empresas Locais o Fácil Acesso aos Mercados Globais

Trata-se, antes de tudo, de aprofundar a revolução nas telecomunicações.

A nova economia depende especialmente do teletransporte digital de áudio, vídeo, imagens (fotos e desenhos), arquivos de dados, correio e programas de computador. Para isso, expandem-se as redes de telefonia fixa e móvel (celular), os sistemas de comunicação pessoal e empresarial, as antenas parabólicas, as redes de informação especializadas (intranets bancárias, de sistemas de reserva, universitárias etc.) e, sobretudo, a Internet. Ao mesmo tempo, multiplicam-se os equipamentos e instrumentos (terminais) utilizados por pessoas e/ou máquinas: telefones com ou sem fio, fax, computadores pessoais, televisões, sensores de meio ambiente etc.

A inovação neste campo é contínua. Para os próximos anos estão previstas: a) continuidade da integração entre computadores pessoais e de empresas às redes de comunicação; b) expansão das comunicações sem fio; c) extensão das comunicações a câmeras de vídeo, aparelhos eletrodomésticos e outros equipamentos até aqui desconectados; d) implantação e extensão de redes de TV interativa, com acesso à Internet via cabo.

O desenvolvimento dos serviços e da indústria em Salvador depende do desenvolvimento de uma infra-estrutura de telecomunicações, capaz de assegurar maior interação social, acesso à cultura global e sólidas vantagens competitivas. Isso só será possível com o barateamento dos custos das novas tecnologias e com maiores facilidades de acesso para os usuários. A indústria caminha, sem dúvida, nesta direção. Como já ocorre com os telefones celulares e fixos, os computadores pessoais devem ter seus preços reduzidos, a extensão das redes a cabo deve baratear sua utilização, o acesso livre, ilimitado e gratuito é o futuro da Internet.

Cabe, entretanto, à PMS tentar acelerar este movimento. Ela pode fazê-lo em várias frentes:

- procurando atrair empresas do ramo, inclusive através de uma política estruturada de incentivos fiscais, em parceria com o Governo Estadual (como já ocorre com os *call-centers*), principalmente nas áreas de comunicações sem fio, TV a cabo (banda larga) e redes de fibras óticas;

- contribuindo para a formação de recursos humanos de qualidade nesta área, com iniciativas que podem ir da introdução da telemática no ensino de primeiro grau (sob sua responsabilidade), ao incentivo às parcerias entre empresas e universidades locais, inclusive no campo do ensino nas áreas de economia de rede, redes de computadores, análise de sistemas, desenvolvimento de programas e outras áreas relacionadas;
- apoiando as incubadoras tecnológicas já existentes (Softex, Compete e outras), e incentivando-as a abrigar empreendedores nas áreas de telecomunicações e telemática;
- incentivando as empresas locais a usarem as novas tecnologias, inclusive através de mecanismos fiscais;
- incentivando o uso da Internet pela população soteropolitana, através de incentivos fiscais aos provedores gratuitos, implantação de terminais de livre acesso em locais públicos e outras iniciativas.

Essas intervenções e outras, nos campos das tecnologias da informação e da telemática, devem pressupor uma ação planejada e coordenada, articulando diversas instituições e empresas.

Trata-se, em segundo lugar, de reivindicar a continuidade da modernização e ampliação do aeroporto internacional de Salvador.

Comparado com o transporte rodoviário, ferroviário ou marítimo, o transporte aéreo de cargas continua operando com custos superiores, o que o mantém limitado a uma pequena fração da tonelagem total movimentada no planeta. No entanto, este quadro tende a mudar nas próximas décadas. Primeiro, porque a desregulamentação do setor tem garantido redução de preços. Segundo, porque o uso de novos e maiores aviões, acompanhado da modernização dos aeroportos, tende a baratear o transporte aéreo de mercadorias. Terceiro, porque a rapidez do transporte por ar permite reduzir estoques, custos de armazenagem e manuseio de cargas, o que é compatível com as estratégias de logística de um número crescente de empresas, sobretudo no caso daquelas que produzem bens de grande densidade econômica (produtos eletrônicos e outros). Daí, por exemplo, o desenvolvimento de todo um ramo de operação intermodal, de empresas especializadas na entrega rápida com base na combinação de aviões, caminhões, rádio-comunicação e computadores.

É como resultado deste movimento que, segundo o BID, o volume de carga aérea movimentado no mercado global vem crescendo de 15% a 25% ao ano.⁵²

A desregulamentação do setor, que intensificou a concorrência entre as companhias aéreas, tem implicado também grande aumento do número de passageiros. Mesmo num mercado fechado à concorrência estrangeira, como o brasileiro, este incremento deve se acelerar. Segundo as estimativas do Sindicato Nacional das Empresas Aeroviárias, apenas 5% da população brasileira - cerca de 8 milhões de pessoas - utilizam aviões como meio de transporte. É uma taxa de penetração muito pequena - nos Estados Unidos, esta proporção é de 40%; na União Européia, de 25%. Mas esta taxa vai crescer. A queda dos preços reais dos bilhetes, com a multiplicação das promoções tarifárias, já começa a abrir o mercado para consumidores com renda situada entre 10 e 20 salários-mínimos.⁵³

A atual reforma do Aeroporto Internacional Luiz Eduardo Magalhães está centrada no transporte de passageiros: novas pistas de decolagem e pouso, *píeres* com pontes de acesso para até 12 aeronaves, duplicação da estação terminal e, paralelamente, ampliação da área operacional. O principal objetivo da reforma é a expansão da capacidade de atendimento de passageiros, dos atuais 1,6 milhão para até 4 milhões por ano, tendo em vista o crescimento da atividade turística.

Mas é importante lembrar que o conceito de aeroporto tem mudado. Ele não é mais apenas um lugar de embarque e desembarque de passageiros, mas tende a desempenhar igualmente os papéis de entreposto de negócios e de pólo comercial, abrigando inclusive *shopping centers*. Preparar o aeroporto de Salvador para o comércio internacional é um desafio para a próxima década.

As estatísticas disponíveis parecem comprovar esta tese. Segundo a Infraero, o número de passageiros embarcados e desembarcados no Aeroporto de Salvador passou de 1.076.371, em 1984, para 1.748.301 em 1997, um crescimento de 62,4% em 14 anos. No mesmo intervalo, o movimento de carga saltou de 11.390 para 26.073 toneladas, uma expansão de 128,9%. O movimento de correio, por sua vez, pulou de 11.053 para 15.590 toneladas entre 1988 e 1997, o que significa um aumento adicional de 41% no transporte de objetos, somente neste período (um intervalo menor, de 10 anos).⁵⁴

⁵² "Logística dos Transportes", Relatório da Gazeta Mercantil Latino-Americana, *Gazeta Mercantil*, 25 a 31 de janeiro de 1999, p. 13. A Boeing prevê uma expansão média de 6,4% ao ano no transporte aéreo de cargas para o período 1999-2018 (4,7% no tráfego de passageiros); ver "Boeing projeta vendas de até US\$ 30 bi ao País", *Gazeta Mercantil*, 28 de junho de 1999, p. C-6.

⁵³ "Concorrência com o ônibus", Relatório Gazeta Mercantil, Dossiê Aviação Brasileira, *Gazeta Mercantil*, 20 de julho de 1998, p. 01.

⁵⁴ Ver Bahia - Anuário Estatístico, 1998. Salvador: SEI, p. 335.

A terceira questão a ser colocada na pauta da abertura para os mercados globais é a "revitalização" do Porto de Salvador.

O transporte de graneis sólidos e líquidos responde por 70% do transporte marítimo mundial de cargas, mas representa apenas 1/3 dos fretes pagos internacionalmente. Ao mesmo tempo, o transporte de carga geral (basicamente contêineres), que movimenta mercadorias com maior valor agregado, é remunerado com 2/3 dos gastos com fretes marítimos internacionais.⁵⁵

A difusão do contêiner no transporte marítimo e intermodal, a partir dos anos 80, gerou elevadas economias de escala e permitiu grandes ganhos em eficiência. O contêiner está na base da revolução organizacional do setor, que deu origem às novas grandes empresas de atuação global. Ele permitiu: a) maior agilidade operacional com menor custo de transporte, sobretudo com o incremento das operações intermodais; b) desenvolvimento de redes de logística globais com uso de telemática, que possibilitam a concentração do movimento em determinados portos de transbordo e o gerenciamento de cargas em tempo real; c) aumento do tamanho dos navios para carga geral; d) maior mecanização das operações portuárias; e e) redução dos custos com a cobertura de danos sobre mercadorias transportadas (seguros).

Esta revolução pode ser percebida nas estatísticas do Porto de Salvador. Em 1984, ele recebeu 1.164 navios e movimentou um total de 1.431,7 mil toneladas de carga; em 1997, abrigou apenas 439 navios para 1.572,5 toneladas.⁵⁶

A revolução tecnológica do setor reduziu os preços dos fretes e encurtou a margem de lucro dos armadores; seguiu-se um intenso processo de concentração do capital, com alianças, consórcios e fusões. Paralelamente, o uso de maior quantidade de navios porta-contêineres, de grande tamanho, levou à redução do número de escalas, logo de portos utilizados nas rotas do comércio mundial. Estes se dividiram em dois grupos distintos: a) portos concentradores do movimento de importação e exportação nas principais rotas, em expansão; b) portos secundários, situados em rotas alimentadoras, com movimento declinante.

O corolário deste processo é o seguinte: os investimentos em ampliação e modernização de instalações portuárias, mesmo quando significam redução dos custos operacionais, não

⁵⁵ Ver Luciano Otávio M. DE VELASCO e Eriksom Teixeira LIMA, "As Novas empresas mundiais de navegação determinam a evolução dos portos", *Revista do BNDES*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, Jun./99, p. 167-186.

⁵⁶ Segundo a CODEBA, ver *Bahia - Anuário Estatístico*, 1998. Salvador: SEI, p. 334.

garantem maior movimentação. Os portos são obrigados a absorver as novas tecnologias, sob pena de desaparecer, porque em tempos de contêineres e transporte intermodal, a concorrência está ao lado. Mas a dinâmica do transporte marítimo é determinada no exterior, pelas grandes empresas armadoras em busca de maximização de receita e eficácia.⁵⁷

Assim se explica o fato de que a própria Companhia das Docas do Estado da Bahia (Codeba) sugira a “revitalização da área portuária”. Ela sabe que, por mais que a economia regional cresça, Salvador está fora das grandes rotas, não será porto de concentração. Ademais, a situação geográfica e urbana do próprio porto também não favorece seu desenvolvimento. Como explica o Prof. Sérgio Fraga Santos Faria, da UFBa:

“O estrangulamento do espaço portuário pelo crescimento das cidades, o aumento do porte das embarcações, cujo acesso se faz difícil nas regiões naturalmente protegidas, e, por sua vez, o surgimento de modernas técnicas para realização das operações portuárias, impondo-se a necessidade de espaço amplo, seja para a armazenagem de novos tipos de carga, seja para a evolução de equipamentos tecnologicamente avançados que atuam na faixa de movimentação, são [...] fatores que [...] representam grandes obstáculos para a continuidade da função operacional dos portos situados nos limites da área urbana.”⁵⁸

Contudo, como esclarece ainda o Prof. Faria, uma proposta de revitalização do Porto de Salvador não deve significar que exista risco de desativação de toda infra-estrutura portuária da cidade. A cidade precisa de seu porto. A estratégia de revitalização deve considerar, portanto, cinco aspectos fundamentais:

Primeiro, a devolução à cidade de uma de suas áreas mais nobres, sob a forma de equipamentos de turismo, lazer, cultura e *shopping*. É a idéia a ser realizada com a redefinição do uso dos Armazéns 1 e 2 no chamado cais comercial, com o projeto Via Náutica e com a possível extensão da infra-estrutura de náutica de lazer e turismo costeiro, para além do Centro Náutico já existente no local.

Segundo, a especialização do Porto de Salvador na operação com cargas de alto valor ou densidade econômica (enquanto em Aratu se concentram as operações com grãos líquidos e sólidos e, provavelmente, como opção lógica, a movimentação relacionada ao

⁵⁷ Os custos de operação no Porto de Salvador já são dos mais baixos no país e tendem a ser similares aos dos portos mais modernos do mundo. Ver “Custo portuário reduz ganhos da privatização”, *Gazeta Mercantil*, 28, 29 e 30 de maio de 1999, p. A-5.

⁵⁸ Sérgio F. S. FARIA, “A revitalização de áreas portuárias em Salvador”, *A Tarde*, 30 de abril de 1999, 1-3.

projeto da Ford). Esta, aliás, parece a linha já definida por empresários do porto, como se percebe com a implantação da central para cargas congeladas e refrigeradas da Intermarítima Terminais, destinada à exportação e importação de frutas, sucos e pescados.⁵⁹

Terceiro, a utilização crescente do porto para o transporte de passageiros de cruzeiros marítimos, nacionais e internacionais.

Quarto, a prevenção de conflitos e acidentes na área portuária, em decorrência da expansão das atividades de lazer náutico e de pesca, e do conseqüente uso comum não somente das áreas de atracação, mas também das águas da Baía.

Quinto, o estudo das possíveis conseqüências da logística baseada nas novas tecnologias de transporte (intermodalismo, contêinerização, estoque zero etc.) sobre o tráfego urbano, particularmente no caso da área portuária, tendo em vista a necessidade de uma eventual regulação para evitar problemas maiores de engarrafamento e estacionamento no Comércio e adjacências.

7.3 Investir no Capital Humano da Cidade

Para a metrópole soteropolitana do início do século XXI, três outros desafios estão colocados: a) desenvolver seu capital humano ou intelectual; b) expandir e renovar sua base cultural; e c) elevar seus níveis de qualidade de vida. Enfocam-se aqui os dois primeiros.

A nova economia exige trabalhadores capazes de criar conhecimento, difundi-lo na sociedade, utilizá-lo para assegurar inovação, produtividade, qualidade e, portanto, competitividade. Uma economia fundada no conhecimento e na informação está assim associada à acumulação de capital humano, logo, ao investimento na melhoria da capacitação de seus trabalhadores.

No passado, o problema da difusão do *know-how* tinha solução relativamente simples. De um lado, tecnologias industriais que simplificavam as tarefas, de modo que qualquer um

⁵⁹ "Porto de Salvador ganha moderna central para as cargas congeladas e refrigeradas", *Gazeta Mercantil*. *Gazeta da Bahia*, 24 de maio de 1999, p. 1.

pudesse desempenhá-las. De outro, um ensino - público - que formava uma mão-de-obra padronizada, passível de fácil seleção e treinamento para estas tarefas simples.⁶⁰

Hoje, mesmo se este padrão de produção continua a existir e é mesmo reinventado em certos ramos - veja-se, por exemplo, a "nova" indústria de calçados no Nordeste - não é ele que se desenvolve na vanguarda da economia. Os setores de ponta da economia do conhecimento demandam trabalhadores capazes de assumir responsabilidades, solucionar problemas diante de situações imprevistas e, sobretudo, criar.

O que distingue os produtos da nova economia é o fato de que eles têm um *conteúdo de informação e cultura*.

De um lado, o que se tende a produzir é música Axé, moda Bahia, cozinha do sertão. O CD, o vestido ou o prato congelado de ensopado de carneiro, vetores materiais destes produtos intangíveis, têm um conteúdo cultural que é o que lhes assegura o valor. Para vender localmente ou exportar estes produtos é preciso, primeiro, conservar, revolucionar e difundir uma determinada cultura.

De outro, o consumidor de música Axé, moda Bahia ou cozinha do sertão é alguém atingido e influenciado por uma cultura. Mas, além disso, é uma pessoa que transmitiu, aos produtores destes bens, esta e outras informações - o tipo de música axé de que gosta, sua cor preferida de vestido *made in* Bahia ou a quantidade ideal de ensopado em cada embalagem.

Na nova economia, automóveis, programas de televisão ou pacotes turísticos são produtos cada vez mais definidos pelo consumidor individual. Isso reduz a homogeneidade na produção, obrigando os produtores a incorporar cada vez mais conhecimento sobre seus clientes, para satisfazer seus clientes. Mas isto é só um lado da questão. O próprio consumidor deve ser capaz de informar ao produtor que bens deseja e como os deseja. Sem esta *co-produção* não existiriam, por exemplo, os caixas automáticos de banco, as consultas médicas ou os programas de busca na Internet.

O fortalecimento da cultura local e a acumulação local de capital humano não são, desse modo, necessário apenas para o aumento da produção. É também o crescimento do mercado consumidor da cidade que depende destes fatores.

⁶⁰ Ver sobre este tema, Riel MILLER, "Developpement Territorial et Capital Humain dans l'Economie de la Connaissance: un Cadre d'Action", Cahier Leed N.º 23, Paris: OCDE, 1996.

7.4 Estimular o Desenvolvimento de Alguns Clusters

Clusters são agrupamentos de empresas e instituições interligadas que operam em conjunto num determinado campo de negócios. *Clusters* são diferentes de “setores” em dois sentidos. Em primeiro lugar, os *clusters* são agrupamentos que reúnem empresas de atividades diversas e ainda instituições não empresariais (por exemplo, Universidades). Eles são, assim, blocos inter e multissetoriais. Em segundo lugar - e diferentemente dos “setores” - os *clusters* tendem a promover, ao mesmo tempo, competição e cooperação entre os seus membros. Isto é possível porque, nos *clusters*, a competição e a cooperação tendem a ocorrer em planos distintos e a envolver atores diferentes.⁶¹

Grosso modo, os *clusters* podem ser divididos em três tipos básicos:

- concentrações regionais de atividades econômicas relacionadas a um determinado ramo e conectadas a uma infra-estrutura de pesquisa e ensino (centros de pesquisa, universidades, escolas técnicas etc.), que compartilham uma mesma tecnologia básica; este é sobretudo o caso dos *clusters* nas áreas de alta tecnologia: informática, biotecnologia, multimídia etc.
- cadeias de valor integradas em rede, no modelo fornecedores-montadores-distribuidores, desenvolvidas em torno de grandes empresas líderes, cujo modelo mais típico é dado pelos complexos automobilísticos; e,
- agrupamentos de firmas e instituições relacionadas a uma determinada “indústria” (moda e vestuário, turismo, educação, fruticultura irrigada etc.), com forte presença de pequenas e médias empresas que competem entre si, mas que também se beneficiam de economias externas criadas por sua concentração; estas externalidades podem ocorrer em áreas como abastecimento de insumos, treinamento de mão-de-obra ou marketing de produtos regionais.⁶²

O debate em torno dos *clusters* desenvolveu-se a partir da análise do sucesso de certos *distritos industriais*, ditos “marshallianos”, na Europa dos anos 1970 e 1980. Neste caso, o distrito industrial é um modelo de *cluster* caracterizado por forte especialização, divisão de trabalho aprofundada entre pequenas e médias empresas, sólidas associações empresariais, tradição de cooperação entre diversos agentes locais, flexibilidade industrial e capacidade de inovação. Os modelos típicos são os da chamada “Terceira Itália”, com

⁶¹ Ver Michael E. PORTER, “Clusters and the New Economics of Competition”, *Harvard Business Review*, November-December, 1998.

⁶² Ver Dany JACOBS, “Knowledge-intensive Innovation: The Potential of the Cluster Approach”, Institute for Prospective Technological Studies, *The IPTS Report*, n. 16.

suas indústrias exportadoras de calçados, artigos de couro, produtos alimentares e outros bens.

A experiência dos distritos industriais europeus (e também dos chamados "tecnópolis") renovou o debate sobre desenvolvimento e políticas industriais, colocando na pauta duas questões fundamentais: a) o papel – articulador – dos governos regionais e locais; e b) a importância crescente das parcerias entre os setores público e privado, na promoção do desenvolvimento local.⁶³

A discussão internacional que se desenvolveu nos anos 90 a partir das experiências européias produziu algumas conclusões que podem servir para orientar novas políticas de *clustering*, vale dizer, de incentivo à construção de *clusters* ou ao desenvolvimento de *clusters* já existentes.

Primeiro, os *clusters* devem ser vistos como estruturas dinâmicas e flexíveis, capazes de alavancar a competitividade de uma economia regional de três modos: a) elevando a produtividade de indústrias locais, na medida em que se promove uma cooperação baseada em sinergias; b) direcionando e acelerando a inovação em processos e produtos; e c) criando oportunidades para o surgimento de novos negócios.⁶⁴

Segundo, uma política de desenvolvimento local baseada no estímulo a *clusters* deve partir de forças e tendências já presentes na economia. O estímulo deve ser dirigido às concentrações de negócios que já comprovaram potencial de expansão. Desenvolver um *cluster* a partir do zero é um objetivo de alto custo e pouca viabilidade.

Terceiro, o eixo da política de *clustering* deve estar no estímulo à construção de *redes* de cooperação intra e inter *clusters*. Estas redes de cooperação podem ser estabelecidas entre pequenas e médias empresas ou entre estas PMEs e grandes firmas ou instituições não privadas. Além disso, não precisam estar limitadas ao espaço local ou regional. As redes de cooperação que atravessam fronteiras entre Municípios, Estados e Países, são cada vez mais necessárias e presentes, sobretudo em razão das inovações nos campos dos transportes e das tecnologias telemáticas.

Quarto, as políticas de *clustering* devem ter como objetivo incrementar o uso da informação e do conhecimento nos *clusters*. Isto significa, concretamente, incentivar e

⁶³ Sobre este ponto, por exemplo, John HUMPHREY & Hubert SCHMITZ, *Principles for promoting clusters & networks of SMEs*, Unido, SME Branch, Discussions Papers, n. 1, October 1995.

⁶⁴ Ver ainda Michael E. PORTER, *op. cit.*, p. 80.

possibilitar a inovação tecnológica através de: a) fortalecimento dos laços à montante, com fornecedores de insumos, inclusive instituições produtoras de conhecimento e de serviços técnicos especializados; b) fortalecimento das relações à jusante, com distribuidores, exportadores, atacadistas, varejistas e consumidores finais.

Quinto, nesta direção, o *clustering* deve dar prioridades às relações à jusante. Uma das principais críticas que são feitas às políticas mais recentes é a excessiva concentração de ações para a melhoria das condições de produção ou de oferta: crédito, treinamento de mão-de-obra, abastecimento de matérias-primas, acesso a novas tecnologias de processo etc.. No entanto, o vital para boa parte dos *clusters* em formação é o acesso a novos mercados, a partir de uma ação orientada para a demanda. Neste sentido, as políticas de *clustering* devem, por exemplo, estimular e organizar a participação em feiras, garantir o acesso às compras públicas, auxiliar a implantação de contratos de fornecimento entre PMEs e grandes empresas e muitas outras ações de marketing.

Na Bahia, o Governo Estadual tem realizado alguns ensaios de *clustering*, notadamente com a SEPLANTEC, no bojo do programa Iniciativa para o Nordeste. Quatro áreas prioritárias de intervenção foram definidas: agroindústria de grãos no Oeste, turismo nos Litorais Sul e Norte, fruticultura irrigada no São Francisco e indústria de *software* nos principais núcleos urbanos. Esta intervenção está articulada com a de outros Estados nordestinos, conta com financiamento do Banco Mundial e com a cooperação de importantes instituições nacionais e internacionais, inclusive BNB, Banco do Brasil, BNDES, IPEA, IICA, FAO e MCT. O ponto de partida foi a instalação de "câmaras setoriais", que deverão, com o apoio de consultores internacionais, propor estratégias de desenvolvimento local e ações concretas nas áreas de infra-estrutura, organização de cadeias produtivas e marketing.

Também em Salvador, algumas experiências análogas vêm ocorrendo. Registre-se, por exemplo, a ação simultânea da PMS, do Sindicato da Indústria do Vestuário da Bahia e do Governo Estadual, através da Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração, na implantação de um primeiro condomínio industrial no ramo de confecções, reunindo 19 micro, pequenas e médias empresas. Esta ação, deve ser estendida para outros ramos, inclusive o de movelaria.

O papel dos governos locais pode ser importante, em ações fundamentais para os processos de *clustering*. Estes governos podem, com efeito:

- articular projetos comuns, inclusive de investimento, organizando elementos do cluster em alianças, consórcios e parcerias;
- buscar e difundir novas fontes de financiamento;
- atrair novas empresas;
- incentivar a formação de recursos humanos;
- cooperar na difusão de novas tecnologias;
- apoiar a abertura e a conquista de novos mercados externos.

Propõe-se a seguir ações de *clustering* para atividades específicas que se expandem na economia soteropolitana. Parte destas atividades produzem serviços. Antecipando uma possível polêmica, cabe discutir primeiramente a possibilidade de um desenvolvimento local atrelado à expansão de serviços.

7.4.1 Acreditar nos Clusters de Serviços

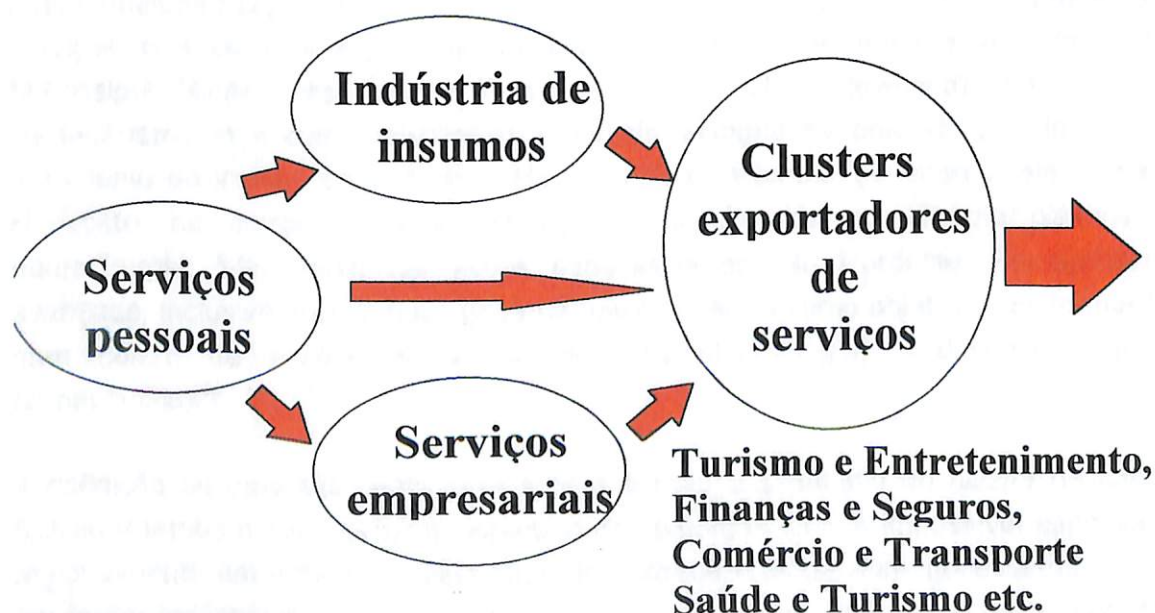
Embora a teoria econômica tradicional reconheça que as economias urbanas são antes de tudo "terciárias", os serviços têm sido considerados como atividades de segunda classe, desempenhando um papel supostamente subordinado no desenvolvimento econômico das cidades. Os setores-chave para este desenvolvimento seriam as indústrias exportadoras e suas cadeias de valor, constituídas de indústrias produtoras de insumos, matérias-primas ou bens intermediários. Os serviços cresceriam a reboque, graças aos efeitos multiplicadores produzidos pelo gasto local da renda criada na indústria.

Este tipo de concepção da economia urbana tem sido cada vez mais contestado, desde que a "desindustrialização" atingiu grandes metrópoles globais, como Nova Iorque, Londres ou São Paulo. Nestas cidades, serviços cada vez mais sofisticados e intensivos em capital têm substituído a indústria tradicional no papel de "locomotiva" da economia urbana. Fica claro que boa parte dos serviços, longe de serem apenas destinados ao consumo local, podem ser e são crescentemente exportados. Mesmo quando destinados ao consumo local, tais serviços não são "improdutivos". Eles agregam valor, produzem renda e geram efeitos multiplicadores que estimulam o conjunto da economia local, inclusive sua indústria. Este não é o caso apenas dos serviços empresariais ditos "produtivos": serviços de engenharia, pesquisa e desenvolvimento, assistência técnica, entre outros. Isto diz respeito também aos serviços de consumo pessoal, como nos casos dos serviços de saúde, dos serviços educacionais e principalmente das universidades, do entretenimento e do turismo, dos esportes, do comércio varejista e das atividades culturais.

Com frequência, o ceticismo com relação às exportações de serviços está associado à dificuldade em compreender como funciona o comércio externo de serviços. Estes são exportados, basicamente, de quatro maneiras. Primeiro, com deslocamento do produtor ao cliente: professor, residente em Salvador, leciona em curso em Belo Horizonte. Segundo, com deslocamento do consumidor até o local de produção: habitante de Aracaju vem a Salvador realizar cirurgia cardíaca. Terceiro, com deslocamento simultâneo de ambos nas operações de transporte: companhia aérea soteropolitana leva turistas alemães a Manaus. Finalmente, a prestação à distância: *site* de empresa baiana de artesanato vende jóias, pela Internet, a residente em Nova Iorque.

O esquema a seguir resume este modo de ver a articulação entre os clusters exportadores de serviços e a economia local.

Figura 7.1 Serviços e Desenvolvimento Local



7.5 Desenvolver Alguns Clusters

7.5.1 O Cluster de Saúde

Na Bahia, a economia da saúde movimenta cerca de 1,1 bilhão de dólares por ano. Em termos de faturamento, somente os serviços privados de saúde, concentrados em

Salvador, movimentam mais de US\$ 500 milhões anuais. De fato, apenas as 17 organizações da área médico-hospitalar registradas pela revista Desempenho entre as 300 maiores empresas do Estado tiveram receita operacional líquida de 437 milhões de reais, em 1997. Os serviços de saúde são a segunda fonte de ISS da Capital e ocupam 5,1% dos trabalhadores soteropolitanos, vale dizer, cerca de 45 mil pessoas.⁶⁵

As interações entre saúde e economia têm sido associadas, quase que exclusivamente, à melhoria da qualidade de vida da população, ao incremento da produtividade do trabalho e ao papel do setor enquanto absorvedor de recursos públicos - o "ralo" da saúde. No entanto, os serviços de saúde devem ser vistos também como um eixo de desenvolvimento local, atraindo investimentos internos e externos, ocupando parte crescente da força de trabalho e gerando renda e tributos.

Há vários exemplos internacionais e nacionais que comprovam a vocação da indústria de saúde para impulsionar o crescimento da economia local. Nos Estados Unidos, Estados e cidades experimentaram grandes mudanças em suas economias a partir da expansão e diversificação de *clusters* de saúde, com a associação entre a produção industrial (equipamentos hospitalares, máquinas, instrumentos, insumos médicos e farmacêuticos), serviços de excelência e pesquisa de ponta. São os casos, entre outros, da Califórnia, Mississippi (Minneapolis), Flórida, Texas (Houston) e Ohio (Cleveland). Outros casos são de fácil lembrança como referências mundiais: Hungria na área de geriatria, Cuba no tratamento do vitiligo, entre muitos. Há exemplos nacionais igualmente relevantes: Belo Horizonte, no campo da oftalmologia; Rio de Janeiro, na cirurgia plástica e na neurocirurgia; São Paulo em várias especialidades. No Nordeste, Pernambuco tem avançado, inclusive porque seus governantes colocaram como objetivo transformar Recife num centro de excelência em saúde (em oftalmologia, cardiologia e pesquisa farmacêutica).⁶⁶

A definição de uma estratégia para a organização e expansão do *cluster* de saúde em Salvador também deve evitar a dispersão dos esforços, pois é impossível especializar-se regionalmente em tudo. Uma estratégia de enfoque é ainda mais necessária, na medida em que a indústria da saúde é altamente intensiva em capital, tecnologia e mão-de-obra qualificada. Salvador já conta com pelo menos três nichos definidos para a ação de um *cluster*: a) cardiologia, área que já atrai clientes de todo o Nordeste, em função do sucesso

⁶⁵ Ver "Medicina privada movimenta R\$ 450 milhões na Bahia", *Gazeta Mercantil*, Bahia - Especial Saúde, 30 de julho de 1998, p. 1, e *Desempenho*, ano 16, n.º 16, Salvador: IMIC, Outubro de 1998.

⁶⁶ Sobre a política estratégica de expansão dos serviços de saúde em Pernambuco, consultar *Gazeta Mercantil*, Balanço Anual 1997 - Pernambuco, Ano II, n.º 2, Outubro de 1997.

no tratamento e em cirurgias, e que conta com um número considerável de especialistas; b) reprodução humana, com grande tradição e reconhecimento internacional; e c) doenças infecto-parasitárias, com forte segmento de pesquisa associado a instituições universitárias locais. Outras especializações estão se esboçando, como no caso da oftalmologia.

A especialização não pode significar, contudo, estreitamento da abordagem. A construção do *cluster* supõe visão interdisciplinar e interinstitucional. O processo deve criar alianças estratégicas entre universidades, institutos de pesquisa, hospitais e clínicas, laboratórios, profissionais liberais, SPAs, redes de farmácias, ONGs, indústrias de insumos locais e outras organizações.

Sem a pretensão de esgotar o tema, demasiadamente vasto e complexo para este estudo, vale destacar certos pontos a levar em consideração:

- como já visto, o potencial de expansão do mercado local é mais que significativo: a população envelhece e tende a demandar mais serviços de saúde; a renda regional tende a aumentar e, com este aumento, deve crescer ainda mais o número de usuários de planos de saúde (empresariais ou particulares); também em razão das mudanças na estrutura demográfica, o gasto público com saúde continuará se expandindo;
- os hospitais e outras organizações do setor têm crescentemente terceirizado serviços, como nos casos da alimentação, lavanderia, segurança e limpeza; isto alavanca diretamente a expansão de outros segmentos da economia local;
- são crescentes as sinergias que se estabelecem entre a economia da saúde e a indústria do turismo, haja vista o aparecimento de hotéis destinados a pessoas em tratamento, a multiplicação de SPAs ou o surgimento de apart-hotéis destinados especificamente a pessoas na terceira idade, com oferta permanente de assistência clínica;
- a tendência à "desospitalização" tem revolucionado o setor, permitindo a expansão de segmentos novos: atendimento domiciliar, atendimento em hotéis associados a hospitais, centros de enfermagem e *day-hospitals*;
- são grandes as perspectivas da fusão entre telemática e medicina, inclusive no que diz respeito à exportação de serviços; de um lado, a telemedicina com infovias permite o diagnóstico, o tratamento à distância e mesmo cirurgias *on-line*; de outro, os bancos de

dados de saúde possibilitam a criação de prontuários eletrônicos, o acesso mais rápido à informação técnica e científica, a prevenção de epidemias e o controle de endemias, entre outras ações;

- a desregulamentação do setor e a abertura da economia abrem grande espaço para a entrada do capital estrangeiro, não somente no segmento de planos e seguros de saúde, mas também na área hospitalar; haverá crescente disputa regional na atração de investimentos.

7.5.2 O Cluster de Educação

Como no caso da saúde, a educação é vista como um fator de elevação da produtividade do trabalho, na medida em que implica maior qualificação da mão-de-obra. Mas os serviços de educação são também importantes para a geração de emprego, renda e arrecadação nas cidades. Ademais, são serviços tradicionalmente exportáveis. Em Salvador, segundo a PED, a educação responde por 7,4% da ocupação total, ou seja, por aproximadamente 65 mil postos de trabalho; abstraído o emprego doméstico, é a atividade que mais ocupa soteropolitanos.

A gradual e constante expansão dos serviços de educação tem duas causas fundamentais. Em primeiro lugar, as exigências crescentes de qualificação por parte do mercado de trabalho, que chega a demandar, no limite, uma formação contínua e permanente. Em segundo, a evolução da estrutura demográfica da população soteropolitana, com forte presença de adolescentes, inclusive imigrantes, demandando grande número de vagas no segundo e terceiro graus. Neste segundo caso, é de se notar a ocorrência de um "efeito onda" na demanda por níveis superiores de educação, que resulta do grande número de jovens concluindo a formação básica.

Em consequência destes movimentos, o número de escolas atuando no ensino pré-escolar e na educação fundamental (10 a 15 anos) tem diminuído, enquanto cresce a quantidade de escolas de ensino médio e superior.

No ensino de 1º e 2º graus, tradicionalmente atendido pelas escolas públicas, algumas mudanças importantes vêm ocorrendo. Aumentou a participação das escolas privadas desde os anos 80, inclusive devida à perda de credibilidade do ensino público. Elas somam hoje cerca de 750 estabelecimentos em Salvador, com objetivos, propostas metodológicas, escala (número de alunos) e preços diferenciados. Atendem a cerca de 145 mil alunos,

empregam diretamente mais de 10.000 pessoas e faturam mais de US\$ 100 milhões por ano.⁶⁷

Estas escolas privadas tendem a funcionar em bases empresariais e, num quadro de concorrência crescente, procuram modernizar e diversificar suas atividades, investindo em formação de docentes, implantação de espaços culturais (caso dos novos teatros), bibliotecas, laboratórios de informática (programas educacionais e computadores), cursos de língua estrangeira e marketing. Procuram uma escala ideal que permita operar com rentabilidade, sem prejuízo da qualidade, cada vez mais exigida pelo consumidor. Este aumento dos custos tem sido difícil de financiar, tendo em vista a inadimplência elevada na atual recessão.

A presença privada cresce ainda mais aceleradamente no ensino superior, onde a demanda explosiva não consegue ser atendida pela Universidade pública. No Nordeste, uma proporção insignificante da população em idade de 20 a 24 anos está matriculada no 3º grau. Milhões concluem o segundo grau, mas menos da metade destes jovens consegue acesso à educação superior. Na Capital baiana, o quadro não é diferente. Apesar da multiplicação do número de instituições, ainda é grande a carência de vagas no nível universitário (como também no ensino técnico), o que é comprovado pela permanência de uma elevada relação candidato/vaga nos vestibulares locais.

Esta escassez de vagas resulta num duplo prejuízo para a economia da cidade. De um lado, dificulta a exportação de serviços de educação no submercado do ensino superior. De outro, aumenta a importação local destes serviços. Calcula-se que cerca de 20 mil jovens baianos estejam estudando em outros Estados - sobretudo em Sergipe, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo - o que significa uma receita perdida da ordem US\$ 100 milhões por ano.⁶⁸

Outros submercados de grande dinamismo são o de línguas estrangeiras e o de informática. Os ramos são altamente competitivos, com presença de empresas de fora e organizações em rede, inclusive franquias. Passam por significativa renovação tecnológica, com uso crescente da Internet e multimídia. O mercado é considerável, em função da exigência de conhecimentos de inglês (e secundariamente do espanhol), bem como de conhecimentos de informática, por parte de quase todas grandes e médias empresas, mas

⁶⁷ A maior parte das informações quantitativas deste item foi fornecida por dirigentes do sindicato patronal. Suas estimativas de faturamento do ensino privado em Salvador - de R\$ 50 a R\$ 60 milhões por ano - nos parecem subestimadas.

⁶⁸ Calculando-se uma despesa média dos jovens emigrados de cerca de US\$ 500 por mês nas cidades onde estudam. O número de jovens estudantes fora foi estimado por empresários do ramo.

também porque não é restrito a uma faixa etária determinada - ainda que a faixa mais representativa deste mercado seja a de jovens estudantes. As empresas e organizações destes ramos continuam investindo, apesar da inadimplência conjuntural e da escassez de professores qualificados.

A organização do *cluster* de educação local, com o estabelecimento de alianças estratégicas e parcerias entre Universidades, escolas e outras instituições, é necessária por quatro razões:

- primeiro, em função do mais óbvio: a necessidade de desenvolver serviços de educação, especialmente no segundo grau, na formação técnica e no ensino superior, capazes de responder às imposições da nova economia no que se refere à preparação da força de trabalho; nesta direção, a revisão de currículos e conteúdos é obrigatória;
- segundo, porque as instituições de ensino - especialmente as universidades e escolas técnicas - têm um papel fundamental a desempenhar no desenvolvimento ou difusão de novas tecnologias na economia local, inclusive, mas não apenas, a partir do treinamento e da qualificação dos recursos humanos das empresas e instituições públicas locais;
- terceiro, porque a elevação da qualidade da força de trabalho local tende a repercutir na economia local também com a expansão de um empreendedorismo superior; finalmente, como já visto;
- porque Salvador tem uma tradição de exportação de serviços de ensino nos níveis médio e superior que deve ser mantida e ampliada; de um lado, atraindo estudantes que contribuam para movimentar a economia local com suas despesas de aluguel, alimentação, lazer etc.; mas, além disso, com a produção e exportação de cursos, educação a distância, material didático, inclusive a partir da utilização das novas tecnologias de multimídia.

Salvador tem perdido parte dos mercados de educação para cidades de outros Estados, e também do interior da Bahia, haja vista que o número de escolas secundárias e faculdades também cresce nas cidades baianas interioranas de porte médio. Mas a Capital pode se manter como centro de excelência e exportar esse tipo de serviço em grande escala.

7.5.3 O Cluster da Indústria de Vestuário

Apesar do Pólo Petroquímico e da força da lavoura regional do algodão, a indústria têxtil baiana regrediu e foi ultrapassada inclusive pela concorrência de outros estados do Nordeste, que se consolidaram como pólos do complexo têxtil/vestuário, a exemplo do Ceará. A rigor, já não existe praticamente na Bahia produção têxtil para fins de vestuário. As fábricas que restam produzem outros tipos de insumos: gazes medicinais, ataduras, tubos industriais, fibras químicas, estopas e sacaria.

Por outro lado, a indústria baiana de vestuário, concentrada em Salvador, tem se expandido. Segundo estimativas do Sindvest, ela conta com algo em torno de 1.200 empresas na Bahia, sendo que cerca de 450 se localizam na RMS. O Sindvest estima um total de 14.000 empregos diretos no Estado e 9.000 em sua Região Metropolitana. A PED registra 0,9% dos ocupados de Salvador na indústria de confecções (inclusive calçados), vale dizer, algo em torno de 8.000 pessoas.

Em sua quase totalidade as empresas do ramo são pequenas, com organização familiar. Boa parte delas funciona nos domicílios de seus proprietários e são informais em alta proporção. São intensivas em mão-de-obra, haja vista que apesar da inovação tecnológica em certas áreas (corte a laser e desenho por computador nas fábricas maiores), a relação básica do ramo - um costureiro/uma máquina de costura - permanece inalterada. Esta produção, baseada em pequenas empresas, necessita de um volume reduzido de investimentos para gerar empregos. O ramo pode ser considerado estratégico quando se trata de amenizar o mais grave problema social de Salvador.

A indústria regional de confecções ainda tem muito espaço para continuar crescendo, se considerado que está longe de alcançar os níveis de ocupação registrados em outras metrópoles nacionais. Estima-se que a indústria de vestuário baiana responda por apenas 20% do consumo estadual, e que suas exportações correspondem a um pequeno percentual do total produzido.

Os principais problemas enfrentados pelo ramo foram registrados em pesquisa realizada pelo SENAI: a) falta de treinamento da mão-de-obra; b) obsolescência dos equipamentos; c) dificuldades para o acesso a novos mercados; d) custos elevados; e) falta de capacidade de gerenciamento da produção; f) dificuldades para o desenvolvimento de novos produtos; g) baixa taxa de informatização e h) dificuldades para exportação.⁶⁹

⁶⁹ SENAI-Ba, Perfil da Indústria de Confecção na Bahia, Salvador: 1995.

O estudo levantou outra série de obstáculos: a) impostos elevados para a importação de máquinas; b) exigências excessivas para a tomada de empréstimos; c) concorrência predatória das empresas informais; d) instalações precárias na maior parte dos estabelecimentos e e) custos muito elevados com a manutenção de estoques de matérias-primas, principalmente tecidos.

Note-se ainda que, a exemplo do que ocorre com o segmento de calçados, o conjunto da indústria do vestuário vem se reestruturando. Esta reestruturação implica, seguindo as tendências internacionais, a segmentação da produção através da subcontratação e da terceirização de certas etapas da cadeia produtiva, tendo em vista a redução de custos das grandes empresas do ramo. Estas últimas tendem a concentrar as etapas que agregam mais: design, modelagem, administração da marca, vendas e marketing. As atividades de costura, que exigem mão-de-obra menos qualificada e apresentam menor nível de automação, ficam a cargo de pequenas empresas ou da micro indústria em domicílio.

Vários Estados do Nordeste têm aproveitado essa tendência para atrair empresas do Sul do país, que buscam incentivos fiscais associados à oferta de mão-de-obra barata.

A conjuntura atual é mais que propícia à implantação do *cluster* do vestuário em Salvador. Com efeito, além do dinamismo do empresariado local e da possibilidade de atração de novas indústrias, deve-se considerar ainda o deslocamento da concorrência estrangeira provocado pela desvalorização cambial.

Cabe ao governo local, entretanto, avançar com uma visão mais contemporânea do ramo do vestuário. Ele deixou de ser estritamente industrial, não é mais comandado pelo capital da indústria. O vestuário para consumo de massa tem relação cada vez mais estreita com os serviços e o comércio da moda. Privilegia-se a criação de grifes. O *design fashion* e o marketing passam a ser fundamentais. Os laços que se estabelecem entre as indústrias da música e do entretenimento e o negócio de roupas são cada vez mais estreitos, como se vê na própria Bahia (moda Axé, vestuário para Carnaval). A reorganização da distribuição - redes de franquia, outlet centers, consórcios de exportação - torna-se indispensável, na medida em que a conectividade entre clientes, varejistas e industriais transforma-se na chave para o crescimento do ramo.

7.6 Incentivar Indústrias Promissoras

Nos capítulos anteriores, identificaram-se alguns outros ramos da economia de Salvador que apresentam, ao mesmo tempo, dinamismo e bom potencial de geração de postos de trabalho. No final deste estudo, cabem alguns comentários sobre eles. Não têm certamente a força dos *clusters* potenciais da saúde, educação e indústria do vestuário, mas podem ser incentivados com perspectiva de grande retorno.

7.6.1 Indústria de Alimentos

Responsável por 1,2% da ocupação em Salvador, ou seja, 11.500 postos de trabalho, é um dos setores menos estudados na Bahia. Constitui-se basicamente de indústrias de pequeno porte, sobretudo padarias, com frequência informais. Opera na maior parte dos casos com baixa qualidade de produtos e controle inadequado ou inexistente de condições sanitárias.

A informalidade bloqueia o desenvolvimento desta indústria, pois as microempresas não conseguem acesso a mercados mais importantes, especialmente a supermercados. Elas não têm vistoria de órgãos reguladores e seus produtos não se enquadram nas normas técnicas apropriadas: embalagem, boa apresentação, higiene e código de barras.

O Sebrae oferece cursos de qualificação, mas não vem dando conta da demanda de formação de gerentes e operários. A maior parte do treinamento é feito ainda de forma tradicional, *no trabalho*. As microempresas do ramo queixam-se ainda de: a) dificuldades de acesso ao crédito, que é vital para a inadiável modernização de máquinas e equipamentos; b) carga tributária muito elevada; c) burocracia na formalização; e d) como consequência do peso dos tributos e dos obstáculos à formalização, proliferação de empresas clandestinas que exercem concorrência desleal contra as firmas legalizadas.

Do ponto de vista da escala de produção e da concentração do capital, o segmento mais importante da indústria de alimentos de Salvador está na cadeia indústria de trigo/fabricação de massas e biscoitos. Este segmento emprega cerca de 1.300 soteropolitanos, em grandes unidades localizadas na Capital e em Simões Filho.

Os moinhos e as fábricas de massas e biscoitos locais vêm perdendo competitividade. A queixa principal, é mais uma vez, a carga de impostos, superior à de outros Estados. As empresas não têm investido na modernização de máquinas e equipamentos também por falta de incentivos para a importação de bens de capital e escassez de linhas de crédito

dirigidas para o ramo. A tributação sobre a produção local da principal matéria-prima, a obsolescência tecnológica e a falta de fornecedores locais para insumos importantes (gordura hidrogenada e até sacos plásticos são importados de outros estados), têm reduzido as exportações e ameaçado marcas tradicionais (Águia, Tupy e outras) de desaparecimento.

Uma estratégia para a indústria local de alimentos pode ser definida em cinco objetivos:

- incentivar a formalização de microempresas, a melhoria da qualidade e a capitalização em pequenos negócios;
- recuperar o segmento local de trigo/massa/biscoitos, com ações que permitam associar a redução de custos com a busca de novos (e antigos) mercados;
- favorecer o lançamento de produtos territoriais para públicos específicos, a partir da gastronomia regional;
- acompanhar a tendência geral de agregar valor aos produtos básicos;
- dirigir esforços não somente para a produção, mas também - e talvez principalmente - para a logística e distribuição.

7.6.2 Indústria Editorial, Gráfica e Multimídia

Esta indústria responde por 0,6% da força de trabalho soteropolitana ocupada (5.300 pessoas) e é uma das poucas atividades "secundárias" que têm conhecido expansão absoluta de emprego.

A indústria gráfica compõe-se de diferentes segmentos de atividades, que ofertam grande variedade de produtos e apresentam diferentes formas de organização industrial.

Segundo o SIGEB (Sindicato das Indústrias Gráficas do Estado da Bahia), existem cerca de 300 gráficas em Salvador, ocupando mais ou menos 3.000 trabalhadores. As empresas de pequeno porte predominam e apenas umas vinte firmas empregam mais de 30 funcionários. As gráficas soteropolitanas trabalham basicamente com impressos promocionais (cartazes, folhetos, catálogos, calendários, relatórios, anuários, *folders*, *inserts*, *displays* etc.) e comerciais (talões, blocos de notas fiscais, papel de carta e outros artigos de papelaria). O segmento editorial também é relevante, com a produção de jornais, revistas, tablóides, livros e outros bens. No segmento embalagens gráficas, proliferam empresas produtoras de sacolas e rótulos.

O tipo de empresa que mais cresce é a chamada "gráfica rápida". São empresas pequenas, que em muitos casos realizam apenas parte do processo produtivo e têm maior proximidade com o público em geral, vale dizer, consumidores que consomem pequenos lotes de encomendas personalizadas. Frequentemente, são também empresas copiadoras. Operam com máquinas de cópia que imprimem diretamente do computador, com limitações na qualidade e na quantidade produzidas. Assim, têm recorrido com alguma frequência à terceirização de suas encomendas para gráficas maiores. Muitas vezes também não realizam o acabamento final, transferindo esta tarefa para terceiros.

Os obstáculos enfrentados pelas gráficas soteropolitanas são: a) impostos elevados na importação de maquinaria e falta de financiamento para esta importação; b) alíquota elevada do ISS (empresas vêm migrando para municípios vizinhos que oferecem taxas menores); c) oferta insuficiente de mão-de-obra especializada, o que implica menor produtividade e eleva os custos de produção, e isto apesar da atuação do SENAI; d) nível inadequado de capacidade gerencial dos empresários.

O potencial do complexo editorial, gráficas e multimídia é enorme. A publicação impressa tem crescido em todo o mundo, a despeito dos avanços da indústria de comunicação eletrônica. Isto parece indicar que as duas indústrias - impressa e virtual - têm crescimento correlacionado. Dois fatores contribuem especialmente para a expansão desse complexo. De um lado, os crescentes gastos com propaganda e publicidade; de outro, o incremento da capacidade de leitura da população, que acompanha as maiores exigências do sistema educacional.

O Governo Municipal deve estar particularmente atento às mutações na indústria editorial e gráfica, que decorrem das inovações nas áreas da multimídia. Parte importante da indústria de multimídia resulta exatamente da convergência de novos campos de atividade em telecomunicações e informática com a imprensa e a indústria editorial tradicionais. Nesta interseção estão, por exemplo, a literatura *on-line*, os materiais de treinamento e educação *on-line* ou a imprensa eletrônica. Muitas das "velhas mídias", inclusive empresas jornalísticas, de publicidade e de relações públicas, estão tentando desenvolver sua própria capacitação multimídia. Este processo também afeta, indireta e diretamente, toda a indústria gráfica tradicional.

É necessário apoiar a indústria local na absorção destas novas tecnologias, como condição para a produção local destes novos bens e serviços. Este apoio se traduz concretamente em:

- incrementar a formação em multimídia no ensino secundário e superior, formando não só técnicos, mas também *artistas*;
- lutar para a obtenção dos financiamentos necessários para a modernização do parque industrial local;
- apoiar o desenvolvimento da produção, comercialização e distribuição da multimídia local.

7.6.3 Indústria de Mobiliário e Artigos de Madeira

A produção de móveis e de outros produtos de madeira também responde por 0,6% da ocupação em Salvador, o que significa pouco mais de 5.000 postos. Em termos absolutos, a ocupação tem crescido no ramo.

Ele é composto de serrarias, empresas que produzem bens finais para imóveis feitos total ou parcialmente em madeira, incluindo janelas, portas e armários, e firmas produtoras de mobiliário.

O Governo Estadual lançou um programa de incentivos a empresários interessados na constituição de um pólo moveleiro regional, buscando o aproveitamento das florestas cultivadas no Extremo-Sul e no Norte do Estado. O Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, instituição soteropolitana, é uma das organizações já beneficiadas. O mercado potencial é relevante, tendo em vista a possibilidade de substituição de importações e as perspectivas de exportação do *design Bahia* para outras regiões.

A recuperação da construção civil residencial deve impactar também favoravelmente sobre o segmento especializado em equipamentos para residências.

O desenvolvimento desse tipo de indústria em Salvador pode contar ainda com as sinergias decorrentes de alianças com o comércio varejista local, escritórios de arquitetura e *design*, e determinadas instituições de ensino e formação: SENAI, Liceu, UFBA (faculdades de Arquitetura e Belas Artes, curso de Decoração).⁷⁰

7.6.4 Indústria Plástica

A indústria de transformação de materiais plásticos, que constitui a chamada "terceira geração" da petroquímica, ainda é pouco desenvolvida em Salvador e na RMS. Das quase

⁷⁰ Sobre estas possibilidades, ver "Especial Arquitetura e Decoração", *Gazeta Mercantil*, *Gazeta da Bahia*, 7, 8 e 9 de maio de 1999, p. 1.

6.000 empresas brasileiras do ramo, apenas 65 estão na Bahia; destas poucas dezenas, boa parcela consiste em micro empresas de produtos artesanais, basicamente em acrílico.

No entanto, esta é uma das atividades que mais cresce no mundo, em razão da progressiva substituição de vários tipos de materiais por produtos plásticos em bens industriais diversos: embalagens, brinquedos, automóveis, eletrodomésticos, materiais de construção e outros.

Considerando a possibilidade de uma crise na indústria petroquímica baiana, em razão da crescente concorrência mundial e da redução dos seus mercados externos, o Governo Estadual decidiu implantar um novo programa de estímulo para a indústria de transformação de plásticos - o Bahiaplast. O programa, que resulta de uma parceria envolvendo a FIEB, as empresas do Pólo de Camaçari e o Governo, tem como objetivo principal atrair indústrias nacionais e internacionais, oferecendo incentivos fiscais, matérias-primas a preços subsidiados e serviços de apoio.

Salvador pode, em princípio, beneficiar-se deste programa para ampliar sua pequena indústria plástica. Esta indústria, que ocupa diretamente poucos trabalhadores, está constituída hoje basicamente por algumas poucas dezenas de pequenas empresas, que produzem insumos para a construção civil (tanques e telhas especiais, etc.), utilidades domésticas e artigos para escritório.

7.6.5 Serviços de Comunicação e Diversão

Este ramo já responde por 2,5% da ocupação em Salvador (22.000 pessoas) e é um dos que tem apresentado taxas expressivas de crescimento, tendo dobrado de tamanho, em termos de pessoal ocupado, entre 1987-88 e 1996-98.

Em Salvador, estes serviços já são razoavelmente diversificados, existindo desde as grandes empresas de TV, até pequenas empresas de FM, sonorização e produção de eventos. Boa parte do setor, entretanto, ainda não se organiza empresarialmente, sendo formado por companhias informais, trabalhadores por conta própria e autônomos. É o caso especialmente dos segmentos de arte cênica e produção de espetáculos. Além disso, a prática da terceirização informal de serviços técnicos é generalizada.

As principais queixas se repetem: a) tributação elevada (ISS), com deslocamento para outros municípios em razão da guerra fiscal; b) falta de financiamento para a compra e manutenção de equipamentos; c) dificuldades para encontrar mão-de-obra especializada;

e, caso específico, d) necessidade de uma política ainda mais vigorosa no campo do incentivo às artes e à cultura.

O ramo certamente demandará maior número de profissionais qualificados atuando em áreas diversas. Como a aplicação de tecnologias da informação afetará radicalmente os processos de criação, produção e distribuição, a carência será especialmente grande de técnicos, *diretores e artistas*, capacitados nas áreas digitais. Daí a necessidade de investir urgentemente numa infra-estrutura de capacitação e treinamento local.

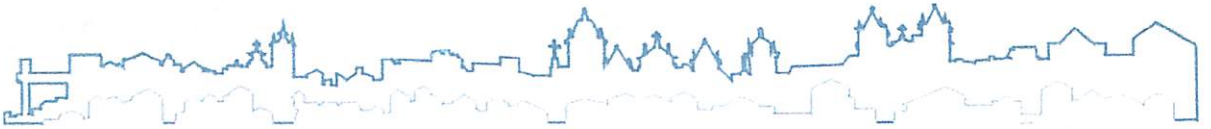
7.6.6 Construção Civil

Já foram abordados alguns dos problemas que afetam este setor que absorve 4,8% das pessoas ocupadas em Salvador, um total de aproximadamente 42.000 pessoas. Seu potencial de emprego é, contudo, muito maior. O ramo enfrenta como principais obstáculos a redução significativa das obras públicas e do mercado formal de construção de habitações. Em ambos os casos, os Governos locais têm pouco a fazer.

A recuperação da construção civil pesada depende da retomada do investimento público. Esta, por sua vez, é função da resolução da crise fiscal do país. As empresas de Salvador podem, todavia, beneficiar-se dos grandes projetos previstos para a RMS - a montagem industrial das fábricas da Mosanto e do complexo Ford, a construção do Metrô, a continuidade das obras de saneamento, com o prosseguimento do Bahia Azul.

A recuperação da construção civil residencial depende basicamente de dois fatores: a) redução do estoque de imóveis disponíveis, ampliado com o último *boom*, no início dos anos 90 (processo que começou antes de 1998); e b) a redução das taxas de juros para os financiamentos habitacionais, no contexto de um novo Sistema de Financeiro Imobiliário. O Governo Federal tem adotado algumas medidas importantes nesta área e o empresariado tem se mostrado otimista (ver, por exemplo, a Resolução n.º 2623 do Conselho Monetário Nacional, de 29/07/99, que estimula a queda de juros para os financiamentos da construção imobiliária).

Quanto à produção e ao comércio de materiais de construção, devem continuar sendo sustentados pelo "consumo-formiga", financiado por créditos de curtíssimo prazo (cheques pré-datados). Neste sentido, também contribuem os programas da Caixa Econômica Federal para a aquisição de materiais com base no "Construcard" e em cartas de crédito sustentadas no FGTS.



Anexos



Dados Suplementares sobre Renda e Consumo na RMS e em Salvador

QUADRO 1

Distribuição dos Rendimentos Mensais das Famílias por Faixas de Rendimento Mensal na RMS, 1977

QUADRO 2

Distribuição dos Rendimentos Mensais das Pessoas com 10 Anos ou Mais de Idade, por Faixas de Rendimento Mensal na RMS, 1997

QUADRO 3 Distribuição do Rendimento Real Trimestral dos Ocupados - Regiões Metropolitanas de Salvador e São Paulo (R\$ de Março 98)

QUADRO 4

Gasto Anual da População de Salvador por Item de Consumo em 1998

QUADRO 5

Gasto Mensal da População de Salvador por Item de Consumo em 1998

QUADRO 6

Posse de Bens na RMS por Classes de Faixa de Renda, 1997

QUADRO 1
Distribuição dos Rendimentos Mensais das Famílias por Faixas de Rendimento Mensal na RMS, 1977

Faixas de Renda	N. de Famílias Residentes em Domicílios Particulares	(%)	Valor do Rendimento Médio Mensal (R\$)	Estimativa de Rendimentos por Faixa (R\$ Milhões)
Até 1 SM	92.094	11,73	105	9.670
+ de 1 a 2 SM	113.817	14,50	195	22.194
+ de a 3 SM	106.376	13,55	305	32.445
+ de a 5 SM	136.177	17,34	480	65.365
+ de a 10 SM	134.297	17,10	859	115.361
+ de 10 a 20 SM	72.427	9,22	1.678	121.533
Mais de 20 SM	69.733	8,88	5.046	351.873
Sem rendimento	40.977	5,22		
Sem declaração	19.245	2,45		
Total	785.143	100,00	938	736.464

Fonte: IBGE, PNAD 1997

QUADRO 2
Distribuição dos Rendimentos Mensais das Pessoas com 10 Anos ou Mais de Idade, por Faixas de Rendimento Mensal na RMS, 1997

Faixas de Renda	N. de Pessoas	(%)	Valor do Rendimento Médio Mensal (R\$)	Estimativa de Rendimentos por Faixa (R\$ Milhões)
Até ½ SM	71.193	3,14	40	2.848
+ de ½ a 1 SM	290.761	12,81	113	32.856
+ de 1 a 2 SM	277.712	12,24	187	51.932
+ de 2 a 3 SM	173.630	7,65	302	52.436
+ de 3 a 5 SM	180.048	7,93	477	85.883
+ de 5 a 10 SM	143.001	6,30	879	125.698
+ de 10 a 20 SM	75.949	3,35	1.700	129.113
Mais de 20 SM	56.903	2,51	4.495	255.779
Sem rendimento	978.431	43,11		
Sem declaração	21.940	0,97		
Total	2.269.568	100,00	328	744.418

Fonte: IBGE, PNAD 1997

QUADRO 3

**Distribuição do Rendimento Real Trimestral dos Ocupados -
Regiões Metropolitanas de Salvador e São Paulo (R\$ de Março 98)**

%	RMS	RM de São Paulo
10 % ganham até	80	180
25% ganham até	120	300
50% ganham até	251	494
75% ganham até	553	904
90% ganham até	1.205	1.999

Fonte: PED

QUADRO 4

**Gasto Anual da População de Salvador por Item
de Consumo em 1998**

Item de Consumo	Valor (R\$ mil)
Carne vermelha	119.004
Derivados de leite	54.840
Óleo comestível	66.336
Refrigerantes	62.232
Higiene pessoal	135.888
Produtos de limpeza	29.820
Eletrodomésticos	236.532
Roupas masculinas	98.316
Roupas femininas	120.324
Aquisição de veículos	723.876

Fonte: Gazeta Mercantil, Balanço Anual 98, Bahia

QUADRO 5**Gasto Mensal da População de Salvador por Item de Consumo em 1998**

Item de Consumo	Valor (R\$ mil)
Alimentação	105.139
Carne Vermelha	8.916
Carnes e peixes industrializados	5.267
Leites e derivados	11.691
Panificados	12.259
Refrigerantes, cervejas e outras	12.806
Almoço e jantar fora de casa	8.684
Habitação	93.103
Aluguel	12.865
Impostos e taxas	36.476
Manutenção do lar	15.448
Artigos de limpeza	3.643
Mobiliário e artigos do lar	8.762
Eletrodomésticos	13.603
Vestuário	26.884
Transporte	46.482
Urbano	18.953
Veículo próprio: combustível	9.131
Veículo próprio: manutenção	6.733
Aquisição de veículo	24.071
Viagens	7.470
Higiene e cuidados pessoais	9.684
Assistência à saúde	29.328
Seguro saúde	10.606
Remédios	9.315
Educação	26.670
Cursos regulares	17.477
Recreação e cultura	11.621
Serviços pessoais	5.026

Fontes: PED e POF (IBGE), nossos cálculos

QUADRO 6
Posse de Bens na RMS por Classes de Faixa de Renda, 1997

Bens	Total	Até 1 SM	Mais de 1 a 2	Mais de 2 a 3	Mais de 3 a 5	Mais de 5 a 10	Mais de 10 a 20	Mais de 20
Fogão	97,7	92,3	95,8	98,5	98,9	99,1	99,4	100,0
Filtro de água	70,1	52,3	51,5	61,3	69,7	78,7	88,8	94,7
Rádio	93,5	85,0	87,3	93,1	95,0	97,5	98,3	99,4
Televisão	93,2	82,9	84,6	92,7	95,1	98,9	99,2	100,0
Geladeira	89,4	69,4	78,2	86,7	93,1	97,7	99,2	99,4
Freezer	18,1	3,5	3,3	5,8	8,3	18,5	35,4	67,4
Máquina de lavar roupa	22,8	2,3	3,9	4,9	10,2	29,3	55,2	75,4
Iluminação elétrica	99,7	99,4	99,7	98,8	100,0	100,0	100,0	100,0
Telefone	40,3	8,7	9,3	14,6	42,2	59,3	79,1	93,7

Fonte: PNAD, Cálculos da Equipe